

Heraclides himeros baia (Rothschild & Jordan, 1906)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B1ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Heraclides himeros baia ocorre em floresta aberta até matas mais secas, de 300 a 900 m de altitude. Voam rápido e devem precisar de áreas amplas para manter colônias viáveis. Planta hospedeira e imaturos são desconhecidos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ocorria em uma área ampla iniciada nas serras do sul da Bahia, com um registro em Santa Maria do Tocantins (TO). Poucos pontos isolados nas serras do Sul da Bahia (Caitité, Palmares).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e degradação de hábitat.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localização de novas colônias e proteção integral de seus habitats. Estudos de ecologia e história natural para embasar estratégias de manejo.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

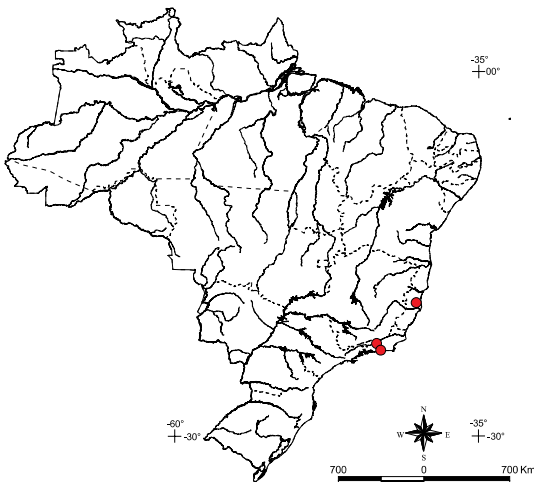
Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIA

189.

Autores: *Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas*





Heraclides himeros himeros (Hopffer, 1865)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: ES (CR); RJ (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): EN – B2ab(i, ii, iii)

INFORMAÇÕES GERAIS

Heraclides himeros himeros ocorre nas planícies costeiras (incluindo morros) até os vales mais no interior dos Estados do Rio de Janeiro (vale do Paraíba) e Espírito Santo, em altitudes de 0 até 200 m. Dados de biologia e história natural estão em Tyler *et al.* (1994), com descrição de sua planta hospedeira e de imaturos. Tem vôo muito rápido e vigoroso, e deve precisar de áreas grandes para manter colônias viáveis. As populações conhecidas têm as menores estimativas de tamanho dentre todas as espécies de Papilionidae com tamanho populacional avaliado.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Desde o sul do litoral do Rio de Janeiro (Niterói - onde era freqüente no topo do morro do Cavalão) até a região de Linhares, Espírito Santo. Poucas colônias no vale do Paraíba, no rio de Janeiro (Avelar, Niterói) e na costa do Espírito Santo (Linhares).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Degradação e destruição de seus habitats, incluindo a retirada de sua planta hospedeira, de madeira cobiçada.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localização de novas colônias e recenseamento das já conhecidas, com manutenção e proteção integral de seus habitats.

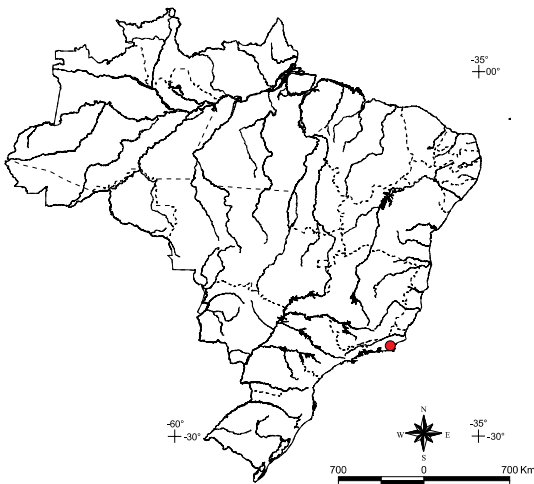
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

137 e 189.

Autores: Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas



Mimoides lysithous harrisianus (Swainson, 1822)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: RJ (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B2ab(i, ii, iii, iv)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Mimoides lysithous harrisianus tem os mesmos habitats que seu modelo, também ameaçado, *Parides ascanius*, mas é muito mais restrita geograficamente (restingas da parte central do Estado do Rio de Janeiro, ca. de 0 m de altitude). Os adultos voam em flores das bordas da mata, e passam boa parte do dia pousados na vegetação, dentro da mata. A planta hospedeira *Annona acutiflora* (Annonaceae) e os imaturos estão descritos em Tyler *et al.* (1994). A espécie não foi observada por anos, entre 1950 e 1977, quando foi redescoberta em sua única colônia conhecida.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Distribuição pretérita: litoral central do Estado do Rio de Janeiro, inclusive na cidade do Rio de Janeiro.
Distribuição atual: apenas uma localidade no Rio de Janeiro (São João da Barra, Silva Jardim).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

REBIO de Poço das Antas (RJ).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Degradação e destruição de seus habitats.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localizar colônias, se ainda existentes; proteção integral de seus habitats, estratégias efetivas de proteção e manejo da colônia em Poço das Antas.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

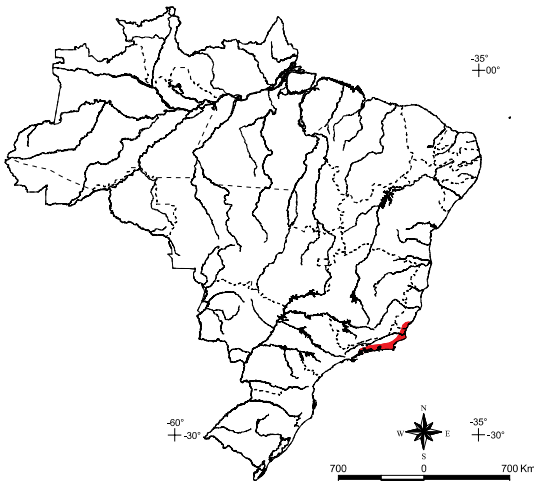
Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

137 e 189.

Autores: *Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas*





Parides ascanius (Cramer, 1775)

NOME POPULAR: Borboleta

SINONÍMIAS: *Parides orophobus* D'Almeida, 1942;

Papilio neascanius Toxopeus, 1951

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: RJ (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): VU

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – A1abc; B2ab(i, ii, iii, iv)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Parides ascanius é conhecida no campo e em criações em borboletário. Ocorre apenas nas matas de restinga paludosa do Rio de Janeiro e no extremo sul do Espírito Santo, próximas à cota de 0 m. A espécie é monófaga e as larvas se alimentam apenas em *Aristolochia macroura* (Aristolochiaceae). Os adultos têm vida relativamente curta (ca. de duas semanas a um mês) e baixo poder de dispersão. Ocorrem em todos os meses do ano. A espécie é facilmente criada em cativeiro.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Distribuição pretérita: restrita às áreas de restinga paludosa desde o sul do Rio de Janeiro até o extremo sul do Espírito Santo. Sem evidências de que a distribuição atual seja distinta da pretérita.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

REBIO de Poço das Antas (RJ).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Degradação e destruição dos habitats remanescentes.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Preservação integral do hábitat de todas as populações remanescentes; recuperação de hábitat adjacente às colônias maiores; manejo de populações isoladas; promover a conectividade entre as populações conhecidas; inclusão da espécie em programas de educação ambiental; criação em cativeiro para reintrodução em áreas de ocorrência pretérita.

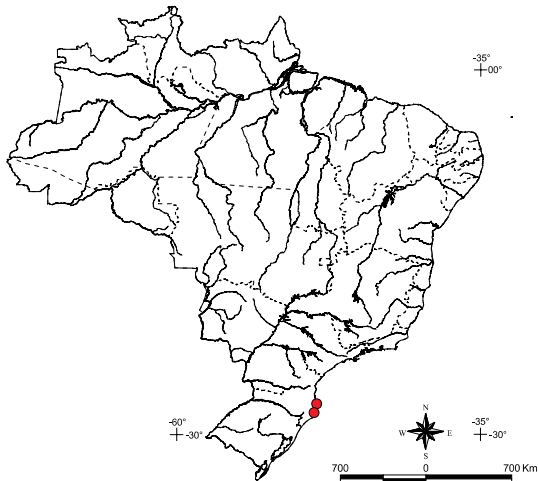
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP); Luis S. Otero (Pesquisador autônomo).

REFERÊNCIAS

136, 137 e 189.

Autores: *Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas*



Parides bunichus chamissonia (Eschscholtz, 1821)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Parides bunichus chamissonia habita as matas de encosta de morros costeiros no litoral de Santa Catarina, de 0 a 50 m de altitude. A planta hospedeira e os imaturos são desconhecidos. Deve competir diretamente com outras três espécies do grupo, que são mais comuns e agressivas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Distribuição pretérita: uma faixa estreita no litoral de Santa Catarina. Distribuição atual: conhecida de duas populações no sul de Santa Catarina (Florianópolis e Imbituba – Praia do Rosa).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Degradação e destruição dos habitats.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localização de novas populações e proteção integral de seus habitats.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

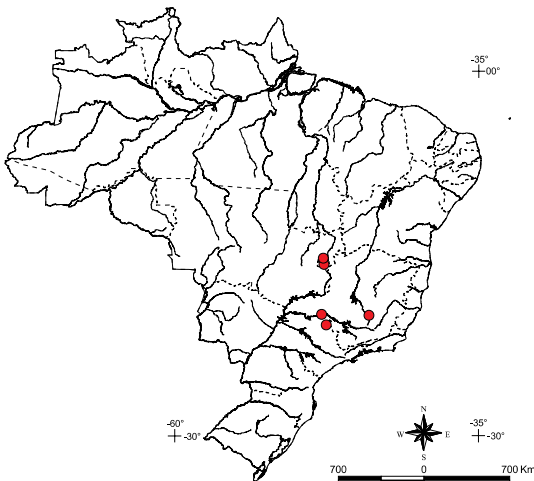
Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIA

189.

Autores: *Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas*





Parides burchellanus (Westwood, 1872)

NOME POPULAR: Borboleta

SINONÍMIAS: *Papilio numa* Boisduval, 1836 (pré-ocupado); *Papilio socama* Schaus, 1902; *Papilio jaguarae* Foetterle, 1902.

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: MG (EN); SP (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2006): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B2ab(ii, iii, iv)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Parides burchellanus é conhecida de poucos lugares no Cerrado, altitudes de 800 a 1.000 m, freqüenta as matas de galeria, voa normalmente ao longo e sobre um curso d'água. Biologia com dados não publicados e a planta hospedeira, *Aristolochia chamissonis* Duchartre (Aristolochiaceae), distribui-se ao longo de córregos de água. Sexos praticamente semelhantes, sendo o macho diferenciado da fêmea pela presença de escamas odoríferas esbranquiçadas ao longo da margem anal da face dorsal da asa posterior. Ocorre durante todo o ano.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida dos Estados de Minas Gerais: Brumadinho, Uberaba; Distrito Federal: Planaltina; Goiás: Planaltina de Goiás; e São Paulo: Batatais.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Eventualmente no PE da Serra do Rola Moça (MG), considerando que um dos locais de sua observação está em área contígua ao referido Parque, no município de Brumadinho (MG).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu habitat natural e o desmatamento. Como a distribuição da espécie está relacionada com os cursos d'água, em função da planta hospedeira, deve-se considerar também, como ameaça, a poluição dos córregos.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do habitat onde a espécie ocorre, incluindo os cursos d'água, o que certamente também é válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP); Fernando Campos e Ivan Pimenta (Jardim Zoológico de Belo Horizonte/MG).

REFERÊNCIAS

27 e 30.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*



Parides lysander mattogrossensis (Talbot, 1928)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B1ab(ii, iii) + 2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Parides lysander mattogrossensis ocorre em matas ciliares densas. Comportamento similar ao de outros *Parides*, voando dentro da mata. Pouco se sabe sobre seus hábitos e história natural. As plantas hospedeiras e os imaturos são desconhecidos. Ocorre isoladamente em escarpas de chapadões entre o Pantanal e a bacia amazônica.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Região central do Estado de Mato Grosso: Buriti, na Chapada dos Guimarães.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA da Chapada dos Guimarães (MT).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Degradação e destruição dos seus habitats.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localização de novas colônias e proteção integral de seus habitats.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).



REFERÊNCIA

189.

Autores: *Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas*



Parides panthonus castilhoi D'Almeida, 1967

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Papilionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: SP (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Parides panthonus castilhoi habita galerias de pequenos tributários em matas ciliares do rio Paraná. Pouco se conhece sobre hábitos e história natural. Em cativeiro, os imaturos se alimentaram em *Aristolochia arcuata*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Matas de galeria do rio Paraná, no oeste de São Paulo (hoje submersas por represamento do rio). Uma única colônia conhecida próxima ao município de Castilho (SP).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A única colônia conhecida está fora de área de preservação e sujeita a todos os tipos de ameaça possíveis na região (desmatamento, inundação, agrotóxicos, poluição e degradação do hábitat).

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localização de colônias viáveis; manejo e monitoramento da colônia conhecida, em Castilho (SP); preservação integral de seus habitats remanescentes.

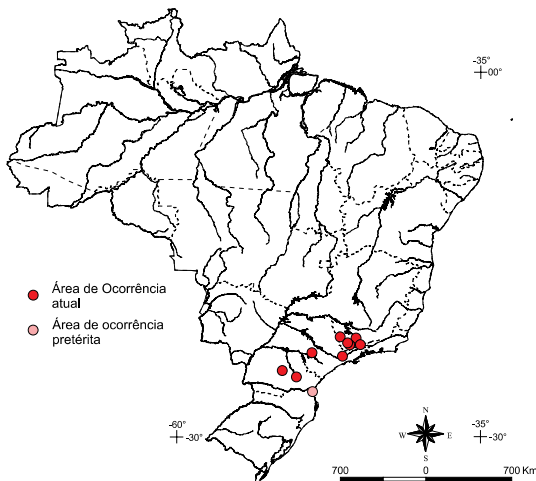
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIA

189.

Autores: *Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas*



Charonias theano theano (Boisduval, 1836)

NOME ATUAL: *Charonias theano*

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Pieridae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: MG (CR); PR (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B1ab(i, ii, iii, iv)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Charonias theano é conhecida de poucas localidades dentro de florestas primárias, como também em vegetação secundária alta com flores de onde obtém néctar. Toleram diferenças climáticas acentuadas, a julgar por sua distribuição geográfica. Os sexos são dimórficos, sendo a coloração geral no macho, preto, e na fêmea, castanho, e mimetizam espécies de *Actinote* Hübner (1819). Os machos podem ser observados em solos úmidos, sugando sais minerais necessários à sua vida. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas, no entanto, outra espécie do mesmo gênero alimenta-se de erva de passarinho (Loranthaceae).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Distribuição pretérita: Joinville (SC), onde não foi mais vista desde a segunda metade do século passado, embora sempre tenha havido estudos nesta localidade, razão de se supor o seu desaparecimento. Distribuição atual: Poços de Caldas, Cambuquira, Passa Quatro, Conceição dos Ouros, Pouso Alegre, em Minas Gerais; Cândido de Abreu e Ponta Grossa, no Paraná; Avaré e São Paulo, em São Paulo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu habitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a preservação do habitat onde a subespécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim



como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

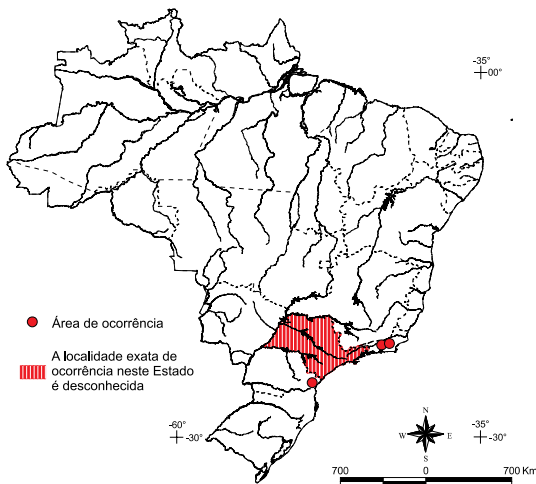
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

117 e 127.

Autores: *Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke*



Hesperocharis emeris emeris (Boisduval, 1836)

NOME ATUAL: *Hesperocharis emeris*

NOME POPULAR: Borboleta

SINÓNIMIAS: *Hesperocharis catasticta* (Röber, 1909)

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Pieridae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: PR (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Hesperocharis emeris é conhecida de poucos exemplares de alguns lugares na Mata Atlântica, em altitudes entre 300 e 1.600 m. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas. Os sexos são semelhantes. Os machos podem ser observados em topos de morro onde defendem território à procura de fêmea para acasalar. É uma espécie de difícil distinção, na natureza, da espécie *Melete lycimnia flippantha* (Fabricius, 1793) (Pieridae).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Conhecida do Rio de Janeiro: Petrópolis (800 m), Nova Friburgo (1.600 m); do Paraná: Morretes (300 m) e de São Paulo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição de seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a subespécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

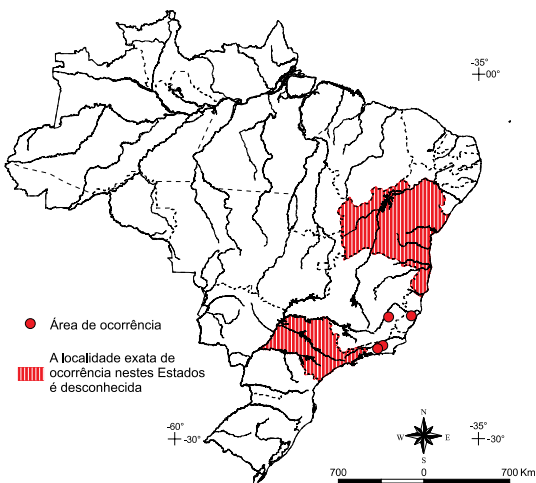
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

27 e 127.

Autores: *Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke*



Moschoneura methymna (Godart, 1819)

NOME ATUAL: *Moschoneura pinthous methymna* (Godart, 1819)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Pieridae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: ES (VU); MG (VU); RJ (VU); SP (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Moschoneura pinthous methymna é uma espécie conhecida de poucos lugares úmidos dentro da Mata Atlântica, entre o nível do mar até 1.100 m de altitude, sempre ao longo de pequenos córregos nas encostas das serras; no entanto, sua identificação não é muito fácil, pois, como não possui defesa natural, mimetiza várias espécies de Ithomiinae (Nymphalidae), obtendo assim defesa contra predadores. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas. Os sexos são semelhantes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Conhecida da Bahia; Santa Tereza (ES); Raul Soares (MG); São Paulo; e Rio de Janeiro: Petrópolis, Teresópolis, Duque de Caxias (Xerém), Magé (Vila Inhomirim).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA da Serra dos Órgãos (RJ); Estação Biológica de Santa Luzia e REBIO A. Ruschi (ES).



PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição de seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para descobrir sua real distribuição geográfica.

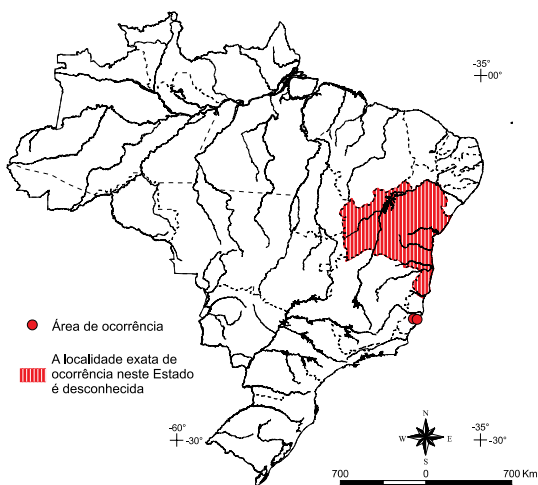
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

27 e 123.

Autores: *Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke*



Perrhybris flava Oberthür, 1896

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Pieridae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: ES (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B1ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Perrhybris flava é conhecida de poucos lugares dentro de florestas primárias da Mata Atlântica do Espírito Santo. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas. Os sexos são dimórficos, sendo a coloração geral, na face dorsal do macho, amarelo, com ápice da asa anterior e margem externa da asa posterior pretos; a fêmea é mimética com espécies de *Heliconius* – grupo Ethilla, ou seja, com linhas longitudinais alaranjadas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida da Bahia e do Espírito Santo: Santa Leopoldina, Serra (Campinho da Serra).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo também são necessários para esclarecer a real distribuição geográfica.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

27 e 157.

Autores: *Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke*



Parapoynx restingalis Da Silva & Nessimian, 1990

NOME POPULAR: Mariposa

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Pyralidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: RJ (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Parapoynx restingalis é uma mariposa conhecida de poucos lugares em mata de restinga na faixa litorânea entre o norte do Rio de Janeiro e o sul da Bahia, em área de grande expansão imobiliária. Biologia e planta(s) hospedeira(s) desconhecidas. Sexos semelhantes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida dos Estados da Bahia: Nova Viçosa; e do Rio de Janeiro: Maricá, Arraial do Cabo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.



PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat natural e o desmatamento, além da expansão imobiliária.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

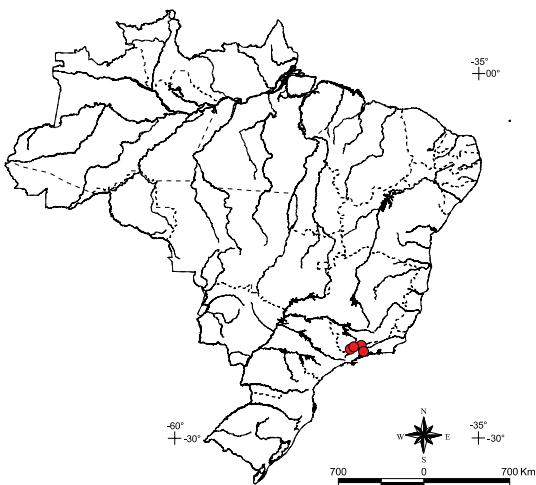
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Vitor O. Becker (Pesquisador autônomo); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP); Elidiomar R. da Silva e Jorge L. Nessimian (UFRJ).

REFERÊNCIA

152.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*



Eucorna sanarita (Schaus, 1902)

NOME ATUAL: *Voltinia sanarita*

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Riodinidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: SP (VU); RJ (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Voltinia sanarita é uma espécie conhecida de poucos exemplares e de alguns lugares de floresta úmida na Mata Atlântica, em altitudes ao redor de 1.200 a 1.400 m. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas. Os sexos são dimórficos, sendo o macho dorsalmente cinza, enquanto a fêmea é marrom. Os machos, entre 13h00 e 15h00, voam a cerca de 2 a 3 m de altura, marcam e defendem seu território a fim de conseguir uma fêmea para cópula, expulsando qualquer intruso, eventualmente também de outra espécie de borboleta de seu porte. Todos os exemplares conhecidos foram coletados no período do verão. O nome da espécie mudou para *Voltinia sanarita* após a publicação da lista oficial.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida dos Estados do Rio de Janeiro: Itatiaia (Maromba), Teresópolis e Petrópolis; São Paulo: Campos do Jordão, Bananal, Delfim Moreira; e Minas Gerais: Passa Quatro.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA do Itatiaia (RJ); PARNA da Serra da Bocaina (SP).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

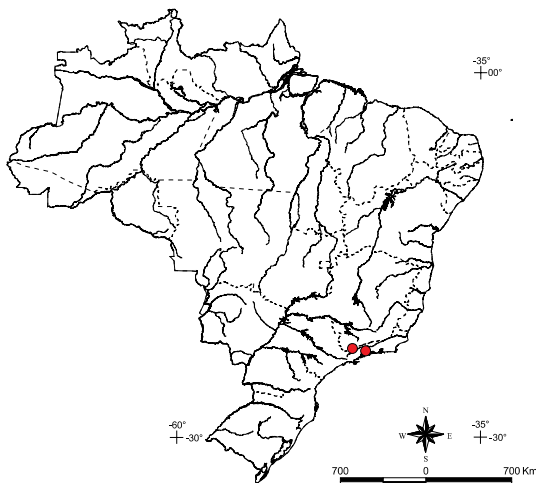
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

27 e 137.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*



Euselasia eberti Callaghan, 1999

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Riodinidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B1ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Euselasia eberti foi recém descrita e conhecida de somente dois lugares em florestas de altitude da Mata Atlântica, em altitudes ao redor de 1.800 m. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas, assim como a fêmea.



DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida de São Paulo: Campos do Jordão (Umuarama) e Bananal (serra da Bocaina).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA da Serra da Bocaina e eventualmente no PE de Campos do Jordão (SP), próximo a Umuarama, um subúrbio de Campos do Jordão.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

34.

Autores: *Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke*



Nirodia belphegor (Westwood, 1851)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Riodinidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: MG (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): EN

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B1ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Nirodia belphegor foi registrada em poucas colônias em regiões de campo rupestre em Minas Gerais, acima de 1.000 m de altitude. As fêmeas são semelhantes aos machos. Machos pousam no chão de asas abertas, aparentemente defendendo território (necessita mais estudos). Imaturos e planta hospedeira desconhecidos.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Poucos pontos conhecidos na serra do Espinhaço: Jaboticatubas e Catas Altas (Caraça), Minas Gerais. Apenas dois registros dentro de Unidades de Conservação.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA da Serra do Cipó e RPPN do Caraça (MG).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Degradação e destruição do hábitat.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Identificação de mais localidades de ocorrência da espécie e preservação imediata dos habitats onde ocorre.

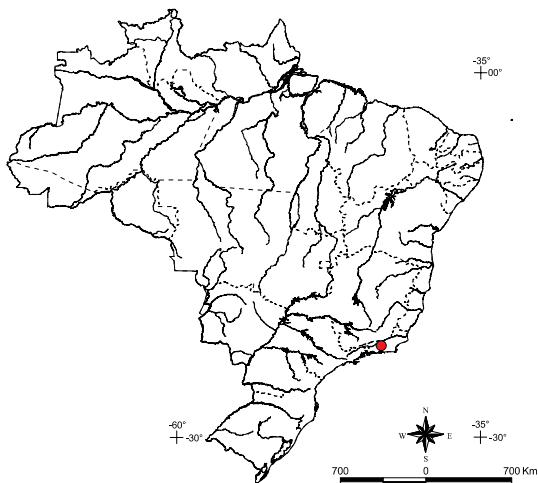
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIA

124.

Autores: *André V. L. Freitas e Keith S. Brown Jr.*



Panara ovifera Seitz, 1916

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Riodinidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B1ab(ii, iii) + 2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Panara ovifera é uma espécie conhecida de poucos exemplares e somente de um lugar em floresta de altitude, a 1.500 m, na Mata Atlântica. Sua biologia e planta(s) hospedeira(s) são desconhecidas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Estado do Rio de Janeiro: Petrópolis.



PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

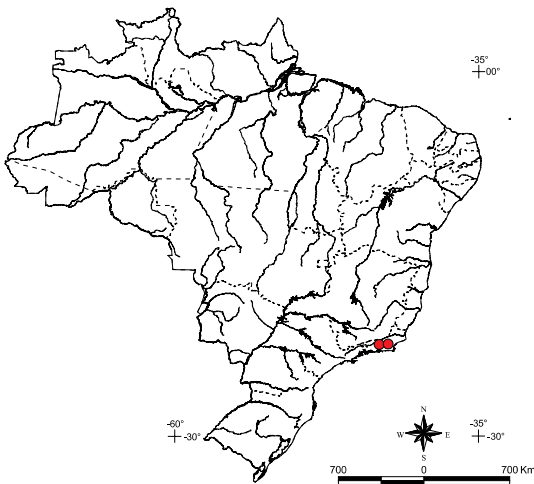
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIA

174.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*



Petrocerus catiena (Hewitson, 1875)

NOME POPULAR: Borboleta

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Riodinidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: ES (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): EN – B2ab(ii, iii)

INFORMAÇÕES GERAIS

Petrocerus catiena é conhecida de poucos exemplares de floresta de altitude (1.300 m) na Mata Atlântica. Biologia e planta(s) hospedeira(s) desconhecidas. Fêmea desconhecida. Os machos foram observados às 13h00, pousados sobre folhas a uma altura de 3 m. Aparentemente, há apenas uma geração por ano, pois somente foram observados no mês de abril.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida do Estado do Rio de Janeiro: Petrópolis (1.300 m), Nova Friburgo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

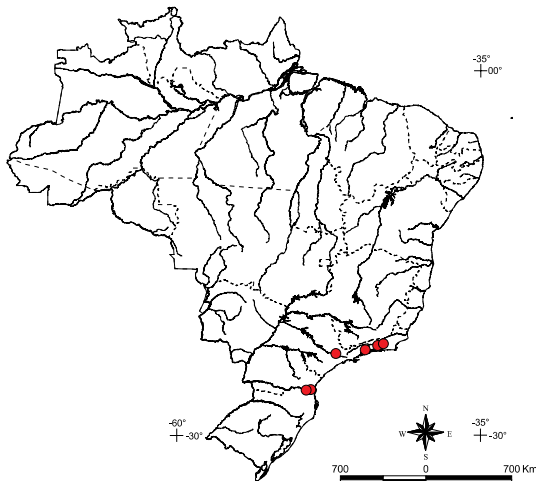
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIA

34.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*



Xenandra heliodes dibapha Stichel, 1909

NOME POPULAR: Borboleta

SINONÍMIAS: *Xenandra heliodes* Hopffer, 1869 (pré-ocupado)

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Riodinidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: RJ (VU); SP (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B2ab(ii, iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Xenandra heliodes dibapha é conhecida de poucos exemplares e de lugares úmidos na Mata Atlântica, em altitudes de até 500 m. Biologia e planta(s) hospedeira(s) desconhecidas. Sexos dimórficos. Os machos possuem a face dorsal das asas negras, sendo a margem anterior da asa posterior largamente alaranjada, enquanto as fêmeas têm larga mancha amarela na asa anterior, com mancha da mesma cor na base, e três a quatro pequenas manchas na margem externa da asa posterior.



DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Subespécie conhecida dos Estados do Rio de Janeiro: Nova Iguaçu, Guapimirim e Angra dos Reis; São Paulo: Jundiá; e Santa Catarina: Joinville e São Bento do Sul.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PM da Serra do Japi (SP).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

As ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat natural e o desmatamento.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a conservação do hábitat onde a subespécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP).

REFERÊNCIAS

25 e 137.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*



Dirphia monticola Zerny, 1923

NOME POPULAR: Mariposa

SINONÍMIAS: *Dirphia fallax* Bouvier, 1930

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Lepidoptera

FAMÍLIA: Saturniidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: RJ (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Dirphia monticola é uma espécie não muito rara na área de campos elevados da Mata Atlântica em altitudes acima de 2.000 m, onde voa desde o fim da tarde e durante a noite nos meses de março e abril.

Suas larvas se alimentam de *Myrcine flocculosa* Mart. (Myrcinaceae). Os sexos são dimórficos, o macho tem coloração mais ocrácea, enquanto a fêmea tende mais para o castanho.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

É conhecida dos Estados de Minas Gerais: Passa Quatro (Campo do Murro, Campo do Grotão Fundo); e Rio de Janeiro: Itatiaia (Aguas Negras).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA do Itatiaia (RJ).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Certamente as ameaças mais significativas são a destruição do seu hábitat e o desmatamento. Neste tipo de ambiente, as queimadas, normalmente provocadas acidentalmente ou propositadamente por pessoas, são extremamente preocupantes, pois suas larvas seguramente são atingidas.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

O mais importante é a preservação do hábitat onde a espécie ocorre, certamente também válido para todos os outros invertebrados. Pesquisa científica básica de taxonomia, biologia e ecologia, assim como educação ambiental, são essenciais. Trabalhos de campo são também necessários para esclarecer sua real distribuição geográfica.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

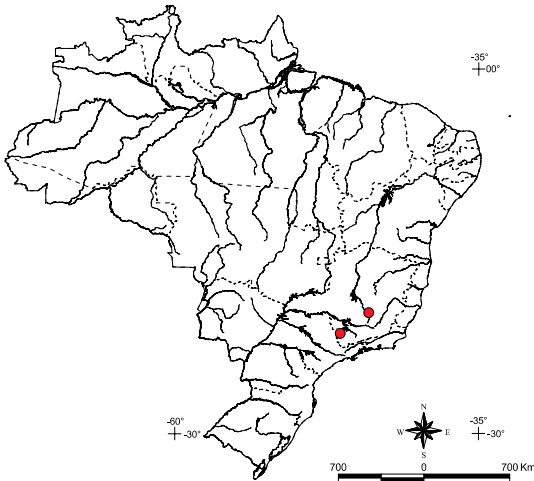
Mirna M. Casagrande e Olaf H. H. Mielke (UFPR); Keith S. Brown Jr. e André V. L. Freitas (UNICAMP); Amábilio José Ayres de Camargo (EMBRAPA).

REFERÊNCIA

201.

Autores: *Olaf H. H. Mielke e Mirna M. Casagrande*





Aeshna eduardoi Machado, 1984

NOME ATUAL: *Rhionaeshna eduardoi*
 NOME POPULAR: Libélula; Cavalo-de-judeu
 FILO: Arthropoda
 CLASSE: Insecta
 ORDEM: Odonata
 FAMÍLIA: Aeshnidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
 Estados Brasileiros: MG (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
 Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhionaeshna eduardoi é uma libélula de tamanho grande (abdômen: 70-72 mm; asa posterior: 44-47 mm), com as asas posteriores mais largas que as anteriores. Da subordem Anisoptera, tem abdômen com manchas azuis e tórax com faixas amarelas (para uma descrição detalhada, veja Machado, 1995). Pertence à família Aeshnidae, formada por espécies de porte grande e muito conspícuas, que têm sido muito estudadas em Minas Gerais. Apesar disso, *R. eduardoi* foi encontrada apenas em dois locais: Morro do Ferro (1.541 m), próximo a Poços de Caldas, MG, e no Parque Estadual da Serra do Rola Moça (1.200 m), situado nas montanhas ao sul de Belo Horizonte. Uma descrição minuciosa do hábitat de *R. eduardoi*, ao sul de Belo Horizonte, foi feita por Machado (1995) e, em Poços de Caldas, por Santos (1966). São regiões de campos rupestres ricos em canga, com matas nos vales, nas encostas e ao longo dos numerosos córregos ali existentes. No Parque Estadual da Serra do Rola Moça, a espécie foi encontrada voando ao longo da margem de pequenas represas formadas por barragens de córregos, onde provavelmente vivem suas ninfas aquáticas. Uma característica do habitat de *R. eduardoi* é sua riqueza em ferro, o que, no caso do Morro do Ferro, foi comprovado com análises químicas da água (Pivötte, 1983). *Rhionaeshna eduardoi* parece limitada a esse tipo de hábitat, possivelmente indispensável à sobrevivência de suas ninfas, o que a torna ainda mais vulnerável.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Parque Estadual da Serra do Rola Moça (Ibitité e Brumadinho), Poços de Caldas, Morro do Ferro (MG).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PE da Serra do Rola Moça (MG).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

A ocorrência da espécie em populações isoladas e restritas a ambientes aquáticos de montanha, ricos em ferro, torna-a vulnerável. Com efeito, tais ambientes vêm sofrendo uma crescente ação antrópica, representada principalmente pelos desmatamentos e por assoreamento causado pela atividade mineradora, o que constitui a principal ameaça à espécie.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Seria desejável, a partir de novas pesquisas de campo, tentar ampliar o número de populações conhecidas da espécie, que seriam, então, objeto de proteção especial. Enquanto isso, é fundamental que as áreas de ocorrência da espécie não sejam alteradas.

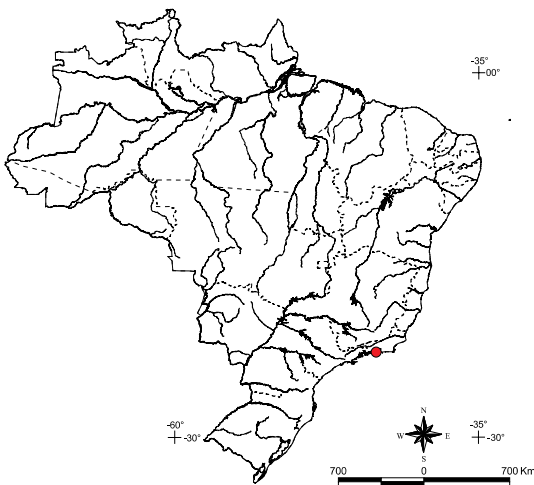
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Angelo B. M. Machado (UFMG); Alcimar do Lago Carvalho e Janira Martins Costa (MNRJ).

REFERÊNCIAS

98, 147 e 165.

Autor: *Angelo B. M. Machado*



Acanthagrion taxaense Santos, 1965

NOME ATUAL: *Acanthagrion taxaense*
NOME POPULAR: Libélula; Cavalo-de-judeu
FILO: Arthropoda
CLASSE: Insecta
ORDEM: Odonata
FAMÍLIA: Coenagrionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Extinta
Estados Brasileiros: RJ (PEX)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
Brasil (Biodiversitas, 2002): **EX**

INFORMAÇÕES GERAIS

Acanthagrion taxaense é uma libélula de porte pequeno (abdômen: 25-27 mm; asa posterior: 16-16,5 mm), de asas hialinas e iguais (subordem Zygoptera). A espécie caracteriza-se por apresentar a parte posterior da cabeça amarela e dorso do labro escuro. Abdômen negro, com faixas azuis dorsais. Apêndices superiores curtos, não ultrapassando os inferiores, com uma faixa de cerdas em forma de pincel (Santos, 1965). Os espécimens foram coletados na vegetação subarbórea que circunda a Pedra de Itaúna, no canal das Taxas, lagoa das Taxas e lagoa de Marapendi, no Recreio dos Bandeirantes, município do Rio de Janeiro (Santos, 1965). Os únicos exemplares conhecidos estão depositados na coleção do Museu Nacional do Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro. Apesar de várias tentativas, não foi possível encontrar a espécie em seu hábitat natural e os poucos exemplares conhecidos foram coletados nos anos de 1965 e 1966. Desde então, apesar de a área ter sido visitada intensamente pela equipe do Museu Nacional do Rio de Janeiro, a espécie não foi mais encontrada. A situação da espécie é agravada em razão da grande expansão imobiliária que vem se verificando na região de ocorrência da espécie. Com essas informações, *A. taxaense* foi considerada extinta, embora a área de mata e as lagoas do Recreio dos Bandeirantes ainda existam (Santos & Costa, 1987).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Rio de Janeiro, Recreio dos Bandeirantes.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PM Ecológico Chico Mendes (RJ).



PRINCIPAIS AMEAÇAS

Trata-se de espécie de área urbana em pleno crescimento. Com efeito, o ambiente vem sofrendo uma crescente ação antrópica, representada principalmente pela inexistência de infra-estrutura adequada para suportar esse crescimento. A situação se agrava mais ainda em função da existência de favelas nas proximidades da localidade-tipo da espécie.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Desenvolver pesquisas de campo na área histórica de ocorrência da espécie e em áreas vizinhas, visando reencontrá-la. Se isso acontecer, medidas de proteção deverão ser tomadas.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Janira Costa e Alcimar L. Carvalho (MNRJ); Angelo B. M. Machado (UFMG); Frederico Lencioni (Pesquisador autônomo).

REFERÊNCIAS

161, 162 e 168.

Autora: *Janira Costa*



Leptagrion acutum Santos, 1961

NOME POPULAR: Libélula; Lavadeira

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Odonata

FAMÍLIA: Coenagrionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: ES (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Leptagrion acutum é uma libélula de porte médio (abdômen: 46 mm, asa posterior 27 a 28 mm), de asas hialinas e iguais (subordem Zygoptera). Para identificação da espécie, o caráter mais importante é a estrutura dos apêndices anais. A identificação pode ser feita consultando-se a descrição original (Santos, 1961) e a chave para as espécies brasileiras do gênero *Leptagrion* (Costa & Garrison, 2001). Apesar das numerosas excursões odonatológicas realizadas em diferentes Estados brasileiros, não foi possível coletar outros exemplares, a não ser aqueles provenientes do Espírito Santo e da Bahia. Até o presente momento, não existem informações sobre a biologia da espécie, em especial sobre o hábitat de suas formas imaturas. Entretanto, pode-se inferir, com bastante segurança, que suas ninfas se desenvolvem na água acumulada na bainha das folhas de bromélias. Com efeito, todas as dez espécies de *Leptagrion*, cujo hábitat das ninfas é conhecido, desenvolvem-se em bromeliáceas de chão ou epífitas, e não existe motivo para acreditar que *L. acutum* seja diferente.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Conceição da Barra, no Espírito Santo, e Amargosa, Fazenda do Timbó, Bahia.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Trata-se de espécie típica de Mata Atlântica de baixa altitude, rica em bromeliáceas. Assim, a principal ameaça é a destruição das bromélias, seja por coleta predatória ou, o que é mais freqüente, por destruição das matas. Vale lembrar também que, da Lista da Flora Brasileira Ameaçada de Extinção, elaborada pela Fundação Biodiversitas em 2005, constam 167 espécies de bromeliáceas, entre as quais 18 *Aechmeas* e 36 *Vriesias*, gêneros em cujos tanques já foram encontrados espécimes de *Leptagrion* (Santos, 1966, 1978, 1979).

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

São necessárias pesquisas de campo para buscar mais informações sobre as áreas de ocorrência da espécie, informação básica para proteção dessas áreas. São importantes também estudos sobre sua biologia, em especial o hábitat de suas ninfas.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

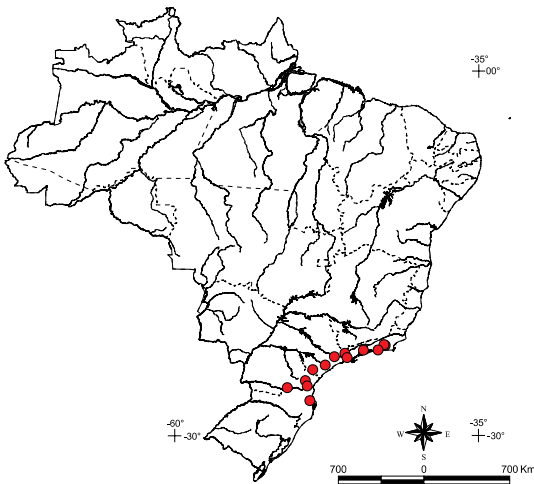
Janira Costa (MNRJ), Angelo B. M. Machado (UFMG), Frederico Lencioni (Pesquisador autônomo). Pelo IPEMA, Paulo De Marco (UFG) desenvolve projeto com a espécie mediante financiamento do Programa de Proteção às Espécies Ameaçadas de Extinção da Mata Atlântica Brasileira, coordenado em parceria pela Fundação Biodiversitas e CEPAN.

REFERÊNCIAS

42, 43, 160, 164, 166 e 167.

Autora: *Janira Costa*





Minagrion mecistogastrum Selys, 1876

NOME POPULAR: Libélula
 FILO: Arthropoda
 CLASSE: Insecta
 ORDEM: Odonata
 FAMÍLIA: Coenagrionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
 Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
 Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Minagrion mecistogastrum é uma espécie relativamente grande para Coenagrionidae (macho, 59 mm, fêmea, 46 mm). Até onde se sabe, é uma espécie dependente de áreas florestais bem preservadas, mas somente o encontro das larvas poderá comprovar esta informação. É endêmica da Mata Atlântica das regiões Sul e Sudeste (Rio de Janeiro ao Rio Grande do Sul). Encontrada desde poucos metros acima do nível do mar (Rio de Janeiro, Juquiá) até a mais de 1.070 metros (Salesópolis). Em um dos locais onde esta espécie é encontrada (Jacareí – SP, onde Lencioni fez pesquisas ao menos uma vez por semana durante vários anos), esta espécie foi encontrada somente da 2ª quinzena de setembro à 1ª quinzena de novembro. Este encontro esporádico (mas com periodicidade bem demarcada nos diversos anos de pesquisa) nos indica, teoricamente, que a mesma passa grande parte do ano (da 2ª quinzena de novembro à 1ª quinzena de setembro) como larva, somente emergindo próximo ao período reprodutivo. Espécie de vôo baixo, principalmente em clareiras ou trilhas dentro da mata e sempre em locais muito ensolarados, à margem de ambientes de coleções de água (lagos e ribeirões), comportamento que aumenta o risco de extinção causado pela degradação das margens dos rios e por queimadas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Os exemplares típicos foram coletados somente na cidade do Rio de Janeiro e estão depositados no Institut Royal des Sciences Naturelles, em Bruxelas, Bélgica. Provavelmente tinham ampla distribuição nas matas litorâneas (e arredores) das regiões Sul e Sudeste. Muito pouco se sabe sobre sua distribuição atual, sendo que, após a descrição original, foram coletados poucos exemplares nas seguintes localidades: no Estado de São Paulo – Iporanga, Barueri, Juquiá, Jacareí e Salesópolis (Costa *et al.*, 2000); Rio de Janeiro – Angra dos Reis, Japuíba, Paulo Frontin, Cachoeiras de Macacu e na cidade do Rio de Janeiro; Paraná – Curitiba e Tijuca do Sul; Santa Catarina – Brusque; no Rio Grande do Sul (sem localidade).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Não existe ocorrência comprovada em UCs. Entretanto, provavelmente ocorre no PE da Serra do Mar – Núcleo Caraguatatuba (SP), visto que foi coletada a alguns quilômetros da entrada desse Parque e também no PE de Jacupiranga e na EE Juréia-Itatins (SP).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição do meio ambiente, principalmente por ser endêmica de um dos biomas mais ameaçados do Brasil (Mata Atlântica) e por se distribuir na região com maior desenvolvimento imobiliário (faixa litorânea dos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo).

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Localização de populações em áreas protegidas ou criação de áreas de preservação nos locais onde sua ocorrência está comprovada. Localização de criadouros para preservação dos locais de reprodução. Educação ambiental visando a preservação de matas de galeria e a redução de queimadas.

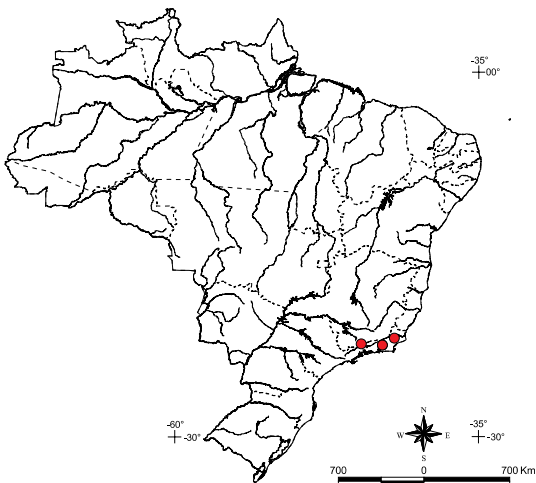
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Frederico A. A. Lencioni (Pesquisador autônomo), Angelo B. M. Machado (UFMG), Janira Costa e Alcimar L. Carvalho (MNRJ).

REFERÊNCIAS

44 e 163.

Autor: *Frederico A. A. Lencioni*



Praeviomphus proprius (Belle, 1995)

NOME POPULAR: Libélula

SINONÍMIAS: *Hemigomphus elegans* Selys, 1854 (possivelmente)

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Odonata

FAMÍLIA: Gomphidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Praeviomphus proprius tem como série-tipo uma única fêmea adulta, coletada em 1925, provavelmente na área em que hoje está localizada a sede do Parque Nacional do Itatiaia, no Estado do Rio de Janeiro, a 700 m de altitude. Além desse exemplar, estão registrados 25 exemplares imaturos dessa espécie, larvas e adultos farados, provenientes do município de Teresópolis e do Parque Estadual do Desengano, no Estado do Rio de Janeiro, depositados na Coleção do Departamento de Zoologia, Instituto de Biologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro. O macho adulto utilizado por Selys-Longchamps (1854) para descrever *Hemigomphus elegans*, provável sinonímia, de procedência incerta, encontra-se perdido. Os imaturos estudados dessa espécie foram coletados em trechos rasos de riachos e córregos de primeiras ordens (de 5 a 20 cm de profundidade), localizados em áreas de Mata Atlântica bem preservada, entre 1.000 e 1.100 m de altitude. O substrato preferencial é de areia grossa ou cascalho, com algum depósito de matéria orgânica vegetal alóctone, onde ficam enterrados próximos à superfície. Tais imaturos concentram-se onde a correnteza é pontualmente menor, tal como nas áreas atrás de matacões. Em laboratório, mantiveram-se vivos por pouco tempo, utilizando-se de procedimentos regulares. Os adultos nunca foram observados em campo.



DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Praeviogomphus proprius está registrada apenas no Estado do Rio de Janeiro, de forma disjunta, nos municípios de Itatiaia (Parque Nacional do Itatiaia/RJ), Teresópolis (Vale da Revolta, serra do Subaio) e Santa Maria Madalena/São Fidelis (Parque Estadual do Desengano/RJ).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PARNA do Itatiaia e PE do Desengano (RJ). As duas áreas de Teresópolis onde a espécie foi registrada são limítrofes com o PARNA da Serra dos Órgãos (RJ), onde também deve ocorrer.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Perda, descaracterização e fragmentação de habitats; desmatamento; poluição. Os indivíduos dessa espécie devem ter pouca capacidade de dispersão, como seus correlatos do gênero *Neogomphus* que ocorrem no Chile e Argentina (Carle & Cook, 1984).

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Proteção e recuperação de habitats; pesquisa científica; fiscalização; educação ambiental.

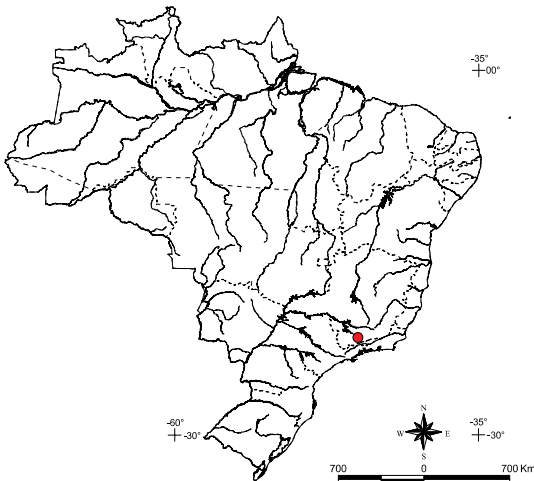
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Alcimar do Lago Carvalho (MNRJ).

REFERÊNCIAS

13, 35, 36 e 175.

Autor: *Alcimar do Lago Carvalho*



Heteragrion obsoleteum Selys, 1886

NOME POPULAR: Libélula; Cavalo-de-judeu
FILO: Arthropoda
CLASSE: Insecta
ORDEM: Odonata
FAMÍLIA: Megapodagrionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
Estados Brasileiros: MG (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Heteragrion obsoleteum é uma libélula delicada, de porte relativamente pequeno (abdômen: 31 mm; asa posterior: 25 mm), de asas transparentes e iguais (subordem Zygoptera). A única descrição existente da espécie ainda é a original, feita por Selys-Longchamps em 1886. O único exemplar conhecido está depositado no Instituto de Ciências Naturais de Bruxelas. Foi coletado em Caxambu pelo naturalista belga Walther de Selys-Longchamps, que esteve nessa cidade em 19 de dezembro de 1872, conforme consta de seu diário de viagem (Selys-Longchamps, 1875). Uma tentativa de encontrá-la nos arredores de Caxambu (A.B.M. Machado), há cerca de 15 anos, não foi bem sucedida, o mesmo acontecendo mais recentemente, quando numeroso material de *Heteragrion* foi coletado durante duas visitas a áreas de Mata Atlântica, no município vizinho de Aiuruoca. As espécies de *Heteragrion* são encontradas exclusivamente em riachos de mata onde vivem suas ninfas e são muito sensíveis às alterações desses ambientes (Machado *et al.*, 1988). É provável, pois, que a espécie tenha sido extinta na região de Caxambu, onde já não mais existem as matas descritas por Selys-Longchamps em 1875, e onde os ambientes aquáticos muito provavelmente foram alterados pela expansão urbana. Não se pode, entretanto, excluir a possibilidade de que a espécie ainda exista em Minas Gerais, especialmente em áreas de Mata Atlântica serrana, vizinhas aos Estados do Rio de Janeiro e São Paulo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Conhecida somente da localidade-tipo, Caxambu, Minas Gerais.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Sendo as espécies de *Heteragrion* muito sensíveis às alterações ambientais (Machado *et al.*, 1988), o assoreamento e a população dos ambientes aquáticos onde vivem suas ninfas, além do desmatamento, são as principais ameaças à sobrevivência da espécie. Esses fatores são agravados por sua pequena área de distribuição.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

São necessárias mais pesquisas de campo visando encontrar novas populações da espécie, que seriam então objeto de ações conservacionistas, em especial a proteção de seus habitats.



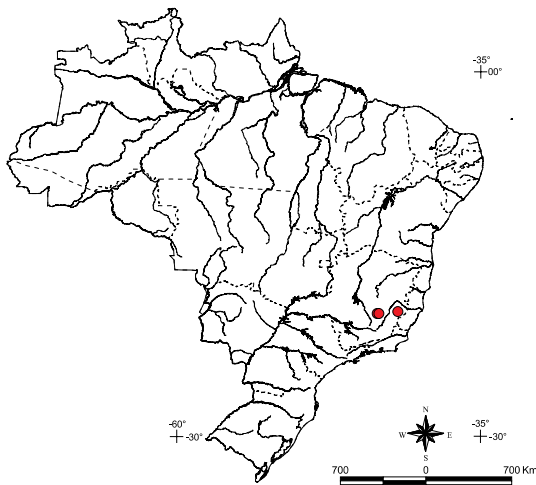
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Angelo B. M. Machado (UFMG); Frederico Lencioni (Pesquisador autônomo); Janira Costa (MNRJ); Rosser W. Garrison (Associate Insect Biosystematist, EUA).

REFERÊNCIAS

101, 102, 177 e 178.

Autor: *Angelo B. M. Machado*



Heteragrion petiense Machado, 1988

NOME POPULAR: Libélula; Cavalo-de-judeu

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Odonata

FAMÍLIA: Megapodagrionidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: MG (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – B1ab(iii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Heteragrion petiense é uma libélula de porte relativamente pequeno (abdômen: 35 mm, asa posterior: 26 mm), de asas transparentes e iguais (subordem Zygoptera). Apresenta abdômen alongado e fino, de coloração escura, o que a torna pouco visível a um predador, geralmente uma ave, no ambiente sombreado das matas onde vive. Nessa situação, o inseto aparece apenas como dois pontos isolados, representados pela mancha branca do tórax e pela mancha alaranjada na ponta do abdômen. O hábitat de *H. petiense* foi descrito por Machado (1988). A espécie tem sido encontrada sempre pousada na vegetação marginal de pequenos riachos de água quase parada, no interior das matas onde provavelmente vivem suas ninfas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Até o momento, *H. petiense* foi encontrada nas matas da Estação de Preservação e Desenvolvimento Ambiental de Peti, nos municípios de Santa Bárbara e São Gonçalo do Rio Abaixo, bem como nas matas do município vizinho de Caeté, Minas Gerais. Provavelmente ocorre também em outras áreas da APA-Sul da Região Metropolitana de Belo Horizonte, MG. Mais recentemente a espécie foi encontrada na RPPN Feliciano Miguel Abdala, em Ipanema, Minas Gerais.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

RPPN Feliciano Miguel Abdala, Estação de Preservação e Desenvolvimento Ambiental de Peti (Cemig) e APA-Sul RMBH (MG).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Sendo as espécies de *Heteragrion* muito sensíveis às alterações dos ambientes aquáticos onde vivem suas ninfas (Machado *et al.*, 1988), o assoreamento e a poluição, além do desmatamento, constituem as principais ameaças a *H. petiense*. Esses fatores são agravados pela pequena área de distribuição da espécie.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Estudos de campo devem ser feitos visando a descoberta de novas populações da espécie, seguindo-se de proteção das áreas eventualmente encontradas.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Angelo B. M. Machado (UFMG); Janira Costa (MNRJ); Frederico Lencioni (Pesquisador autônomo); Rosser W. Garrison (Associate Insect Biosystematist, EUA).

REFERÊNCIAS

96, 101 e 102.

Autor: Angelo B. M. Machado



Mecistogaster pronoti Sjöstedt, 1918

NOME POPULAR: Libélula; Cavalo-de-judeu

FILO: Arthropoda

CLASSE: Insecta

ORDEM: Odonata

FAMÍLIA: Pseudostigmatidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: ES (CR)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): CR

Brasil (Biodiversitas, 2002): **CR – A1c**

INFORMAÇÕES GERAIS

Mecistogaster pronoti pertence à família Pseudostigmatidae (Subordem Zygoptera), constituída de espécies de mata que contêm as maiores libélulas do mundo. Entretanto, dentro dessa família, *M. pronoti* é relativamente pequena (abdômen: 54 mm; asa posterior: 40 mm). A espécie é conhecida de um único exemplar-tipo, uma fêmea coletada no Espírito Santo há, pelo menos, 90 anos, e depositado no Museu de Estocolmo, Suécia. Esse exemplar foi recentemente estudado por Machado (2006), o que permitiu confirmar a validade da espécie, que difere das demais espécies do gênero pela forma do lobo posterior do protórax. Todas as espécies de *Mecistogaster* são de mata e há várias observações mostrando que botam seus ovos na água acumulada na bainha das folhas de bromélias ou, mais frequentemente, em buracos de árvores onde vivem suas ninfas (Finke, 1984). Em pelo menos uma espécie (*M. martinezi*, Machado, 1985), as fêmeas param no ar e, com movimentos do abdômen, lançam seus



ovos na água acumulada em buracos situados em troncos de árvores caídos no chão da mata (Machado & Martinez, 1982). Assim, provavelmente também *M. pronoti* bota seus ovos na água acumulada em troncos de árvores caídos no chão da mata e sua sobrevivência depende da existência desses troncos. Há vários anos a espécie vem sendo procurada, sem sucesso, em remanescentes de Mata Atlântica do Espírito Santo, no sul da Bahia e no Rio de Janeiro. Não foram encontrados exemplares nas coleções do Museu Nacional do Rio de Janeiro, na Coleção Selys-Longchamps, em Bruxelas, nos Museus de Zoologia da Universidade de São Paulo e do Paraná. Pode-se concluir, assim, que a espécie é muito rara. A situação crítica de *M. pronoti* foi levada ao conhecimento do Grupo de Especialistas em Odonata da IUCN – União Mundial para a Natureza (Machado, 1992), o que resultou sua avaliação como uma espécie Criticamente em Perigo.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espírito Santo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Baixa densidade das populações, área de ocorrência provavelmente pequena e destruição do bioma Mata Atlântica são as principais ameaças. Além disso, como há evidência de que os *Mecistogaster* botam os ovos na água acumulada em troncos de árvores, a maioria deles caída no chão da mata, a prática frequentemente aceita de se retirar esses troncos é danosa à sobrevivência da espécie.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

A medida mais urgente para a proteção da espécie é dar continuidade às pesquisas de campo visando localizar populações ainda existentes na natureza. Essas populações seriam, então, objeto de proteção, o que na prática significa proteger os remanescentes da Mata Atlântica ainda existentes e não se retirar os troncos caídos no chão da mata.

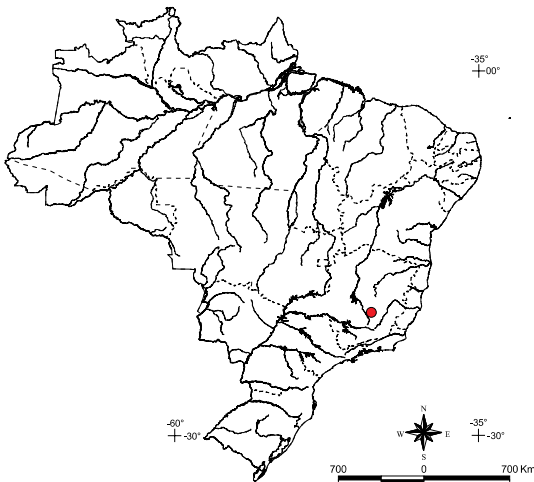
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Angelo B. M. Machado (UFMG); Janira Costa e Alcimar A. L. Carvalho (MNRJ) e Frederico Lencioni (Pesquisador autônomo).

REFERÊNCIAS

54, 97, 99 e 100.

Autor: *Angelo B. M. Machado*



Fimoscolex sporadochaetus Michaelsen, 1918

NOME POPULAR: Minhoca-branca
FILO: Annelidae
CLASSE: Oligochaeta
ORDEM: Haplotaxida
FAMÍLIA: Glossoscolecidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Extinta
Estados Brasileiros: MG (PEX)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
Brasil (Biodiversitas, 2002): **EX**

INFORMAÇÕES GERAIS

Fimoscolex sporadochaetus é uma espécie, até há pouco tempo, conhecida de um único exemplar Righi & De Maria (1998), coletado pelo professor Ernst Breslau, em 2 de outubro de 1913, tendo sido descrita em 1918 por W. Michaelsen. Este exemplar foi encontrado no bairro Gorduras, no município de Sabará, grande Belo Horizonte. *Fimoscolex sporadochaetus* é uma minhoca de porte médio, com 68 mm de comprimento por 3 a 3,5 mm de diâmetro. Caracteriza-se principalmente pelo arranjo das cerdas, que faltam nos 22 primeiros segmentos. Segundo Righi & De Maria (1998), não há referência para o tipo de ambiente onde esta espécie foi originalmente coletada. Entretanto, sabe-se que a maioria das espécies de *Fimoscolex* ocorre na serra do Mar, nos Estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Gerais, região caracterizada pela presença de Mata Atlântica, que originalmente se expandia até a Região Metropolitana de Belo Horizonte. Possivelmente, *F. sporadochaetus* vivia associado a esta formação vegetal, comum na região de Gorduras na época em que o exemplar-tipo foi coletado. O crescimento e a expansão dos municípios da grande Belo Horizonte acabaram englobando a região de Gorduras, com as inevitáveis modificações ambientais necessárias à ocupação do solo urbano. Entre 1967 e 1998 G. Righi visitou a área com o objetivo específico de encontrar a espécie, mas não teve sucesso (Righi & De Maria, 1998). A falta de novos registros de *F. sporadochaetus*, desde a sua descrição, e a forte modificação ambiental ocorrida na sua localidade-tipo motivaram sua colocação como “Provavelmente Extinta” na Lista de Espécies da Fauna Ameaçadas de Extinção do Estado de Minas Gerais e do Brasil (DN COPAM 041/95 e IN 03/2003 do MMA, respectivamente). Em comunicação feita à Fundação Biodiversitas em março de 2006, o pesquisador George G. Brown relatou sua redescoberta no município de Ouro Preto, com a coleta de quatro exemplares identificados pelo taxônomo Samuel James como *F. sporodochaetus*. Assim, na próxima revisão da lista vermelha, ou mesmo antes, o status de conservação da espécie deverá ser revisto saindo da categoria Extinta para uma das categorias de ameaça da IUCN. O reencontro da espécie é também assinalado em Brown & James (2006).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Sua distribuição pretérita remete a apenas um exemplar coletado no bairro Gorduras, município de Sabará, na grande Belo Horizonte (MG). Recentemente foram encontrados mais quatro exemplares no Parque Estadual do Itacolomi, em Ouro Preto (MG).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

PE Itacolomi (MG).



PRINCIPAIS AMEAÇAS

As minhocas nativas são muito sensíveis às variações ambientais, especialmente quanto à disponibilidade de água e à composição do solo. Dessa forma, o desmatamento, a erosão, a impermeabilização do solo e o uso indiscriminado de fertilizantes e praguicidas agrícolas constituem as principais ameaças aos oligoquetos terrestres (Righi & De Maria, 1998). No caso específico de *F. sporadochaetus*, com toda probabilidade, foi a destruição de habitats a principal causa de seu desaparecimento da região de Gorduras, na grande Belo Horizonte.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Recomenda-se a realização de trabalhos de campo que visem ampliar a área de distribuição da espécie e a proteção especial dos habitats onde foi encontrada.

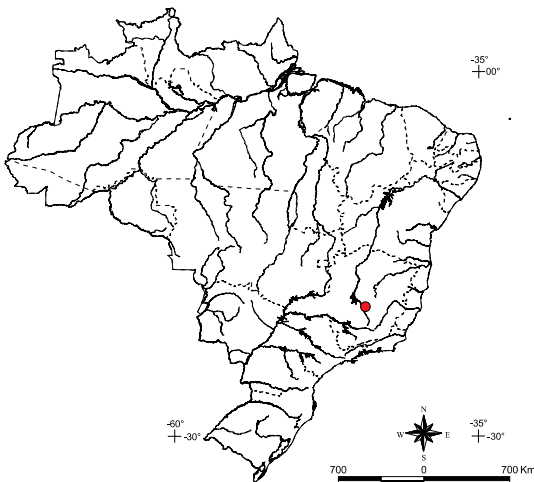
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Mário De Maria (ICB/UFMG); George G. Brown (Embrapa Soja); Samuel W. James (University of Kansas, EUA).

REFERÊNCIAS

21, 110 e 154.

Autores: *Mário De Maria e Éder Sandro Soares Álvares*



Rhinodrillus alatus Righi, 1971

NOME POPULAR: Minhocuçu
FILO: Annelida
CLASSE: Oligochaeta
ORDEM: Haplotaxida
FAMÍLIA: Glossoscolecidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
Estados Brasileiros: MG (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – A1cd**

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhinodrillus alatus foi descrita originalmente por Righi (1971) nas regiões de Cerrado de Paraopeba e Sete Lagoas, em Minas Gerais. É uma minhoca de grande porte, de 56 a 63 cm de comprimento por 11 a 12 mm de diâmetro. A espécie foi alvo de alguns trabalhos de anatomia e fisiologia do sistema circulatório (Höfling, 1980, 1982a, 1982b). Segundo Righi & De Maria (1998), na época seca, entre abril e setembro, os indivíduos entram em diapausa. Nesse período, se abrigam no interior de suas galerias, onde cavam uma câmara com 30 a 50 cm de profundidade e cerca de 8 cm de diâmetro, revestindo-a de muco. No interior de cada câmara, abriga-se em geral apenas um minhocuçu, raramente dois. Cada indivíduo enrola-se e cobre-se com uma camada de muco espesso, o que reduz significativamente a perda de água, mantendo os minhocuçus vivos até que as condições ambientais se tornem novamente favoráveis. No período de chuvas, entre outubro e março, os indivíduos retomam as suas atividades, cavando galerias próximas à superfície. *Rhinodrillus alatus* é uma espécie muito usada por pescadores como isca nos rios da bacia do São Francisco e no Pantanal Mato-grossense.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie foi descrita para os municípios de Paraopeba e Sete Lagoas, em Minas Gerais. Embora os dados sobre a distribuição de *R. alatus* sejam restritos, existem registros de sua ocorrência nos municípios de Paraopeba, Caetanópolis, Sete Lagoas, Araçai e Cordisburgo, tanto em áreas de cerradão e de cerrado *strictu sensu*, quanto em pastagens e eucaliptais (Drumond, 2001; Drumond & Martins, 2004).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

FLONA de Paraopeba (MG).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Supõe-se que o seu uso como isca para pesca, realizado desde meados de 1960, não seja sustentável. Esta atividade é considerada ambientalmente e socialmente impactante, sob vários aspectos: a) uso excessivo das populações de minhocuçus; b) coleta com o uso de fogo em áreas de cerrado *sensu lato*, pastagens e reflorestamentos; c) revolvimento do solo, interferindo no recrutamento de espécies de plantas do Cerrado; d) pressões sobre a Floresta Nacional de Paraopeba; d) uso de mão-de-obra infantil; e) conflito entre extratores e proprietários de terras, decorrente da coleta furtiva em propriedades privadas. A falta de informações necessárias para subsidiar medidas de manejo agrava-se diante da perspectiva de que a atividade de extração do minhocuçu seja essencial para a sobrevivência de milhares de pessoas. Dessa forma, é necessário implantar medidas que resultem na conservação da espécie, mas que também considerem os aspectos sociais e econômicos locais.



ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Considera-se importante o estabelecimento de um acordo de co-manejo entre os diferentes setores envolvidos (extratores, comerciantes, IBAMA, Polícia Militar Ambiental, Ministério Público, Instituto Estadual de Florestas/MG, Secretaria de Estado de Meio Ambiente e Desenvolvimento Sustentável/MG, empresas, universidades, entre outros), a devida fiscalização da Floresta Nacional de Paraopeba e a criação de uma reserva extrativista na região. A criação em cativeiro da espécie, embora seja uma medida importante, não tem tido êxito.

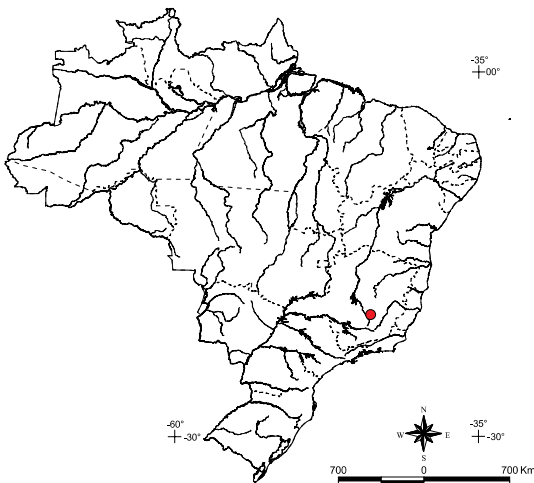
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Maria Auxiliadora Drumond e Mário De Maria (UFMG); George G. Brown (Embrapa Soja); Samuel W. James (University of Kansas, EUA).

REFERÊNCIAS

49, 50, 73, 74, 75, 153 e 154.

Autores: *Mário De Maria, Maria Auxiliadora Drumond e Éder Sandro Soares Álvares*



Rhinodrilus fafner Michaelsen, 1918

NOME POPULAR: Minhocoçu

FILO: Annelida

CLASSE: Oligochaeta

ORDEM: Haplotaxida

FAMÍLIA: Glossoscolecidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Extinta

Estados Brasileiros: MG (PEX)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EX**

INFORMAÇÕES GERAIS

Rhinodrilus fafner foi descrita em 1918 por Michaelsen, com base em exemplares coletados pelo naturalista F. Jikan nos arredores do município de Belo Horizonte, em 05 de janeiro de 1912. A espécie é bem caracterizada por seu porte avantajado e pelos nove pares de espermatecas diminutas e intraparietais, que se abrem nos intersegmentos 6/7 a 14/15. Com 1,45 a 2,10 m de comprimento no material fixado e contraído, *R. fafner* é a maior minhoca já assinalada na literatura científica. Na descrição original, não há dados sobre o tipo de ambiente onde os exemplares foram coletados. Entretanto, sabe-se que a vegetação original que predominava na região se compunha basicamente de florestas, com presença de elementos de Mata Atlântica. As espécies de minhocoçus são muito sensíveis às variações ambientais, sendo o desmatamento e a degradação dos ambientes terrestres e aquáticos suas principais ameaças. Castro & D'Agosto (1999a, 1999b) afirmam ter encontrado dois exemplares de *R. fafner* e outras espécies do gênero em um trabalho de ecologia de oligoquetos terrestres realizado no Parque Estadual do Ibitipoca, em Minas Gerais. Entretanto, Brown & James (2006), com base nas fotografias do material coletado por Castro e D'Agosto afirmam que o registro deve ser considerado inválido, pois as fotografias não correspondem à descrição original de Michaelsen.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Arredores de Belo Horizonte, Minas Gerais.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Rhinodrilus fafner é considerada como espécie extinta, já que os exemplares-tipo foram coletados nos arredores de Belo Horizonte há mais de 93 anos e, de lá para cá, nunca mais foi encontrada. Duas tentativas de encontrá-la na periferia de Belo Horizonte, feitas por Righi em 1967 e 1968, não foram bem-sucedidas. Além disso, o município encontra-se em elevado grau de antropização, com poucos e pequenos remanescentes de vegetação natural presentes na região. A maioria dos remanescentes localiza-se em uma região nobre de Belo Horizonte, onde ainda ocorre expansão urbana, com elevada pressão antrópica. As espécies de minhocaçu são muito sensíveis às variações microclimáticas e ambientais. O desmatamento e a degradação ambiental constituem possivelmente a principal causa do desaparecimento de *R. fafner*.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

No momento, o mais importante é a realização de trabalhos de campo nos remanescentes florestais nas proximidades da localidade-tipo com o objetivo de reencontrar a espécie. Se isso ocorrer, o passo seguinte será a criação de uma Unidade de Conservação para a proteção da espécie.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

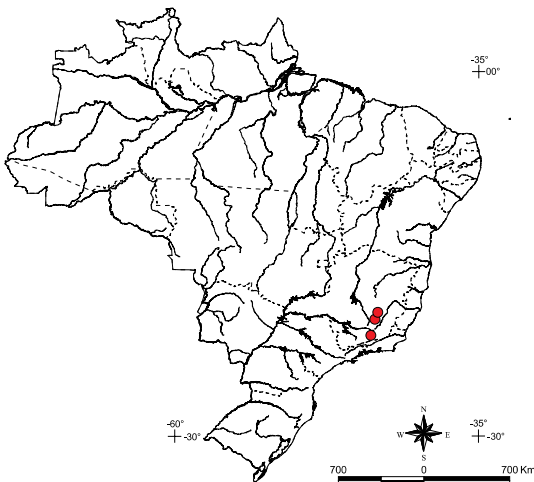
Mario De Maria (UFMG); George G. Brown (Embrapa Soja); Samuel W. James (University of Kansas, EUA).

REFERÊNCIAS

21, 40, 41, 110 e 156.

Autor: Mário De Maria e Éder Sandro Soares Álvares





Peripatus acacioi Marcus & Marcus, 1955

NOME ATUAL: *Macroperipatus acacioi*

NOME POPULAR: Onicóforo

FILO: Onychophora

CLASSE: Onychophora

ORDEM: Euonychophora

FAMÍLIA: Peripatidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: MG (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B2ab(ii)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Macroperipatus acacioi foi descrita por Marcus & Marcus (1955) a partir de oito exemplares coletados na Estação Ecológica de Tripuí, em Ouro Preto, Minas Gerais. É um animal críptico de solo ou de interior de troncos da Mata Atlântica. Apresenta coloração vermelho-escura e seu corpo se assemelha a uma lagarta, mas desprovida de segmentações. Seu tamanho varia de 24 a 56 mm, vive em fendas do solo, onde as temperaturas variam de 10 a 15 °C, ocultando-se em galerias mais profundas na estação seca e aproximando-se da superfície nas épocas de chuva, quando ocorre dispersão. Dados de sua biologia foram obtidos por meio de um trabalho minucioso de Lavallard *et al.* (1975) e estas informações ajudaram a criar uma Unidade de Conservação própria para a espécie na localidade-tipo, em Minas Gerais (Machado *et al.*, 1998). Nos anos de 1990, a espécie foi detectada em pelo menos duas novas áreas protegidas em Minas Gerais: Estação de Preservação e Desenvolvimento Ambiental de Peti (EPDA- Peti), em São Gonçalo do Rio Abaixo e Santa Bárbara (Wieloch *et al.*, 1998), e Parque Estadual do Ibitipoca, a cerca de 90 quilômetros de Juiz de Fora (Castro, 1998).

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Conhecida do Estado de Minas Gerais, nos municípios de Ouro Preto, São Gonçalo do Rio Abaixo e Lima Duarte.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

EE de Tripuí, Estação de Preservação e Desenvolvimento Ambiental-Peti e PE do Ibitipoca (MG).

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Apesar de protegida em três Unidades de Conservação, as alterações e mesmo a destruição de habitats pelo desmatamento constituem as principais ameaças à espécie.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Recomenda-se o máximo controle e a proteção dos habitats onde a espécie está registrada, maiores estudos taxonômicos e de biologia do grupo, além de trabalhos de educação ambiental, a fim de se mostrar a importância de um animal tão primitivo.

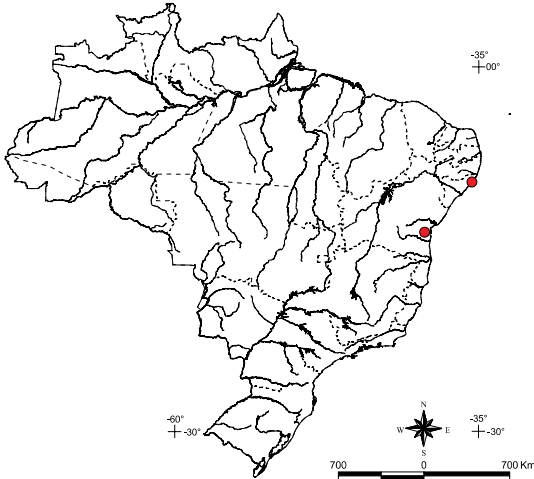
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Alfredo H. Wieloch e Ivo de S. Oliveira (UFMG).

REFERÊNCIAS

39, 87, 102, 106 e 195.

Autor: *Antonio D. Brescovit*



Tomigerus (Biotocus) turbinatus (Pfeiffer, 1845)

NOME POPULAR: Caracol

SINONÍMIAS: *Auricula clausa* Potiez & Michaud, 1838

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Bulimulidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): EX

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – A1ac; B1ab(i, iii, v); C2a(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Tomigerus (Biotocus) turbinatus apresenta concha turbinata, delgada, translúcida, castanho-claro, brilhante, sem faixas de ornamentação e com $4\frac{3}{4}$ voltas. A abertura da concha apresenta quatro lamelas e duas pregas. De acordo com Salgado (1991), as lamelas e as pregas presentes na abertura da concha são elementos que auxiliam na defesa contra predadores, como por exemplo, os Streptaxidae. A espécie é encontrada na floresta atlântica costeira da Mata Atlântica. Pode enterrar-se ou deslocar-se sobre troncos e galhos secos de árvores.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Espécie encontrada nos Estados da Bahia (localidade-tipo: província Bahia Brasiliae) e Alagoas, no município de Paripueira.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do habitat, desmatamento, poluição, fogo e cultura de cana de açúcar.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Como medidas de conservação, recomenda-se minuciosa pesquisa científica sobre taxonomia, distribuição, biologia e ecologia, envolvendo não apenas espécies do gênero *Tomigerus*, mas de outros gêneros da família Bulimulidae. Há necessidade de estudos detalhados sobre a anatomia das espécies, visto que os trabalhos sobre *Tomigerus* referem-se basicamente a caracteres conquiliológicos. É muito importante que se faça o monitoramento ambiental, como subsídio a recuperação e proteção dos habitats da espécie.



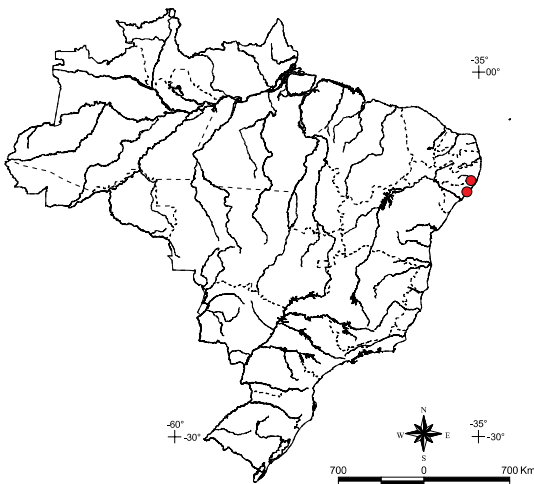
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Norma Campos Salgado (MNRJ) e José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIA

158.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Tomigerus (Digerus) gibberulus (Burrow, 1815)

NOME POPULAR: Caracol

SINONÍMIAS: *Tomigerus principalis* Sowerby, 1849

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Bulimulidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): EX

Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – A1ac; B1ab(i, iii, v); C2a(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Tomigerus (Digerus) gibberulus apresenta concha delgada, com 5½ voltas e coloração castanho-claro. A protoconcha é castanho-escuro, com estrias delgadas e duas voltas. A espira é curta, com estrias axiais delgadas e uma tênue e larga faixa espiral castanho-claro. A abertura da concha apresenta quatro lamelas e duas pregas. Segundo Salgado (1991), as lamelas e as pregas presentes na abertura da concha desse molusco são elementos que auxiliam na defesa contra predadores, como por exemplo, os Streptaxidae. A espécie é encontrada na Mata Atlântica. Pode enterrar-se ou deslocar-se sobre troncos e galhos secos das árvores.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie é encontrada no Estado de Alagoas, municípios de Novo Lino e Roteiro; e no Estado de Pernambuco.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração de seu hábitat, provocados por desmatamento, fogo e cultura de cana de açúcar.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Aconselha-se minuciosa pesquisa científica com relação a taxonomia, distribuição, biologia e ecologia, envolvendo não apenas as espécies do gênero *Tomigerus*, mas de outros gêneros da família Bulimulidae.

Há necessidade de estudos detalhados sobre a anatomia das espécies de *Tomigerus* para a elucidação de problemas taxonômicos, visto que os trabalhos existentes referem-se basicamente a caracteres da concha. É muito importante que se faça um monitoramento ambiental como subsídio a recuperação e proteção dos habitats.

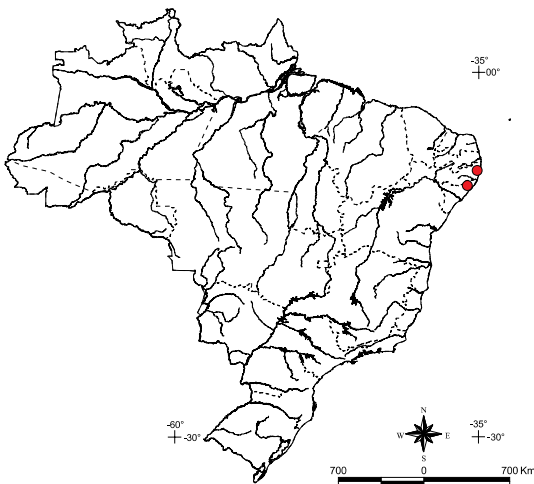
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Norma Campos Salgado (MNRJ) e José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIA

158.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Megalobulimus cardosoi (Morretes, 1952)

NOME POPULAR: Aruá-do-mato

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Megalobulimidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): EX

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B1ab(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Megalobulimus cardosoi possui concha oval, acuminada e delgada, com cinco giros, sendo o último dilatado e oblíquo. O ápice é obtuso, com sutura marcada e crenulada. A cutícula da concha é fina, lustrosa e marrom; junto à sutura observa-se uma estreita faixa amarelada. A coloração interna da concha é azulada. A espécie é encontrada na floresta atlântica costeira da Mata Atlântica. Vive em lugares úmidos. Possui hábitos noturnos, sendo encontrada enterrada ou sob troncos e folhas no chão. Em dias chuvosos ou úmidos, é freqüentemente encontrada movimentando-se sobre o solo e folhas.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Atualmente a espécie é encontrada no município de Murici, Alagoas, e em algumas localidades do Estado de Pernambuco.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do hábitat, desmatamento, poluição, fogo e cultivo de cana de açúcar.



ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Para a conservação da espécie, recomenda-se uma minuciosa pesquisa científica da taxonomia, distribuição, biologia e ecologia. O estudo anatômico é muito importante para a diferenciação da espécie, não apenas dentro da família Megalobulimidae, mas também entre os representantes da família Bulimulidae, com os quais possui caracteres bastante semelhantes. É importante também que se faça um monitoramento ambiental como subsídio à recuperação e proteção dos habitats da espécie.

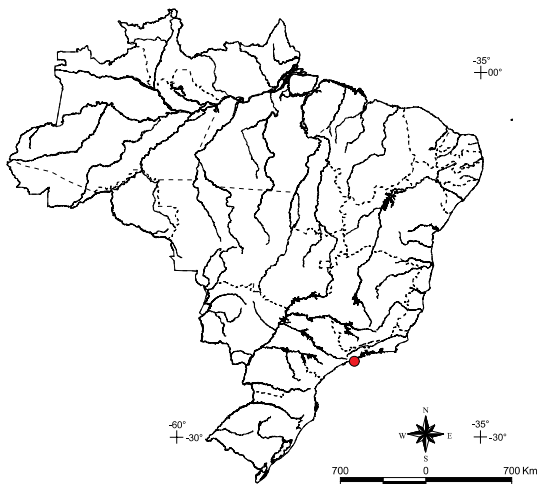
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

José Luiz Moreira Leme e Luiz Ricardo Lopes de Simone (MZUSP).

REFERÊNCIA

131.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Megalobulimus grandis (Martens, 1885)

NOME POPULAR: Aruá-do-mato; Aruá-gigante e Caracol-gigante

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Megalobulimidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): CR

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – B1ab(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Megalobulimus grandis encontra-se na floresta atlântica insular da Mata Atlântica. É herbívora e de hábitos noturnos. Vive em lugares úmidos, permanecendo enterrados ou sob folhas caídas no chão, saindo à noite para se alimentar.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Provavelmente endêmica da ilha de São Sebastião, São Paulo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do habitat, desmatamento, poluição e fogo.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Para a conservação da espécie, recomenda-se pesquisa científica sobre taxonomia, distribuição, biologia e ecologia, além de monitoramento ambiental, como subsídio à proteção e recuperação dos habitats da espécie.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIA

90.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Megalobulimus lopesi Leme, 1989

NOME POPULAR: Caracol-gigante-da-boracéia

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Megalobulimidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): EN

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – A1ac; B2ab(iii); C2a(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Megalobulimus lopesi apresenta concha fusiforme, alongada, ligeiramente deprimida, com 5¼ voltas, perióstraco castanho-oliváceo, ornamentado por faixas longitudinais oblíquas alternadamente claras e escuras. A abertura da concha é vertical, ligeiramente maior que a metade do comprimento total, com interior cinza-pálido. A massa cefalopediosa é homogênea e cinza, exceto pela sola que se apresenta com a região central amarelada e os bordos acinzentados. Encontra-se na floresta atlântica de altitude da Mata Atlântica. É herbívora e de hábitos noturnos. Vive em lugares úmidos, permanecendo enterrado ou sob folhas caídas no chão, saindo à noite para se alimentar.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Boracéia, Salesópolis, São Paulo.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Estação Biológica da Boracéia (SP), a 900 m de altitude.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Desequilíbrio ecológico, desmatamento e poluição.



ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Para a conservação da espécie, recomenda-se pesquisa científica detalhada sobre taxonomia, distribuição, biologia e ecologia, além de monitoramento ambiental como subsídio à proteção e recuperação dos habitats da espécie.

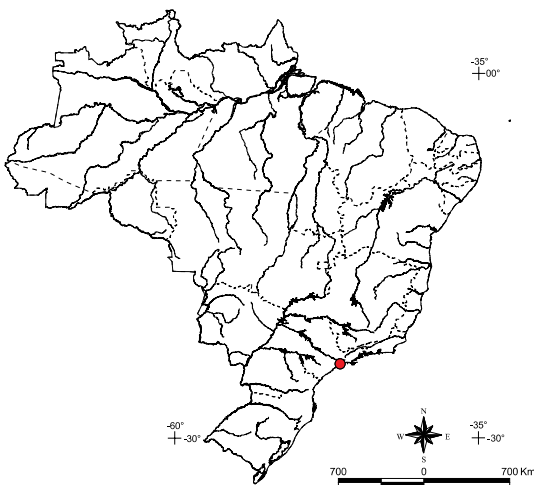
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIA

90.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Megalobulimus parafragilior Leme & Indrusiak, 1990

NOME POPULAR: Caracol-gigante

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Megalobulimidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): EN

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – A1ac; B2ab(iii); C2a(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Megalobulimus parafragilior apresenta concha de fusiforme a oval, ligeiramente achatada dorsoventralmente, com cinco voltas, perióstraco castanho-oliváceo, com faixas oblíquas mais escuras, distribuídas pela teleoconcha. A abertura da concha é subvertical, com o interior cinza-azulado. Protoconcha nítida, com 3¾ voltas, e ápice submerso. O corpo do animal é cinza-escuro, exceto a região mediana da sola, que possui coloração cinza-claro. A espécie é encontrada na Mata Atlântica, a 400 m acima do nível do mar. Os espécimes podem ser encontrados nos flancos da descida da serra. É importante acrescentar que *M. parafragilior* (Leme & Indrusiak, 1990) é muito parecida com *M. fragilior* (Ihering, 1901). Foram encontradas conchas vazias de *M. fragilior* no município de Rio Grande da Serra, SP (localidade-tipo), e em Paranapiacaba, ambos no interior da serra. A última concha encontrada foi em 1969 (depositada na coleção do Museu de Zoologia da Universidade de São Paulo/SP MZUSP 25358). Leme & Indrusiak (1990) acreditam que *M. fragilior* possa estar em processo de dizimação devido à alteração do hábitat, causada por atividades agrícolas, atividades de olarias, implantação de indústrias e pela poluição causada por gases das atividades industriais de Cubatão. E o encontro, hoje, de moluscos bastante parecidos com *M. fragilior*, localizados nos flancos da descida da serra, leva a duas hipóteses: ou trata-se de uma forma resistente de *M. fragilior* ou trata-se de uma nova espécie. Como não foi possível realizar um estudo comparativo da anatomia de *M. fragilior* com os espécimes encontrados hoje, os autores optaram, provisoriamente, por considerar esses moluscos como uma nova espécie, denominada *Megalobulimus parafragilior*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A distribuição geográfica atual é o município de Cubatão (Km 52 da via Anchieta, altitude de 400 m acima do nível do mar, localidade-tipo; rodovia dos Imigrantes) e o município de Itutinga, SP.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do hábitat, desmatamento e poluição.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Como medidas de conservação, aconselha-se a proteção e recuperação dos habitats, além de um detalhado estudo sobre taxonomia, distribuição, biologia e ecologia do grupo, pois sabe-se que a maior dificuldade para identificação das espécies de *Megalobulimus* é a carência de caracteres morfológicos.

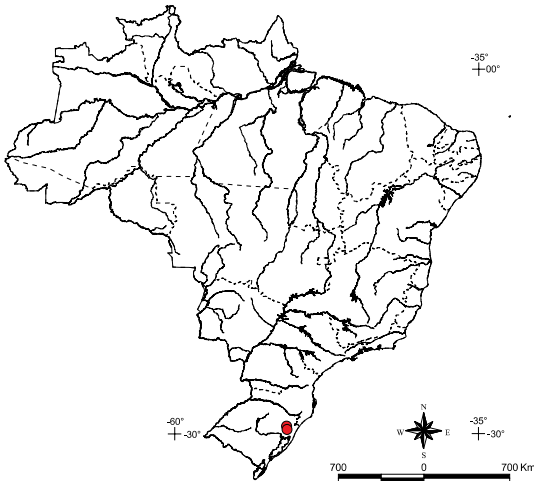
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Leocádia Indrusiak (UFSM); José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIA

92.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Megalobulimus proclivis (Martens, 1888)

NOME POPULAR: Aruá-alongado

SINONÍMIAS: *Bulimus lacunosus* Martens, 1868;

Bulimus (Borus) iheringi Clessin, 1888

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Megalobulimidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: RS (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): CR

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – A1ac; B2ab(iii); C2a(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Megalobulimus proclivis apresenta concha fusiforme alongada, espira ligeiramente mais atenuada que a base. A volta do corpo é estreita. A abertura da concha é semi-elíptica e a columela é reta e oblíqua. Encontrada em florestas de araucária da Mata Atlântica. A espécie é herbívora e de hábitos noturnos.



Vive em lugares úmidos, permanecendo enterrada ou sob folhas caídas no chão, durante o dia, saindo à noite para se alimentar.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie ocorre no Estado do Rio Grande do Sul, nos municípios de Taquara e Canela.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do hábitat, desmatamento, poluição e fogo.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Como estratégia de conservação, aconselha-se o estudo detalhado da taxonomia, distribuição, biologia e ecologia. Deve-se fazer o monitoramento ambiental como subsídio a recuperação e proteção dos habitats naturais da espécie.

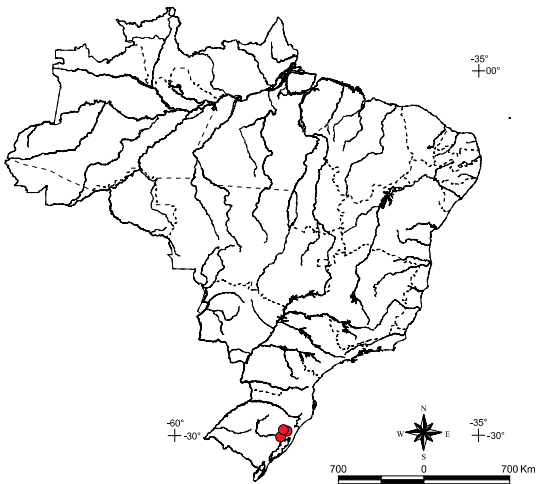
ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

José Luiz Moreira Leme (MZUSP). Ingrid Heydrich (FZB/RS) desenvolve projeto com a espécie mediante financiamento do Programa de Proteção às Espécies Ameaçadas de Extinção da Mata Atlântica Brasileira, coordenado em parceria pela Fundação Biodiversitas e CEPAN.

REFERÊNCIA

92.

Autora: Fernanda Pires Ohlweiler



Rectartemon depressus (Heynemann, 1868)

NOME POPULAR: Caracol
FILO: Mollusca
CLASSE: Gastropoda
ORDEM: Stylommatophora
FAMÍLIA: Streptaxidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
Estados Brasileiros: RS (VU)

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): não consta
Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – A1ac; B2ab(iii); D2**

INFORMAÇÕES GERAIS

Rectartemon depressus apresenta concha de forma globosa-conóide, protoconcha lisa formada por 2,25 a 2,5 voltas iniciais e limite bem definido com a teleoconcha. As voltas embrionárias são bem destacadas da espira. A última volta pós-embrionária apresenta sete a oito estrias costeladas radiais por milímetro (7 a 8 mm). A espécie é encontrada em matas inalteradas de restinga da Mata Atlântica. Possui hábitos carnívoros, alimentando-se de outros moluscos, como por exemplo, *Bradybaena similaris*.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Distribuição pretérita: provavelmente restingas do norte do Rio Grande do Sul. Distribuição atual: a espécie ocorre no Estado do Rio Grande do Sul, nos municípios de Taquara, Morro Reuter e Guaíba.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do habitat, desmatamento, poluição e fogo.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Sugere-se um estudo detalhado de taxonomia, distribuição, biologia e ecologia, envolvendo tanto as espécies do gênero como de outros gêneros da família Streptaxidae. Existe carência de estudos anatômicos que permitam a elucidação de problemas taxonômicos que ajudem na identificação correta das espécies, que facilitaria sua conservação. É muito importante também que se faça o monitoramento ambiental como subsídio a recuperação e proteção dos habitats da espécie.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

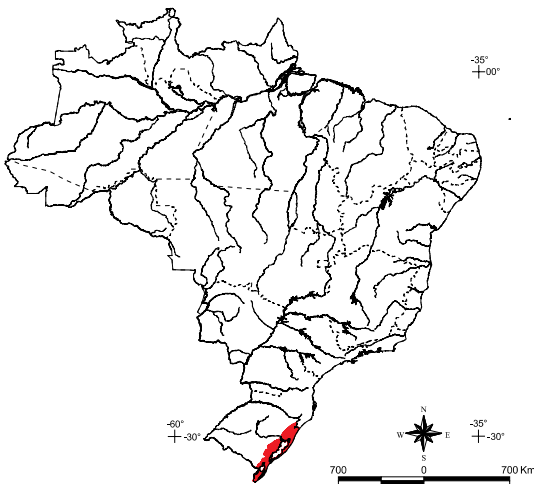
Ingrid Heydrich (FZB/RS) e José Willibaldo Thomé (PUC/RS).

REFERÊNCIAS

141, 142 e 143.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*





Gonyostomus henseli (Martens, 1868)

NOME POPULAR: Caracol
 FILO: Mollusca
 CLASSE: Gastropoda
 ORDEM: Stylommatophora
 FAMÍLIA: Strophocheilidae

STATUS DE AMEAÇA
 Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
 Estados Brasileiros: RS (EN)

CATEGORIAS RECOMENDADAS
 Mundial (IUCN, 2007): VU
 Brasil (Biodiversitas, 2002): **VU – A1ac; B2ab(iii); D2**

INFORMAÇÕES GERAIS

Gonyostomus henseli é encontrada em florestas de restinga, ao redor de lagoas costeiras, na Mata Atlântica. Podemos encontrá-la sob folhas em decomposição ou troncos caídos, ou ainda deslocando-se entre a vegetação. Informações sobre esta espécie são quase inexistentes.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A espécie ocorre no Estado do Rio Grande do Sul.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição do hábitat, desmatamento, poluição e fogo.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Como medidas para conservação da espécie, recomenda-se um minucioso estudo de sua taxonomia, distribuição, biologia e ecologia, além de monitoramento ambiental como subsídio à recuperação e à proteção desses habitats.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIAS

89, 107 e 130.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*



Gonyostomus insularis Leme, 1974

NOME POPULAR: Caracol-da-ilha

FILO: Mollusca

CLASSE: Gastropoda

ORDEM: Stylommatophora

FAMÍLIA: Strophocheilidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada

Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): VU

Brasil (Biodiversitas, 2002): **EN – A1ac; B2ab(iii); C2a(i)**

INFORMAÇÕES GERAIS

Gonyostomus insularis apresenta concha fusiforme alongada, esbelta, delgada e translúcida, com seis voltas ligeiramente convexas, perióstraco castanho-claro na espira e oliváceo na volta do corpo, com uma banda longitudinal escura. Possui 3½ voltas, abertura alongada, subvertical, perístoma branco e levemente violáceo, fino e ligeiramente refletido, lábio externo arqueado, lábio interno escavado abaixo da columela e comprimido na base, formando um canal raso largo e pouco pronunciado. A columela é oblíqua, levemente dobrada e de coloração violácea. A espécie ocorre na floresta atlântica insular da Mata Atlântica. Podemos encontrá-la sob folhas em decomposição, embaixo de troncos caídos ou deslocando-se entre a vegetação.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

Ilha das Cobras (ilha de Búzios), São Paulo, Brasil (localidade-tipo).

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Destruição e alteração do hábitat, desmatamento e fogo.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Aconselha-se o estudo detalhado da taxonomia, distribuição, biologia e ecologia. Deve-se fazer monitoramento ambiental como subsídio a proteção e recuperação do hábitat natural da espécie.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

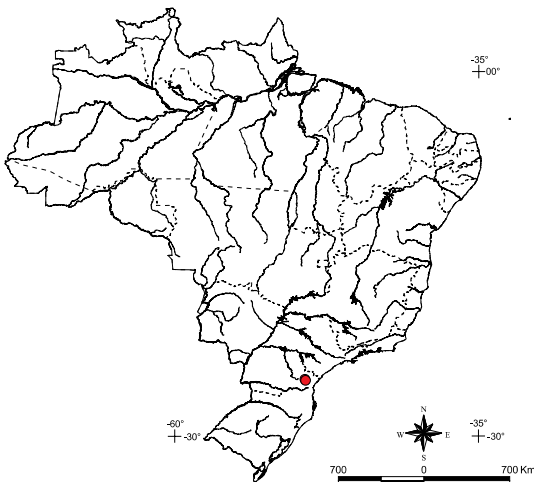
José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIA

88.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*





Mirinaba curytibana (Morretes, 1952)

NOME POPULAR: Caracol
 FILO: Mollusca
 CLASSE: Gastropoda
 ORDEM: Stylommatophora
 FAMÍLIA: Strophocheilidae

STATUS DE AMEAÇA

Brasil (MMA, IN 03/03): Ameaçada
 Estados Brasileiros: não consta

CATEGORIAS RECOMENDADAS

Mundial (IUCN, 2007): CR
 Brasil (Biodiversitas, 2002): EN – A1ac; B2ab(iii); C2a(i)

INFORMAÇÕES GERAIS

Mirinaba curytibana apresenta concha oval-acuminada, dorso-ventralmente comprimida, delgada, com 4¾ voltas, coloração oliváceo-amarelada, com estrias espirais microscópicas. O maior exemplar mede 48,0 mm de comprimento por 25,0 mm de diâmetro maior. A massa cefalopédica é de cor castanho-ferruginosa, com tentáculos escuros e opacos. Encontrada em florestas de araucária da Mata Atlântica, sob a vegetação, entre folhas caídas e em decomposição.

DISTRIBUIÇÃO GEOGRÁFICA

A distribuição préterita de *M. curytibana* é a localidade-tipo Pilarzinho, Curitiba, PR. Atualmente, Pilarzinho é um bairro residencial de Curitiba, não havendo condições naturais para a sobrevivência da espécie. A distribuição atual da espécie é Juruqui, município de Almirante Tamandaré, a 30 Km NW de Curitiba, PR.

PRESENÇA EM UNIDADES DE CONSERVAÇÃO

Desconhecida.

PRINCIPAIS AMEAÇAS

Alteração e destruição do hábitat, desmatamento, poluição e urbanização.

ESTRATÉGIAS DE CONSERVAÇÃO

Para a conservação da espécie, aconselha-se um estudo mais detalhado da taxonomia, distribuição, biologia e ecologia. É muito importante que se faça o monitoramento ambiental, como subsídio a proteção e recuperação dos habitats naturais da espécie.

ESPECIALISTAS/NÚCLEOS DE PESQUISA E CONSERVAÇÃO

Leocádia Indrusiak (UFMS) e José Luiz Moreira Leme (MZUSP).

REFERÊNCIAS

77 e 131.

Autora: *Fernanda Pires Ohlweiler*

Referências Bibliográficas

1. Alho, C.J.R. & E.S. Martins. 1995. De grão em grão, o cerrado perde espaço. *In: Cerrado: Impactos do processo de ocupação*. Brasília, WWF. 66p.
2. Alvarenga, M. 1958. Descrição de uma nova espécie brasileira do gênero *Agacephala* (Serville, 1825). *Revta. Brasil. Biol.* 18: 47-58.
3. Álvares, E.S.S. & R.L. Ferreira. 2002. *Coarazuphium pains*, a new species of a Brazilian troglobitic carabid beetle (Coleoptera, Carabidae, Zuphiini). *Lundiana*. 3(1):41-43.
4. Anderson, C. & D.W. McShea. 2001. Intermediate level parts in insect societies: adaptive structures that ants build away from the nest. *Actes Coll. Insectes Sociaux*. 48:291-301.
5. Andrade, R. 1999. *Estudo da história natural do pseudoscorpião cavernícola Maxchernes iporangae (Chernetidae) em laboratório*. Dissertação de Mestrado, Universidade de São Paulo - Instituto de Biociências.
6. Arab, A., G.G. Zaccarin, C.S. Fontanetti, M.I. Camargo-Mathias, M.G. Santos and A. Cabrera. 2003. Composition of the defensive secretion of the Neotropical millipede *Rhinocricus padbergi* (Verhoeff, 1938) (Diplopoda: Spirobolida: Rhinochricidae). *Entomotropica*. 18(2):79-82.
7. Araújo, C.Z.D. & P. Jaisson. 1994. Modes de fondation des colonies chez la fourmi sans reine *Dinoponera quadriceps* Santschi (Hymenoptera, Formicidae, Ponerinae). *Actes Coll. Insectes Sociaux*. 9:79-88.
8. Araújo, R.L. 1954. Revisão da bibliografia e notas à ecologia de *Hypocephalus armatus* (Desm., 1832) (Coleoptera, Hypocephalidae). *Revta. Brasil. Entomologia*. 2:175-192.
9. Baptista, R.L.C. & A.P.L. Giupponi. 2003. A new troglomorfic *Charinus* from Brazil (Arachnida, Amblypygi, Charinidae). *Revta. Ibérica de Aracnología*. 6:105-110.
10. Bechyné, J. 1956. Reise des Herrn G. Frey in Südamerika: Galerucidae (Col. Phytophaga). *Entomologische Arbeiten*. 7:241-58
11. Bechyné, J. 1997. Evaluación de los datos sobre *Phytophaga* dañinos en Venezuela (Coleoptera) - Parte II. *Bol. Entomol. Venez.* (Sér. Monografías n. 1), p.279-459.
12. Beier, M. 1969. Ein wahrscheinlich troglobionter *Pseudochtonius* (Pseudoscorp.) aus Brasilien. *Revue Suisse de Zool.* 76:1-2.
13. Belle, J. 1995. On the female sex of some elusive South-American Gomphidae with the description of three new genera and four new species (Odonata). *Zool. Meded.* 69(2):19-36.
14. Bessi-Pascoaloto, R. 2005. *Dinâmica populacional do carabídeo cavernícola Schizogenius ocellatus (Whitehead, 1972) (Coleoptera) e sua recuperação após eventos de enchentes (Sudeste do Estado de São Paulo, Brasil)*. Tese de Doutorado. São Paulo, Universidade de São Paulo, São Paulo - Instituto de Biociências. 202p.
15. Blackwelder, R.E. 1946. Checklist of the coleopterous insects of Mexico, Central America, the West Indies and South America. *Bull. of United States National Museum*. 185:551-763.
16. Bolton, B. 1995. *A New General Catalogue of the Ants of the World*. Cambridge: Harvard University. 504p.
17. Bonaldo, A.B. 1997. On the new neotropical spider genus *Ianduba* (Araneae, Corinnidae). *Iheringia Sér. Zool.* 83:165-180.
18. Borgmeier, T. 1939. Nova contribuição para o conhecimento das formigas neotropicais (Hym. Formicidae). *Revta. Entomologica*. 10:403-428.
19. Brandão, C.R.F. 1989. *Belonopelta minima* new species (Hymenoptera, Formicidae, Ponerinae) from eastern Brazil. *Revta. Brasil. Entomologia*. 33(1):135-138.
20. Brandão, C.R.F. 1991. Adendos ao catálogo abreviado das formigas da região Neotropical (Hymenoptera: Formicidae). *Revta. Brasil. Entomologia*. 35:319-412.
21. Brown, G.G. & S.W. James. 2006. Ecologia, biodiversidade e biogeografia das minhocas no Brasil. *In: G.G. Brown & C. Fragoso. Biodiversidade e ecologia das minhocas na América Latina*. Londrina: Embrapa. [em publicação]
22. Brown Jr., K.S. 1970. The Heliconians of Brazil (Lepidoptera: Nymphalidae). Part I. Rediscovery of *Heliconius nattereri* in eastern Brazil. *Entomological News*. 81:129-140.
23. Brown Jr., K.S. 1972. The heliconians of Brazil (Lepidoptera: Nymphalidae). Part III. Ecology and biology of *Heliconius nattereri*, a key primitive species near extinction, and comments on the evolutionary development of *Heliconius* and *Eueides*. *Zoologica*. 57:41-69.
24. Brown Jr., K.S. 1974. The Ithomiines of Brazil (Lepidoptera, Nymphalidae). Part III. Rediscovery and systematic position of *Napeogenes xanthone*. *Entomological News*. 85(9-10):265-274.
25. Brown Jr., K.S. 1992. Borboletas da Serra do Japi: diversidade, habitats, recursos alimentares e variação temporal, p.142-187. *In: L.P.C. Morellato (ed.). História natural da Serra do Japi. Ecologia e preservação de uma área florestal do sudeste do Brasil*. Campinas, Editora UNICAMP/FAPESP. 321p.



26. Brown Jr., K.S. 1993. Neotropical Lycaenidae, an overview, p.45-46; Selected Neotropical Species, p.146-149; Theclinae endemic to the Cerrado vegetation (Central Brazil), p.152. In: T.R. New. (org.). *Conservation Biology of Lycaenidae*. Gland, IUCN.
27. Brown Jr., K.S. 1996. Diversity of Brazilian Lepidoptera: history of study, methods for measurement, and use as indicator for genetic, specific and system richness, p.221-252. In: C.E.M. Bicudo & N.A. Menezes (ed.). *Biodiversity in Brazil. A first approach*. São Paulo, Instituto de Botânica, USP. 326p.
28. Brown Jr., K.S. & A.V.L. Freitas. 1994. Juvenile stages of Ithomiinae: Overview and systematics (Lepidoptera: Nymphalidae). *Trop. Lepid.* 5(1):9-20.
29. Brown Jr., K.S. & A.V.L. Freitas. 2000. Diversidade de Lepidoptera em Santa Teresa, Espírito Santo. *Bol. Mus. Biol. Mello Leitão*. (N. Sér.) 11/12:71-118
30. Brown Jr., K.S. & O.H.H. Mielke. 1998. *Parides panthonus jaguarae* (Foetterle, 1902), *Parides burchellanus* (Westwood, 1872), p.512-517. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M. de S. Aguiar & L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
31. Butler, A.G. 1869. Descriptions of news Rhopalocera from the collection of Herbert Druce. *Cist. Ent.* 1:1-16.
32. Butler, A.G. 1869. Descriptions of new or little known forms of diurnal Lepidoptera. *Transactions of the Entomological Society of London*. (4):273-276.
33. Callaghan, C.J. 1979. A new genus and a new subspecies of Riodinidae from Southern Brasil. Sarasota, *Bull. of the Allyn Museum*. 53:1-7.
34. Callaghan, C.J. 1999. New taxa of Neotropical Riodinidae (Lepidoptera). *Revta. Brasil. Zool.* 16(4):1045-1064.
35. Carle, F.L. & C. Cook. 1984. A new *Neogomphus* from South America, with extended comments on the phylogeny and biogeography of the Octogomphini trib. nov. (Anisoptera: Gomphidae). *Odonatologica*. 13(1):55-70.
36. Carvalho, A.L. 2000. Descriptions of the last instar larva and some structures in the pharate male adult of *Praevigomphus proprius* (Belle, 1995), with notes on the occurrence and taxonomic status of the species (Anisoptera: Gomphidae, Octogomphinae). *Odonatologica*. 29(3):239-246.
37. Casagrande, M.M. 2002. *Naropini* (Stichel, 1925) taxonomia e imaturos (Lepidoptera, Nymphalidae, Brassolinae). *Revta. Brasil. Zool.* 19(2):467-569.
38. Casagrande, M.M., O.H.H. Mielke e K.S. Brown Jr. 1998. *Dasyophthalma vertebralis* (Butler, 1869), p.525-526. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M. de S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
39. Castro, G.A. 1998. Nova ocorrência de *Peripatus acacioi* (Marcus & Marcus, 1955) (Onychophora) para o Estado de Minas Gerais, Recife. *Resumo do XXII Congresso Brasileiro de Zoologia*. p.360.
40. Castro, G.A. & M.D. Agosto. 1999a. Distribuição vertical dos oligoquetos terrestres em diferentes ambientes fitofisionômicos do Parque Estadual do Ibitipoca – MG. *Revta. Brasil. Zool.* 1(1):115-121.
41. Castro, G.A. & M.D. Agosto. 1999b. Ocupação ambiental dos oligoquetos terrestres em diferentes ambientes fitofisionômicos do Parque Estadual do Ibitipoca – MG. *Revta. Brasil. Zool.* 1(1):103-114.
42. Costa, J.M. & R.W. Garrison. 2001. Description of the female of *Leptagrion aculeatum* (Santos, 1965) with keys to the known species (Zygoptera: Coenagrionidae). *Odonatologica*. 30(4):381-394.
43. Costa, J.M. & B.B. Oldrini. 2005. Diversidade e distribuição dos Odonata (Insecta) no Estado do Espírito Santo, Brasil. *Pub. Avul. Mus. Nac. Rio de Jan.* 107:1-15.
44. Costa, J.M., A.B.M. Machado, F.A.A. Lencioni e T.C. Santos, 2000. Diversidade e distribuição dos Odonata (Insecta) no Estado de São Paulo, Brasil: Parte I – Lista das espécies e registros bibliográficos. *Pub. Avul. Mus. Nac. Rio de Jan.* (80):1-27.
45. D'Almeida, R.F. & O.H.H. Mielke. 1967. Três Espécies Novas de Ithomiidae Brasileiros (Lepidoptera). *Atas Soc. Biol. Rio de Jan.* 11(3):71-73.
46. Da-Silva, E.R., F.F. Salles e M.S. Baptista. 2002. As brânquias dos gêneros de *Leptophlebiidae* (Insecta: Ephemeroptera) ocorrentes no Estado do Rio de Janeiro. *Biota Neotropica* 2(2):1-4.
47. Dias, M.A., K.R. Benati e M.C.L. Peres. 2005. Ampliação da distribuição geográfica de *Phonotria bahiensis* (Simó & Brescovit, 2001) (Ctenidae: Cteninae) no estado da Bahia. *Biota Neotropica*. Vol. 5 (número 1a): Disponível em: <http://www.biotaneotropica.org.br/v5n1a/pt/abstract?short-communication+bn013051a2005>.
48. Dominguez, E., M.D. Hubbard, M.L. Pescador y C. Molineri. 2001. *Ephemeroptera*, p.17-53. In: H.R. Fernández & E. Domínguez (ed.). *Guía para la determinación de los artrópodos bentónicos sudamericanos*. Universidad Nacional de Tucumán.
49. Drumond, M.A. 2001. *Projeto Minhocucu. Sistematização de dados*. Relatório não publicado. 12p.
50. Drumond, M.A. & R.P. Martins. 2004. Projeto minhocucu: conservação e manejo da espécie ameaçada *Rhinodrilus alatus* (Righi, 1971) (Oligochaeta, Haplotaxida, Glossoscolecidae). *Anais do Seminário de Avaliação do Andamento dos Projetos na Pós-graduação em Ecologia, Conservação e Manejo de Vida Silvestre*. p.39-40. CD-ROM.

51. Eberhard, W. 1981. Notes on the natural history of *Taczanowskia* sp. (Araneae: Araneidae). *Bull. Br. Arachnol. Soc.* 5(4):175-176.
52. Endrödi, S. 1985. *The Dynastinae of the World*. Budapest: Dr. Junk Publishers. 800p.
53. Faria-Mucci, G., M.A. Melo e L.A.O. Campos. 2003. A fauna de abelhas (Hymenoptera, Apoidea) e plantas utilizadas como fonte de recursos florais, em um ecossistema de campos rupestres em Lavras Novas, Minas Gerais, Brasil, p.241-256. *In: G.A.R. Melo & I. Alves dos Santos (ed.) Apoidea Neotropica: Homenagem aos 90 anos de Jesus Santiago Moure*. Criciúma, UNESC.
54. Finke, O.M. 1984. Giant damselflies in a tropical forest: reproductive biology of *Megaloprepus coeruleus* with notes on *Mecistogaster* (Zygoptera: Pseudostigmatidae). *Adv. Odonatol.* 3:13-27.
55. Fischer, H. 1962. Morphostudien, Teil 2. *Bericht der naturforschenden Gesellschaft Augsburg*, 15:109-126.
56. Foetterle, J.G. 1902. Descrição de Lepidopteros novos do Brasil. *Revta. do Museu Paulista.* 5:618-652.
57. Forti, L.C. & M.A.C. Boaretto. 1997. *Formigas cortadeiras: biologia, ecologia, danos e controle*. Botucatu: Universidade Estadual Paulista. 61p.
58. Fourcassié, V. & P.S. Oliveira. 2002. Foraging ecology of the giant Amazonian ant *Dinoponera gigantea* (Hymenoptera, Formicidae, Ponerinae): activity schedule, diet and spatia foraging patterns. *J. of Natural History.* 36:2211-2227.
59. Fowler, H.G. 1995. The population status of the endangered Brazilian endemic leaf-cutting ant *Atta robusta* (Hymenoptera: Formicidae). *Biological Conservation.* 74:147-150.
60. Fowler, H.G., J.H.C. Delabie and M.N. Schlindwein. 1996. The endemic Brazilian leaf-cutting ants, *Atta silvai* and *Atta robusta* (Hymenoptera: Formicidae): Population status. *Revta. Brasil. de Entomologia.* 40:111-112.
61. Fowler, H.G., L.C. Forti, V.P. Silva and N.B. Saes. 1986. Economics of grass-cutting ants, p.18-35. *In: C.S. Lofgren & R.K. Vander Meer (org.). Fire ants and leaf-cutting ants: a synthesis of current knowledge*. Vol. 1. Boulder, Westview Studies in Insect Biology.
62. Francini, R.B., A.V.L. Freitas and K.S. Brown Jr. 2005. Rediscovery of *Actinote zikani* (D'Almeida) (Nymphalidae, Heliconiinae, Acraeini): Natural history, population biology and conservation of an endangered butterfly in SE Brazil. *J. Lepid. Soc.* 59:134-142.
63. Freitas, A.V.L. & K.S. Brown Jr. 2005. Immature stages of *Napeogenes sulphurina* Bates, 1862 (Lepidoptera, Nymphalidae, Ithomiinae) from Northeastern Brazil. *J. Lepid. Soc.* 59(1):35-37.
64. Gnaspini, P., S.A. Vanin and N.M. Godoy. 1998. A new genus of troglobitic carabid beetle from Brazil (Coleoptera, Carabidae, Zuphiini). *Pap. Avul. Zool.* 40(10):297-309.
65. Godoy, N.M. 1990. *Biologia de coleópteros da Caverna Areias de Cima, Iporanga-SP*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, Universidade de São Paulo – Instituto de Biociências. 137p.
66. Godoy, N.M. & S.A. Vanin. 1990. *Parazuphium tessai*, sp. n., a new cavernicolous beetle from Bahia, Brazil (Coleoptera, Carabidae, Zuphiini). *Revta. Brasil. Entomologia.* 34(4):795-799.
67. Gonçalves, C.R. 1942. Contribuição para o conhecimento do gênero *Atta* Fabr., das formigas saúvas. *Bol. Soc. Brasil. Agron.* 5:333-358.
68. Gonçalves, C.R. 1982. Descrição de *Acromyrmex diasi*, uma nova espécie de formiga cortadeira de folhas. *Revta. Brasil. Biol.* 42:485-487.
69. Gotwald, W.H. & W.L. Brown Jr. 1967. The ant genus *Simopelta* (Hymenoptera: Formicidae). *Psyche.* 73:261-276.
70. Grossi, E. & P. Arnaud. 1991. Description d'une nouvelle sous-espece de *Dynastes hercules*. *Bull. Sciences Nat.* 78:13-14.
71. Haddad-Jr., V., J.L.C. Cardoso, O. Rotta and A. Eterovic. 2000. Accidents provoked by milliped with dermatological manifestations: report of two cases. *Anais Brasil. de Dermatologia.* 75(4):471-474.
72. Higgins, L.G. 1981. A revision of *Phyciodes* Hübner and related genera, with a review of the classification of the Melitaeinae (Lepidoptera: Nymphalidae). *Bull. of the British Museum (Natural History), Entomology series.* 43(3):77-243.
73. Höfling, E. 1980. Sistema circulatorio de *Rhinodrilus alatus* (Righi, 1971) (Oligochaeta, Glossoscolecidae). *Pap. Avul. Zool.* 34(3):21-72.
74. Höfling, E. 1982a. Capilarização superficial de *Rhinodrilus alatus* (Righi, 1971) (Oligochaeta, Glossoscolecidae). *Pap. Avul. Zool.* 34(26):297-307.
75. Höfling, E. 1982b. Irrigation capillaire superficielle de *Rhinodrilus alatus* (Righi, 1971) (Oligochaeta, Glossoscolecidae). *Bull. de la Societe Zoologique de France.* 107(3):489-490.
76. Hurd, P.D. & J.S. Moure. 1963. A clasification of the large carpenter bees (Xylocopini) (Hymenoptera: Apoidea). *University of California Publications in Entomology.* 29:1-365
77. Indrusiak, L.F. & J.L.M. Leme. 1985. Anatomia comparada de três espécies de *Miraba curytibana* Morretes, 1952 (Gastropoda, Strophocheilidae) do estado do Paraná, Brasil. *Acta Biológica Paranaense.* 14:163-180.
78. Jaffe, K. 1993. Surfing ants. *Florida Entomologist.* 6:182-183.



79. Jolivet, P. 1987. Aperçu de la sélection trophique chez les Galerucinae. Etude par genre (Coleoptera, Chrysomelidae). *Bull. Annales Soc. r. Belge Ent.* 123:283-307.
80. Jolivet, P. & E. Petitpierre. 1986. Les plantes hôtes des Chrysomelidae. Quelques nouvelles précisions et additions (Coleoptera). *Nouv. Revue Entomol.* 3(3):341-374.
81. Kerr, W.E. 2002. Extinção de espécies: a grande crise biológica do momento e como afeta os meliponínios. Ribeirão Preto, *Anais do V Encontro sobre Abelhas.* p.4-9.
82. Kesselring, J. & H. Ebert. 1982. Relação das borboletas encontradas na “Mata do Buraquinho”, João Pessoa, Estado da Paraíba, Brasil. *Revta. Nordestina de Biologia.* 2(1/2):105-118 (1979).
83. Kraus, O. & M. Kraus. 1992. Eresid spiders in the neotropics: *Stegodyphus manaus* n. sp. (Arachnida, Araneae, Eresidae). *Verhandlungen und Naturwissenschaften zu Vereins zu Hamburg.* 33:15-19.
84. Kury, A.B. 2003. Annotated catalogue of the Laniatores of the New World (Arachnida, Opiliones). *Revta. Ibérica de Aracnologia.* Vol. Esp. Monográfico: 1:5-337.
85. Lachaume, G. 1985. *The beetles of the world.* Vol. 5, Dynastini part I: Dynastes, Megasoma, Golopha. Paris: *Sciences Nat.* 85p.
86. Lachaume, G. 1992. *The beetles of the world.* Vol. 14, Dynastidae américains: Cyclocephalini, Agaocephalini, Pentodontini, Oryctini, Phileurini. Venette: *Sciences Nat.* 89p.
87. Lavallard, R., S. Campiglia, E.P. Alvarez et C.M.C. Valle. 1975. Contribution à la biologie de *Peripatus acacioi* Marcus et Marcus (Onychophore). III - Étude descriptive de le habitat. *Vie Millieu.* 25(1): 85-118.
88. Leme, J.L.M. 1974. *Gonyostomus insularis*, uma nova espécie de Strophocheilidae (Pulmonata) da Ilha de Búzios, São Paulo, Brasil. *Pap. Avul. Zool.* 28(1):1-9.
89. Leme, J.L.M. 1973. Anatomy and Systematics of the Neotropical Strophecheilodea (gastropoda, Pulmonata) with the description of a new family. *Arq. de Zool.* 23(5):295-337.
90. Leme, J.L.M. 1989. *Megalobulimus lopesi*, sp. n., uma nova espécie de pulmonata terrestre da Mata Atlântica brasileira (Mollusca, Gastropoda, Megalobulimidae). *Memórias do Instituto Oswaldo Cruz.* 84:313-318.
91. Leme, J.L.M. & L.F. Indrusiak. 1990. *Megalobulimus parafragilior* sp. n., uma nova espécie de pulmonata terrestre da Serra do Mar (Gastropoda, Megalobulimidae). *Pap. Avul. Zool.* 37(5):97-105.
92. Leme, J.L.M. & L.F. Indrusiak. 1995. Anatomia e considerações sobre *Megalobulimus proclivis* (Martens, 1888) (Gastropoda, Megalobulimidae). *Iheringia Sér. Zool.* 78:19-27.
93. Levi, H.W. 1996. The genus *Taczanowskia* of the orb-weaver spider family Araneidae (Araneae). *Anales Inst. Biol. Univ. Nac. Autón. México, Sér. Zool.* 67(2):183-195.
94. Longino, J.T. 2002. *The Ants of Costa Rica.* Disponível em: <http://www.evergreen.edu/Ants/genera/simopelta/key02.html>. Acesso em: 10 mar. 2006.
95. Louzada, J.N.C., G. Schiffler e F.Z. Vaz-de-Mello. 1996. Efeito do fogo sobre a comunidade de Scarabaeidae (Insecta: Coleoptera) da restinga da Ilha de Guriri-ES, p.161-169. In: H.S. Miranda, C.H. Salto e B.F.S. Dias (org.). *Impactos de Queimadas em áreas de Cerrado e Restinga.* Brasília, UNB-ECL. 187p.
96. Machado, A.B.M. 1988. *Heteragrion petiense* sp. nov. from the State of Minas Gerais, Brazil (Zygoptera: Megapodagrionidae). *Odonatologica.* 17(3):267-274.
97. Machado, A.B.M. 1992. Regional report: Brazil. In: N.W. Moore (ed.). Report of the 7th Meeting of the IUCN Odonata Specialist Group. Rep. Odon. Specialist Group Int. Conservation of Nature. 9:18-21.
98. Machado, A.B.M. 1995. Description of *Aeshna* (Hesperaeshna) *eduardoi* (Machado, 1994) from the mountains of Minas Gerais, Brazil (Anisoptera; Aeshnidae). *Odonatologica.* 14(1):45-56.
99. Machado, A.B.M. 2006. Notes on the type specimens of *Mecistogaster pronoti* (Sjöstedt, 1918). (Odonata – Pseudostigmatidae). [Submetido para publicação]
100. Machado, A.B.M. & A. Martinez. 1982. Oviposition by egg-throwing in a zygopterous *Mecistogaster jocaste* (Pseudostigmatidae). *Odonatologica.* 11(1):15-20
101. Machado, A.B.M., P.A.R. Machado, A.C. Braz e E.R. Machado, 1988. Fauna Odonatológica da Reserva de Peti – CEMIG. Curitiba, *Resumos do XV Congresso Brasileiro de Zoologia.* p.136.
102. Machado, A.B.M., G.A.B. Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). 1998. *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais.* Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
103. Madsen, V. 2003. *Grãos de Pólen de Importância Alimentar para Abelhas (Xylocopa truxali) em Área de Campo Rupestre da Serra da Calçada (Bumadinho/MG).* Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte, Universidade Federal de Minas Gerais. 35p.
104. Mahnert, V. 2001. Cave-dwelling pseudoscorpions (Arachnida, Pseudoscorpiones) from Brazil. *Revue Suisse de Zoologie.* 108:95-148.
105. Mahnert, V. & R. Andrade. 1998. Description of a new troglophilous species of the genus *Maxchernes* (Feio, 1960) (Pseudoscorpiones, Chernetidae) from Brazil (São Paulo State). *Revue Suisse de Zoologie.* 105(4):771-775.

106. Marcus, E. & E. Marcus. 1955. A new *Peripatus* from Minas Gerais, Brazil. *Annals da Academia Brasileira de Ciências*. 27(2):189-193.
107. Martens, E. 1868. Uber sudbrasilische land-und süsswasser mollusken. *Malakozoologische Blatter*. 15:169-217.
108. Mauriès, J.P. & J.J. Geoffroy. 2000. Nouvelle description, classification, répartition et variations morphologiques interpopulations d'un diplopode troglobie du sud-est Brésil (Diplopoda, Polydesmida, Chelodesmidae). *Zoosystema*. 22(1):153-168.
109. Melo, G.A.R. 1996. Notes on the nesting biology of *Melipona capixaba* (Hymenoptera, Apidae). *J. of the Kansas Entomological Society*. 69(2):207-210.
110. Michaelsen, W. 1918. Die Lumbriciden. *Zool. Jahrb. Syst.* 41:1-398.
111. Mielke, O.H.H. 1968. Duas espécies novas de *Drephalys*, provenientes de Santa Catarina (Lepidoptera, Hesperiiidae). *Atas da Sociedade de Biologia do Rio de Janeiro*. 12(3):129-133.
112. Mielke, O.H.H. 1995. Revisão de *Elbella* (Evans) e gêneros afins (Lepidoptera, Hesperiiidae, Pyrrhopyginae). *Revta. Brasil. Zool.* 11(3):395-586.
113. Mielke, O.H.H. 2004. Hesperioidea. 95. Hesperiiidae, p.3-11, 25-86. In: G. Lamas (ed.). Checklist: Part 4A. Hesperioidea – Papilionoidea. In: J.B. Heppner (ed.). *Atlas of Neotropical Lepidoptera 5A*. Gainesville, Scientific Publishers. 439p.
114. Mielke, O.H.H. 2005. *Catalogue of the American Hesperioidea: Hesperiiidae (Lepidoptera)*. Volume 2. Pyrginae 1: Eudamini. Curitiba, Sociedade Brasileira de Zoologia. p.129-410.
115. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Arawacus aethesa* (Hewitson, 1867), p.556-557. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
116. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Callicore hydarnis* (Godart, 1824), p.544-545. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
117. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Charonias theano theano* (Boisduval, 1836), p.518-520. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
118. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Heliconius nattereri* (C. Felder & R. Felder, 1865), p.539-543. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
119. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Hyaliris fiammetta* (Hewitson, 1852), p.536-537. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
120. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Hyaliris leptalina leptalina* (C. Felder & R. Felder, 1865), p.534-535. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
121. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Hypoleria fallens* (Haensch, 1905), p.532-533. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
122. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Magnastigma julia* (Nicolay, 1977), p.551-552. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
123. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Moschoneura methymna* (Godart, 1819), p.521-522. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
124. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Nirodia belphegor* (Westwood, 1851), p.558-559. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
125. Mielke, O.H.H. & K.S. Brown Jr. 1998. *Tithorea harmonia caissara*, p.528-529. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
126. Mielke, O.H.H. & M.M. Casagrande. 1998. Papilionoidea e Hesperioidea (Lepidoptera) do Parque Estadual do Morro do Diabo, Teodoro Sampaio, São Paulo, Brasil. *Revta. Brasil. Zool.* 14(4):967-1001.
127. Mielke, O.H.H. & M.M. Casagrande. 2004. Borboletas, p.715-739. In: S.B. Mikich & R.S. Bérnils (ed.). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada no Estado do Paraná*. Curitiba, Instituto Ambiental do Paraná. 764p.
128. Monné, M.A. 1994. Catalogue of the Cerambycidae (Coleoptera) of the Western Hemisphere. Part XII. Subfamilies Parandrinae, Anoplodermatinae, Spondylinae, Aseminae and Oxypeltinae. *Sociedade Brasil. Entomologia*. 56p.



129. Monnin, T. & F.L.W. Ratnieks. 1999. Reproduction versus work in queenless ants: when to join a hierarchy of hopeful reproductives? *Behavioural Ecology and Sociobiology*. 46:413-422.
130. Morretes, F.L. 1949. Ensaios de catálogo dos moluscos do Brasil. *Arq. do Museu Paranaense*. 7:1-216.
131. Morretes, F.L. 1952. Novas espécies brasileiras da família Strophocheilidae. *Arq. Zool.* 8(4):109-126
132. Moura, L. de A. 2003. Coleópteros, p.85-94. In: C.S. Fontana, G.A. Bencke, G.A. e R.E. Reis (ed.). *Livro Vermelho da Fauna Ameaçada de Extinção no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, EDIPUCRS. 632p.
133. Moure, J.S. & J.M.F. Camargo. 1995. *Melipona (Michmelia) capixaba*, uma nova espécie de Meliponinae (Hymenoptera, Apidae) do Sudeste do Brasil. *Revta. Brasil. Zool.* 11(2):289-296.
134. Nagai, S. 2003. Four new subspecies of the genus *Megasoma* (Coleoptera, Scarabaeidae) from South America. *Gekkan-Mushi*. 394:35-39.
135. Nascimento, V.A., S.H. Matusita and W.E. Kerr. 2000. Evidence of hybridization between two species of *Melipona* bees. *Genetics and Molecular Biology*. 23(1):79-81.
136. Otero, L.S. & K.S. Brown Jr. 1986. Biology and ecology of *Parides ascanius* (Cramer, 1775) (Lep., Papilionidae), a primitive butterfly threatened with extinction. *Atala*. 10-12, 2-16.
137. Otero, L.S., K.S. Brown Jr., O.H.H. Mielke, R.F. Moreira, J.M. Costa, M.V. de Macêdo, N.C. Maciel, J.Becker, N.C. Salgado, S.B. dos Santos, G.E. Moya, J.M. de Almeida e M.D. da Silva. 2000. Invertebrados terrestres, p.53-62. In: H.G. Bergallo, C.F.D. Rocha, M.A.S. Alves e M.V. Sluys (org.). *A Fauna Ameaçada de Extinção do Estado do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, EDUERJ. 166p.
138. Paiva, R.V.S. & C.R.F. Brandão. 1995. Nests, worker population, and reproductive status of workers, in the giant queenless ponerine ant *Dinoponera* Roger Hymenoptera Formicidae. *Ethology, Ecology and Evolution*. 7:297-312.
139. Palacios-Vargas, J.G. & D. Zeppelini. 1995. Seven new *Arrhopalites* (Hexapoda: Collembola) from Brazilian and Mexican caves. *Folia Entomol. Mex.* 93:7-23.
140. Pérez, A. & A.B. Kury. 2002. A new remarkable troglomorphic gonyleptid from Brazil (Arachnida, Opiliones, Laniatores). *Revta. Ibérica de Aracnología* 5:43-50.
141. Picoral, M. & J.W. Thomé. 1993. Anatomia do Sistema Reprodutor de *Rectartemon (Rectartemon) depressus* (Heynemann, 1868) (Mollusca; Gastropoda; Streptaxidae). *Biociências*. 1(1):5-24.
142. Picoral, M. & J.W. Thomé. 1998. Anatomia e microanatomia do sistema reprodutor de *Rectartemon (Rectartemon) depressus* (Heynemann) (Mollusca, Gastropoda, Streptaxidae): Complexo Fálico. *Revta. Brasil. Zool.* 15(1):101-107.
143. Picoral, M. & V.L. Lopes-Pitoni. 1998. Microescultura da concha de *Rectartemon (Rectartemon) depressus (Heynemann)* (Gastropoda, Stylommatophora, Streptaxidae). *Revta. Brasil. Zool.* 15(1):117-124.
144. Pinto da Rocha, R. 1995. Sinopse da fauna cavernícola do Brasil (1907-1994). *Pap. Avul. Museu Zool. São Paulo*. 39(6):61-73.
145. Pinto da Rocha, R. 1996. Biological notes on and population size of *Pachylospeleus strinatii* Silhavy, 1974 in the Gruta das Areias de Cima, Iporanga, South-eastern Brazil (Arachnida, Opiliones, Gonyleptidae). *Bull. Br. Arachnological Soc.* 10(5):189-192.
146. Pinto da Rocha, R. 1996. *Iandumoema uai*, a new genus and species of troglobitic harvestman from Brazil (Arachnida, Opiliones, Gonyleptidae). *Revta. Brasil. Zool.* 13(4):843-848.
147. Pivötte, F.R. 1983. *Estudo da composição química de águas do Morro do Ferro*. Dissertação de Mestrado. Rio de Janeiro, Pontifícia Universidade Católica.
148. Platnick, N.I. 2005. *The world spider catalog*. Version 5.5. American Museum of Natural History. Disponível em: <http://research.amnh.org/entomology/spiders/catalog/index.html>.
149. Polegatto, C.M. [no prelo]. *Perissophlebiodes flinti* (Savage) (Ephemeroptera: Leptophlebiidae: Atalophlebiinae): novo registro, distribuição e comentários sobre sua identificação. *Biota Neotropica*.
150. Rebel, H. 1920. Eine neue Nymphalide aus Brasilien. *Zeitschrift des oesterreichischen Entomologen-Vereines*. 5(11/12):67-68.
151. Rheims, C.A. & A.D. Brescovit. 2003. Description of six new species of *Anapistula* Gertsch (Araneae, Symphytognathidae) from Brazil. *Bull. Br. Arachnological Soc.* 12(7):324-330.
152. Ribeiro da Silva, E. & J.L. Nessimian. 1990. A new species of the genus *Parapopynx* Hübner, 1826 (Lepidoptera: Pyralidae: Nymphulinae) from Rio de Janeiro State, Brazil. *Revta. Brasil. Zool.* 50(2):491-495.
153. Righi, G. 1971. Sobre a família Glossoscolecidae (Oligochaeta) no Brasil. *Arq. Zool.* 20(1):1-95.
154. Righi, G. & M. de Maria. 1998. *Fimoscolex sporadochaetus* Michaelsen, 1918, p.582-583. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
155. Righi, G. & M. de Maria. 1998. *Rhinodrilus alatus*, p.579-580. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.

156. Righi, G. & M. de Maria. 1998. *Rhinodrilus fajner*, p.577-578. In: A.B.M. Machado, G.A.B. da Fonseca, R.B. Machado, L.M.S. Aguiar e L.V. Lins (ed.). *Livro Vermelho das Espécies Ameaçadas de Extinção da Fauna de Minas Gerais*. Belo Horizonte, Fundação Biodiversitas. 608p.
157. Röber, J. 1908-1909. 2. Familie Pieridae, p.53-111, pls. 18-30, 192, 194. In: A. Seitz. 1907-1924. *Die Gross-Schmetterlinge der Erde 5. Die Amerikanischen Tagfalter*. Stuttgart, Alfred Kernen Verlag, 1141p. 203 pls.
158. Salgado, N.C. 1991. *Conquiliologia, morfologia, taxonomia e aspectos biológicos de Tomigerus (Spix, 1827) (Mollusca, Gastropoda, Bulimulidae, Odontostominae), com observações ambientais*. Tese de Doutorado – Zoologia. São Paulo, Universidade de São Paulo.
159. Salles, F.F., E.R. da-Silva, M.D. Hubbard e J.E. Serrão. 2004. As espécies de Ephemeroptera (Insecta) registradas para o Brasil. *Biota Neotropica*. 4(2):1-34.
160. Santos, N.D. 1961. Duas novas espécies do gênero *Leptagrion* Selys, 1876 (Odonata, Coenagrionidae). *Revta. Brasil. Biol.* 21(4):359-362.
161. Santos, N.D. 1965. Contribuição ao conhecimento da fauna do Estado da Guanabara. LV. Odonata da região de restinga do Recreio dos Bandeirantes. *Atas Soc. Biol. Rio de Janeiro*. 9(6):103-108.
162. Santos, N.D. 1965. Contribuição ao conhecimento da fauna do Estado da Guanabara. LIV. – *Acanthagrion taxaensis* sp. n. (Odonata: Coenagrionidae). *Atas Soc. Biol. Rio de Janeiro*. 9(4):60-63.
163. Santos, N.D. 1965. Contribuição ao conhecimento dos Odonata da região de Poços de Caldas, M.G. *Minagrion* gen. n. para *Telagrion mecistogastrum* Selys-Longchamps, 1865, com a descrição de uma nova espécie (Odonata: Coenagrionidae). *Atas Soc. Biol. Rio de Janeiro*. 9:8-12.
164. Santos, N.D. 1966. Contribuição ao conhecimento da fauna do Estado da Guanabara. LVI. Notas sobre Coenagrionídeos (Odonata) que se criam em bromélias. *Atas Soc. Biol. Rio de Janeiro*. 10(3):83-85.
165. Santos, N.D. 1966. Odonatas da região de Poços de Caldas, Minas Gerais. *Atas. Soc. Biol. Rio de Janeiro*. 10(3):65-69.
166. Santos, N.D. 1978. Descrição de *Leptagrion vriesianum* sp. n. cenagrionídeo bromelícola (Odonata: Coenagrionidae). *Bol. Mus. Nac., N.S., Zool.* 292:1-6.
167. Santos, N.D. 1979. Descrição de *Leptagrion bocainense* Santos, 1978 (coenagrionídeo bromelícola (Odonata: Coenagrionidae). *Anais da Soc. Entomológica Brasil.* 8(1):167-173.
168. Santos, N.D. & J.M. Costa. 1987. Preservação dos Odonatas do Município do Rio de Janeiro. *Resumos do XIV Congresso Brasileiro de Zoologia*. p.194.
169. Savage, H.M. 1982. A curious new genus and species of Atalophlebiinae (Ephemeroptera: Leptophlebiidae) from the southern coastal mountains of Brazil. *Studies on Neotropical Fauna and Environment*. 17:209-217.
170. Savage, H.M. 1983. *Perissophlebiodes*, a replacement name for *Perissophlebia* Savage Nec Tillyard (Ephemeroptera: Leptophlebiidae). *Entomological News*. 94(5):204.
171. Schaus, W. 1902. Description of new American butterflies. *Proceedings of the United States National Museum*. 24:383-460.
172. Schaus, W. 1920. Description of two new species of butterflies from tropical America. *J. of the Washington Academy of Sciences*. 10(15):434-435.
173. Schubart, O. 1944. Os diplópodos de Pirassununga. *Acta Zoologica Lilloana*. 2:321-440.
174. Seitz, A. 1907-1924. *Die Gross-Schmetterlinge der Erde 5. Die Amerikanischen Tagfalter*. Stuttgart, Alfred Kernen Verlag, 1141p. 203 pls.
175. Selys-Longchamps, M.E. de. 1854. Synopsis des Gomphines. *Bulletin de l'Académie Royale des Sciences de Belgique*. 21:23-114
176. Selys-Longchamps, M.E. de. 1876. Synopsis des Agrionines, cinquième légion: *Agrion* (suite). Le grand genre *Agrion*. *Bulletin de l'Académie Royale des Sciences de Belgique*. 42:490-531, 952-991.
177. Selys-Longchamps, M.E. de. 1886. Revision du synopsis des Agrionines. Première partie comprenant les légions *Pseudostigma-Podagrion-Platycnemis* et *Protonевра*. *Memoiré Couronné Académie Belgique*. 38(4):1-233.
178. Selys-Longchamps, W. de. 1875. *Notes d'un voyage au Brésil*. La Bruxele Libraire C. Muquardt. 102p.
179. Silveira, F.A. 1996. Espécies novas e designação de lectótipos de *Exomalopsis* sul-americanas (Hymenoptera, Apoidea). *Revta. Brasil. de Entomologia*. 40(1):81-88.
180. Silveira, F.A., G.A.R. Melo e E.A.B. Almeida. 2002. *Abelhas Brasileiras - sistemática e identificação*. Belo Horizonte: Edição do Autor. 253p.
181. Simó, M. & A.D. Brescovit. 2001. Revision and cladistic analysis of the neotropical spider genus *Phoneutria* Perty, 1833 (Araneae, Ctenidae), with notes on related Ctenidae. *Bull. Br. Arachmol. Soc.* 12(2):67-82.
182. Soares, H.E.M. 1966. Novos opiliões da coleção "Otto Schubart" (Opiliones: Cosmetidae, Gonyleptidae, Phalangodidae). *Pap. Avul. Zool.* 18:103-115.
183. Teixeira, M.C. & J.H. Schoereder. 2003. The effect of plant cover on *Atta robusta* (Hymenoptera: Formicidae) distribution in restinga vegetation. *Sociobiology*. 41(3):615-623.



184. Teixeira, M.C., J.H. Schoederer and A.J. Mayhé-Nunes. 2003. Geographic Distribution of *Atta robusta* Borgmeier (Hymenoptera: Formicidae). *Neotropical Entomology*. 32(4):719-721.
185. Teixeira, M.C., J.H. Schoederer and J.N.C. Lousada. 2004. Occurrence of *Atta robusta* Borgmeier (Hymenoptera: Formicidae) in the north of Espírito Santo State, Brazil. *Neotropical Entomology*. 33(2):265-266.
186. Thompson, M.V.F. & N. Moracchioli. 1996. Population ecology of *Chelodesmus yporangae* (Schubart, 1946) (Diplopoda: Polydesmida: Chelodesmidae), a cavernicolous millipede from southeastern Brazil. *Memoires de Biospeologie*. 23:249-254.
187. Trajano, E. & P. Gnaspiri-Neto. 1991. Notes on the food webs in caves of Southeastern Brazil. *Memoires de Biospeologie*. 18:75-79.
188. Trajano, E., S.I. Golovatch; J.J. Geoffroy, R. Pinto-da-Rocha and C.S. Fontanetti. 2000. Synopsis of Brazilian cave-dwelling millipedes (Diplopoda). *Pap. Avul. Zool.* 41(18):259-287.
189. Tyler, H., K.S. Brown Jr. and K. Wilson. 1994. *Swallowtail Butterflies of the Americas – A study in biological dynamics, ecological diversity, biosystematics, and conservation*. Gainesville, FL.: Scientific Publishers, Inc., Gainesville, FL.
190. Vasconcellos, A., G.G. Santana and A.K. Souza. 2004. Nest spacing and architecture, and swarming of males of *Dinoponera quadriceps* (Hymenoptera, Formicidae) in a remnant of the Atlantic Forest in northeast Brazil. *Brazilian J. of Biology*. 64(2):357-362.
191. Vaz-de-Mello, F.Z., J.N.C. Louzada e M. Gavino. 2001. Nova espécie de *Dichotomius* Hope, 1838 (Coleoptera, Scarabaeidae) do Espírito Santo, Brasil. *Revta. Brasil. Entomologia*. 45(2):99-102.
192. Vulcano, M.A., F.S. Pereira e N.T. Mendonça. 1980. Esboço monográfico: *Hypocephalus armatus* Desmarest, 1832 (Coleoptera, Hypocephalidae). *Lundiana*. 1:23-48.
193. Weber, E. 1951. Neue Morphiden und Neues über Morphiden. *Eos, Revista española de Entomologia*. 27(1):69-78.
194. Whitehead, D.R. 1972. Classification, phylogeny, and zoogeography of *Schizogenius* Putzeys (Coleoptera, Carabidae, Scaritini). *Quaestiones Entomologicae*. 8:131-348.
195. Wieloch, A.H., A.A. Azevedo e L.A. Pinto. 1998. *Peripatus acacioi* da estação de Pesquisa e Desenvolvimento Ambiental de Peti, MG, Brasil. Relatório Técnico. Belo Horizonte, CEMIG.
196. Wilcox, J.A. 1972. Coleopterorum Catalogus. Chrysomelidae: Galerucinae. *W. Junk*. 78(2):221-431.
197. Wilms, W. 1995. *Die Bienenfauna im Küstenregenwald Brasiliens und ihre Beziehungen zu Blütenpflanzen: Fallstudie Boracéia, São Paulo*. Tese de Doutorado. Tübingen, Universidade de Tübingen.
198. Wilson, E.O. 1986. The defining traits of fire ants and leaf-cutting ants. In: C.S. Lofgren & R.K. Vander Meer (org.). *Fire ants and leaf-cutting ants: a synthesis of current knowledge*. Vol. 1. Boulder, Westview Studies in Insect Biology.
199. Yosii, R. 1988. Paronellid Collembola from caves of Central and South America collected by P. Strinati. *Revue Suisse Zool.* 95(2):449-459.
200. Zeppelini, D. & J.G. Palacios-Vargas. 1999. A new troglomorphic species of *Arrhopalites* (Collembola: Arrhopalitidae) from Brazil. *J. New York Entomol. Soc.* 107(1):78-81.
201. Zikán, J.F. 1927. Biologie der Heliconisa-Arten (Lep. Saturnid.). *Dtsch. Ent. Ztschr.* p.58-82, Taf. I-IV.
202. Zikán, J.F. & W. Zikán. 1968. Inseto-fauna do Itatiaia e da Mantiqueira, 3: Lepidoptera. *Pesq. Agropec. Bras.* 3:45-109.

Peridontodesmella alba
Macho (Piolho-de-cobra)
Foto: Ricardo P. da Rocha



Plaumanniella novateutoniae
(Besouro)
Foto: Luciano A. de Moura



Ensiforma caerulea
(Besouro)
Foto: Luciano A. de Moura





Megasoma janus janus
(Besouro-de-chifre)
Foto: Elisa C. Grossi



Megasoma gyas rumbucheri
(Besouro-de-chifre)
Foto: Elisa C. Grossi



Dinoponera lucida
(Formiga)
Foto: Sébastien Lacau

Dasyophthalma delanira
Macho (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke



Dasyophthalma vertebralis
Macho (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke



Dasyophthalma vertebralis
Fêmea (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke





Grasseia menelaus eberti
Fêmea (Borboleta-azul)
Foto: Olaf Mielke



Orobassolis ornamentalis
Macho (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke



Polygrapha suprema
Macho (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke

Polygrapha suprema
Fêmea (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke



Heraclides himeros himeros
Macho (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke



Parides ascanius
Macho (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke

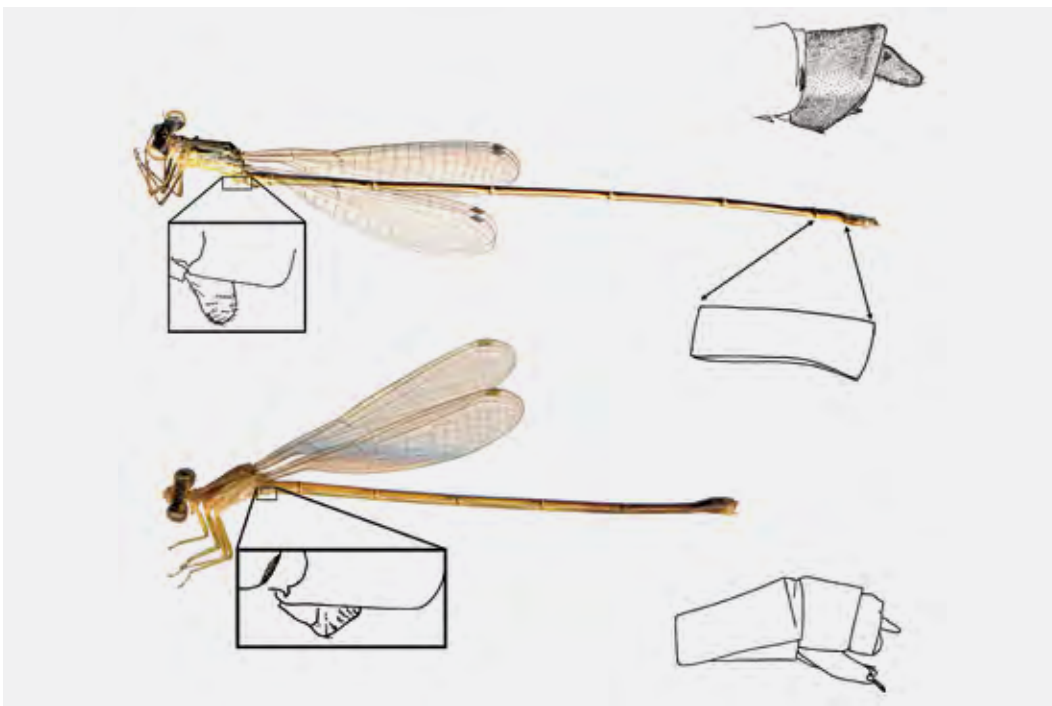




Dirphia monticola
Fêmea (Mariposa)
Foto: Olaf Mielke



Parides lysander
mattogrossensis
Fêmea (Borboleta)
Foto: Olaf Mielke



Minagrion mecistogastrum
(Libélula)
Foto: Frederico Lencioni

Índice Remissivo (Ordem Alfabética)

<i>Acanthagrion taxaensis</i>	(V.I, 452)	<i>Arrhopalites wallacei</i>	(V.I, 375)
<i>Acrobatornis fonsecai</i>	(V.II, 560)	<i>Asterina stellifera</i>	(V.I, 186)
<i>Acromyrmex diasi</i>	(V.I, 385)	<i>Asthenes baeri</i>	(V.II, 562)
<i>Actinote quadra</i>	(V.I, 402)	<i>Astropecten brasiliensis</i>	(V.I, 174)
<i>Actinote zikani</i>	(V.I, 403)	<i>Astropecten cingulatus</i>	(V.I, 175)
<i>Adelophryne baturitensis</i>	(V.II, 307)	<i>Astropecten marginatus</i>	(V.I, 177)
<i>Adelophryne maranguapensis</i>	(V.II, 308)	<i>Astyanax gymnogenys</i>	(V.II, 45)
<i>Aegla cavernicola</i>	(V.I, 265)	<i>Ateles belzebuth</i>	(V.II, 726)
<i>Aegla leptochela</i>	(V.I, 267)	<i>Ateles marginatus</i>	(V.II, 728)
<i>Aegla microphthalma</i>	(V.I, 268)	<i>Atta robusta</i>	(V.I, 386)
<i>Aeshna eduardoi</i>	(V.I, 451)	<i>Atya gabonensis</i>	(V.I, 270)
<i>Agacephala margaridae</i>	(V.I, 360)	<i>Atya scabra</i>	(V.I, 272)
<i>Aguarunichthys tocantinsensis</i>	(V.II, 225)	<i>Austrolebias adloffii</i>	(V.II, 109)
<i>Alectrurus tricolor</i>	(V.II, 626)	<i>Austrolebias affinis</i>	(V.II, 110)
<i>Alouatta belzebul ululata</i>	(V.II, 722)	<i>Austrolebias alexandri</i>	(V.II, 111)
<i>Alouatta guariba guariba</i>	(V.II, 724)	<i>Austrolebias carvalhoi</i>	(V.II, 112)
<i>Amazona brasiliensis</i>	(V.II, 456)	<i>Austrolebias charrua</i>	(V.II, 113)
<i>Amazona pretrei</i>	(V.II, 458)	<i>Austrolebias cyaneus</i>	(V.II, 115)
<i>Amazona rhodocorytha</i>	(V.II, 460)	<i>Austrolebias ibicuiensis</i>	(V.II, 116)
<i>Amazona vinacea</i>	(V.II, 462)	<i>Austrolebias luteoflammulatus</i>	(V.II, 117)
<i>Anapistula guyri</i>	(V.I, 333)	<i>Austrolebias minuano</i>	(V.II, 118)
<i>Ancistrus formoso</i>	(V.II, 212)	<i>Austrolebias nigrofasciatus</i>	(V.II, 119)
<i>Anheteromeyenia ornata</i>	(V.I, 236)	<i>Austrolebias periodicus</i>	(V.II, 121)
<i>Anisolepis undulatus</i>	(V.II, 337)	<i>Automolus leucophthalmus lammi</i>	(V.II, 564)
<i>Anodontites elongatus</i>	(V.I, 208)	<i>Balaenoptera borealis</i>	(V.II, 804)
<i>Anodontites ensiformis</i>	(V.I, 210)	<i>Balaenoptera musculus</i>	(V.II, 806)
<i>Anodontites ferrarisi</i>	(V.I, 212)	<i>Balaenoptera physalus</i>	(V.II, 808)
<i>Anodontites iheringi</i>	(V.I, 214)	<i>Bartlettia stefanensis</i>	(V.I, 221)
<i>Anodontites soleniformes</i>	(V.I, 215)	<i>Biatas nigropectus</i>	(V.II, 596)
<i>Anodontites tenebricosus</i>	(V.I, 217)	<i>Blastocerus dichotomus</i>	(V.II, 820)
<i>Anodontites trapesialis</i>	(V.I, 218)	<i>Bodianus insularis</i>	(V.II, 191)
<i>Anodontites trapezeus</i>	(V.I, 220)	<i>Bothrops alcatraz</i>	(V.II, 351)
<i>Anodorhynchus glaucus</i>	(V.II, 465)	<i>Bothrops insularis</i>	(V.II, 352)
<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	(V.II, 467)	<i>Bothrops pirajai</i>	(V.II, 354)
<i>Anodorhynchus leari</i>	(V.II, 469)	<i>Brachyteles arachnoides</i>	(V.II, 730)
<i>Anthias salmopunctatus</i>	(V.II, 197)	<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	(V.II, 733)
<i>Anthus nattereri</i>	(V.II, 585)	<i>Bradypus torquatus</i>	(V.II, 704)
<i>Antilophia bokermanni</i>	(V.II, 588)	<i>Brycon devillei</i>	(V.II, 47)
<i>Arawacus aethesa</i>	(V.I, 400)	<i>Brycon insignis</i>	(V.II, 48)
<i>Arrhopalites amorimi</i>	(V.I, 369)	<i>Brycon nattereri</i>	(V.II, 50)
<i>Arrhopalites gnaspinius</i>	(V.I, 370)	<i>Brycon opalinus</i>	(V.II, 52)
<i>Arrhopalites lawrencei</i>	(V.I, 372)	<i>Brycon orbignyanus</i>	(V.II, 54)
<i>Arrhopalites papaveroi</i>	(V.I, 373)	<i>Brycon vermelha</i>	(V.II, 57)

<i>Bryconamericus lambari</i>	(V.II, 58)	<i>Coarazuphium pains</i>	(V.I, 349)
<i>Cacajao calvus calvus</i>	(V.II, 760)	<i>Coarazuphium tessai</i>	(V.I, 351)
<i>Cacajao calvus novaesi</i>	(V.II, 762)	<i>Columbina cyanopis</i>	(V.II, 453)
<i>Cacajao calvus rubicundus</i>	(V.II, 764)	<i>Condylactis gigantea</i>	(V.I, 166)
<i>Caenoptychia bouletti</i>	(V.I, 404)	<i>Conopophaga lineata cearae</i>	(V.II, 505)
<i>Callicebus barbarabrownae</i>	(V.II, 766)	<i>Conopophaga melanops nigrifrons</i>	(V.II, 507)
<i>Callicebus coimbrai</i>	(V.II, 769)	<i>Conorhynchos conirostris</i>	(V.II, 226)
<i>Callicebus melanochir</i>	(V.II, 772)	<i>Coptobrycon bilineatus</i>	(V.II, 60)
<i>Callicebus personatus</i>	(V.II, 774)	<i>Corallus cropanii</i>	(V.II, 349)
<i>Callicore hydarnis</i>	(V.I, 405)	<i>Corvoheteromeyenia australis</i>	(V.I, 238)
<i>Callistomys pictus</i>	(V.II, 823)	<i>Corvoheteromeyenia heterosclera</i>	(V.I, 239)
<i>Callithrix aurita</i>	(V.II, 735)	<i>Corvospongilla volkmeri</i>	(V.I, 241)
<i>Callithrix flaviceps</i>	(V.II, 738)	<i>Corydoras macropterus</i>	(V.II, 200)
<i>Caluromysiops irrupta</i>	(V.II, 703)	<i>Coryphaspiza melanotis</i>	(V.II, 533)
<i>Calypturna cristata</i>	(V.II, 508)	<i>Coryphistera alaudina</i>	(V.II, 565)
<i>Campellolebias brucei</i>	(V.II, 122)	<i>Coscinasterias tenuispina</i>	(V.I, 172)
<i>Campellolebias chrysolineatus</i>	(V.II, 123)	<i>Cotinga maculata</i>	(V.II, 512)
<i>Campellolebias dorsimaculatus</i>	(V.II, 124)	<i>Crax blumenbachii</i>	(V.II, 428)
<i>Caprimulgus candicans</i>	(V.II, 488)	<i>Crax fasciolata pinima</i>	(V.II, 430)
<i>Carduelis yarrellii</i>	(V.II, 559)	<i>Crenicichla cyclostoma</i>	(V.II, 180)
<i>Caretta caretta</i>	(V.II, 357)	<i>Crenicichla jegui</i>	(V.II, 181)
<i>Carpornis melanocephalus</i>	(V.II, 510)	<i>Crenicichla jupiaiensis</i>	(V.II, 183)
<i>Carterodon sulcidens</i>	(V.II, 825)	<i>Crypturellus noctivagus noctivagus</i>	(V.II, 384)
<i>Caryothraustes canadensis frontalis</i>	(V.II, 532)	<i>Ctenomys flamarioni</i>	(V.II, 841)
<i>Cassidulus mitis</i>	(V.I, 250)	<i>Culicivora caudacuta</i>	(V.II, 628)
<i>Castalia undosa</i>	(V.I, 192)	<i>Curaeus forbesi</i>	(V.II, 535)
<i>Cebus kaapori</i>	(V.II, 752)	<i>Cyanopsitta spixii</i>	(V.II, 471)
<i>Cebus robustus</i>	(V.II, 754)	<i>Cynolebias griseus</i>	(V.I, 391)
<i>Cebus xanthosternus</i>	(V.II, 756)	<i>Dasyophthalma delanira</i>	(V.II, 126)
<i>Celeus torquatus tinnunculus</i>	(V.II, 497)	<i>Dasyophthalma geraensis</i>	(V.I, 406)
<i>Cercomacra ferdinandi</i>	(V.II, 597)	<i>Dasyophthalma vertebralis</i>	(V.I, 407)
<i>Cercomacra laeta sabinoi</i>	(V.II, 599)	<i>Delturus parahybae</i>	(V.I, 408)
<i>Ceriantheomorpha brasiliensis</i>	(V.I, 169)	<i>Dendrexetastes rufigula paraensis</i>	(V.II, 213)
<i>Cerianthus brasiliensis</i>	(V.I, 171)	<i>Dendrocincla fuliginosa taunayi</i>	(V.II, 520)
<i>Cetorhinus maximus</i>	(V.II, 26)	<i>Dendrocincla fuliginosa trumai</i>	(V.II, 521)
<i>Chaetomys subspinosus</i>	(V.II, 832)	<i>Dendrocincla merula badia</i>	(V.II, 522)
<i>Characidium grajahuensis</i>	(V.II, 100)	<i>Dendrocolaptes certhia medius</i>	(V.II, 523)
<i>Characidium lagsantensis</i>	(V.II, 101)	<i>Dermochelys coriacea</i>	(V.II, 524)
<i>Characidium vestigipinne</i>	(V.II, 103)	<i>Dichotomius schiffleri</i>	(V.II, 366)
<i>Charinus troglobius</i>	(V.I, 324)	<i>Dinoponera lucida</i>	(V.I, 367)
<i>Charonias theano theano</i>	(V.I, 438)	<i>Diomedea dabbenena</i>	(V.I, 388)
<i>Chasmocranus brachynema</i>	(V.II, 204)	<i>Diomedea epomophora</i>	(V.II, 388)
<i>Chelonia mydas</i>	(V.II, 359)	<i>Diomedea exulans</i>	(V.II, 390)
<i>Chiropotes satanas</i>	(V.II, 776)	<i>Diomedea sanfordi</i>	(V.II, 391)
<i>Chiropotes utahicki</i>	(V.II, 778)	<i>Diopatra cuprea</i>	(V.II, 394)
<i>Chrysocyon brachyurus</i>	(V.II, 780)	<i>Diplodon caipira</i>	(V.I, 283)
<i>Cichlopsis leucogenys leucogenys</i>	(V.II, 586)	<i>Diplodon dunkerianus</i>	(V.I, 194)
<i>Circus cinereus</i>	(V.II, 422)	<i>Diplodon expansus</i>	(V.I, 195)
<i>Claravis godefrida</i>	(V.II, 452)	<i>Diplodon fontainianus</i>	(V.I, 197)
<i>Cnemidophorus abaetensis</i>	(V.II, 339)	<i>Diplodon greeffeanus</i>	(V.I, 198)
<i>Cnemidophorus littoralis</i>	(V.II, 340)	<i>Diplodon iheringi</i>	(V.I, 200)
<i>Cnemidophorus nativo</i>	(V.II, 342)	<i>Diplodon koseritzi</i>	(V.I, 201)
<i>Cnemidophorus vacariensis</i>	(V.II, 344)	<i>Diplodon martensi</i>	(V.I, 203)
<i>Coarazuphium bezerra</i>	(V.I, 347)	<i>Diplodon pfeifferi</i>	(V.I, 204)
<i>Coarazuphium cessaima</i>	(V.I, 348)	<i>Diplodon rotundus</i>	(V.I, 206)

<i>Dipsas albifrons cavalheiroi</i>	(V.I, 207)	<i>Hemipsilichthys garbei</i>	(V.II, 216)
<i>Dirphia monticola</i>	(V.II, 350)	<i>Hemipsilichthys mutuca</i>	(V.II, 217)
<i>Doryphora reticulata</i>	(V.I, 449)	<i>Hemitriccus kaempferi</i>	(V.II, 219)
<i>Doxocopa zalmunna</i>	(V.I, 356)	<i>Hemitriccus mirandae</i>	(V.II, 631)
<i>Drephalys miersi</i>	(V.I, 409)	<i>Henochilus wheatlandii</i>	(V.II, 633)
<i>Drephalys mourei</i>	(V.I, 392)	<i>Heptaterus multiradiatus</i>	(V.II, 68)
<i>Drymornis bridgesii</i>	(V.I, 393)	<i>Heraclides himeros baia</i>	(V.II, 228)
<i>Dryocopus galeatus</i>	(V.II, 526)	<i>Heraclides himeros himeros</i>	(V.I, 430)
<i>Dynastes hercules paschoali</i>	(V.II, 498)	<i>Herpsilochmus pectoralis</i>	(V.I, 431)
<i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i>	(V.I, 361)	<i>Herpsilochmus pileatus</i>	(V.II, 604)
<i>Echinaster (Othilia) echinophorus</i>	(V.I, 182)	<i>Hesperocharis emeris emeris</i>	(V.II, 605)
<i>Echinaster (Othilia) guyanensis</i>	(V.I, 183)	<i>Heteragrion obsoletum</i>	(V.I, 439)
<i>Eigenmannia vicentespelaea</i>	(V.I, 185)	<i>Heteragrion petiense</i>	(V.I, 458)
<i>Elacatinus figaro</i>	(V.II, 176)	<i>Heterodactylus lundii</i>	(V.I, 459)
<i>Elaenia ridleyana</i>	(V.II, 188)	<i>Heteromeyenia insignis</i>	(V.II, 335)
<i>Ensiforma caerulea</i>	(V.II, 630)	<i>Holoaden bradei</i>	(V.I, 242)
<i>Episcada vitrea</i>	(V.I, 357)	<i>Homodiaetus graciosa</i>	(V.II, 310)
<i>Eresia erysice erysice</i>	(V.I, 411)	<i>Homodiaetus passarelii</i>	(V.II, 241)
<i>Eretmochelys imbricata</i>	(V.I, 412)	<i>Houssayella iguazuensis</i>	(V.II, 242)
<i>Eubalaena australis</i>	(V.II, 362)	<i>Hyaella caeca</i>	(V.I, 244)
<i>Eucidaris tribuloides</i>	(V.II, 802)	<i>Hyaliris fiammetta</i>	(V.I, 264)
<i>Eucorna sanarita</i>	(V.I, 251)	<i>Hyaliris leptalina</i>	(V.I, 415)
<i>Eunice sebastiani</i>	(V.I, 443)	<i>Hyla cymbalum</i>	(V.I, 416)
<i>Eurythoe complanata</i>	(V.I, 282)	<i>Hyla izecksohni</i>	(V.II, 299)
<i>Eurytides iphitas</i>	(V.I, 280)	<i>Hylomantis granulosa</i>	(V.II, 300)
<i>Euselasia eberti</i>	(V.I, 429)	<i>Hypancistrus zebra</i>	(V.II, 302)
<i>Exomalopsis (Phanomalopsis) atlantica</i>	(V.I, 444)	<i>Hypheosobrycon duragenys</i>	(V.II, 220)
<i>Fimoscolex sporadochaetus</i>	(V.I, 380)	<i>Hypheosobrycon flammeus</i>	(V.II, 71)
<i>Formicivora erythronotos</i>	(V.I, 462)	<i>Hypheosobrycon taurocephalus</i>	(V.II, 72)
<i>Formicivora littoralis</i>	(V.II, 600)	<i>Hypocephalus armatus</i>	(V.II, 74)
<i>Fossula fossiculifera</i>	(V.II, 602)	<i>Hypoleria fallens</i>	(V.I, 354)
<i>Fregata ariel</i>	(V.I, 223)	<i>Ianduba caxixe</i>	(V.I, 417)
<i>Fregata minor</i>	(V.II, 410)	<i>Ianduba patua</i>	(V.I, 326)
<i>Galeorhinus galeus</i>	(V.II, 412)	<i>Ianduba paubrasil</i>	(V.I, 327)
<i>Gecarcinus lagostoma</i>	(V.II, 23)	<i>Ianduba vatapa</i>	(V.I, 328)
<i>Geobates poecilopterus</i>	(V.I, 274)	<i>Iandumoema uai</i>	(V.I, 329)
<i>Ginglymostoma cirratum</i>	(V.II, 567)	<i>Iodopleura pipra leucopygia</i>	(V.I, 336)
<i>Giupponia chagasi</i>	(V.II, 28)	<i>Isogomphodon oxyrhinchus</i>	(V.II, 514)
<i>Glandulocauda melanogenys</i>	(V.I, 335)	<i>Isostichopus badionotus</i>	(V.II, 20)
<i>Glandulocauda melanopleura</i>	(V.II, 62)	<i>Juscelinomys candango</i>	(V.I, 260)
<i>Glaucis dohrnii</i>	(V.II, 63)	<i>Kalyptodoras bahiensis</i>	(V.II, 834)
<i>Gonyostomus henseli</i>	(V.II, 490)	<i>Kunsia fronto</i>	(V.II, 203)
<i>Gonyostomus insularis</i>	(V.I, 477)	<i>Larus atlanticus</i>	(V.II, 835)
<i>Grallaria varia intercedens</i>	(V.I, 478)	<i>Lasiurus ebenus</i>	(V.II, 445)
<i>Gramma brasiliensis</i>	(V.II, 557)	<i>Leila blainvilliana</i>	(V.II, 719)
<i>Grasseia menelaus eberti</i>	(V.II, 190)	<i>Leila esula</i>	(V.I, 224)
<i>Guaruba guarouba</i>	(V.I, 413)	<i>Leodesmus yporangae</i>	(V.I, 226)
<i>Gubernatrix cristata</i>	(V.II, 473)	<i>Leontopithecus caissara</i>	(V.I, 342)
<i>Gymnogeophagus setequedas</i>	(V.II, 536)	<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	(V.II, 740)
<i>Harpyhaliaetus coronatus</i>	(V.II, 184)	<i>Leontopithecus chrysopygus</i>	(V.II, 742)
<i>Harttia rhombocephala</i>	(V.II, 424)	<i>Leontopithecus rosalia</i>	(V.II, 744)
<i>Hasemania maxillaris</i>	(V.II, 215)	<i>Leopardus pardalis mitis</i>	(V.II, 747)
<i>Hasemania melanura</i>	(V.II, 65)	<i>Leopardus tigrinus</i>	(V.II, 785)
<i>Heliconius nattereri</i>	(V.II, 67)	<i>Leopardus wiedii</i>	(V.II, 787)
<i>Hemiancistrus chlorostictus</i>	(V.I, 414)	<i>Lepidochelys olivacea</i>	(V.II, 789)

<i>Lepidocolaptes wagleri</i>	(V.II, 364)	<i>Mimoides lysithous harrisianus</i>	(V.II, 80)
<i>Leporinus thayeri</i>	(V.II, 528)	<i>Minagrion mecistogastrum</i>	(V.I, 432)
<i>Leptagrion acutum</i>	(V.II, 42)	<i>Minyocerus angustus</i>	(V.I, 455)
<i>Leptasthenura platensis</i>	(V.I, 453)	<i>Mirinaba curytibana</i>	(V.I, 279)
<i>Leptoplosternum tordilho</i>	(V.II, 568)	<i>Mitu mitu</i>	(V.I, 479)
<i>Leptolebias citrinipinnis</i>	(V.II, 202)	<i>Momotus momota marcgraviana</i>	(V.II, 432)
<i>Leptolebias cruzi</i>	(V.II, 127)	<i>Monocondylaea paraguayana</i>	(V.II, 455)
<i>Leptolebias fractifasciatus</i>	(V.II, 128)	<i>Moschoneura methymna</i>	(V.I, 227)
<i>Leptolebias leitaoi</i>	(V.II, 130)	<i>Mustelus schmitti</i>	(V.I, 440)
<i>Leptolebias marmoratus</i>	(V.II, 131)	<i>Mycetopoda legumen</i>	(V.II, 25)
<i>Leptolebias minimus</i>	(V.II, 132)	<i>Mycetopoda siliquosa</i>	(V.I, 229)
<i>Leptolebias opalescens</i>	(V.II, 133)	<i>Mylesinus paucisquamatus</i>	(V.I, 231)
<i>Leptolebias splendens</i>	(V.II, 135)	<i>Myleus tiete</i>	(V.II, 82)
<i>Leucopternis lacernulata</i>	(V.II, 136)	<i>Myotis ruber</i>	(V.II, 83)
<i>Lignobrycon myersi</i>	(V.II, 426)	<i>Myrmeciza ruficauda</i>	(V.II, 721)
<i>Limnocites rectirostris</i>	(V.II, 75)	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	(V.II, 607)
<i>Linckia guildingi</i>	(V.II, 570)	<i>Myrmotherula minor</i>	(V.II, 711)
<i>Liolaemus lutzae</i>	(V.I, 188)	<i>Myrmotherula snowi</i>	(V.II, 608)
<i>Liolaemus occipitalis</i>	(V.II, 345)	<i>Myrmotherula urosticta</i>	(V.II, 610)
<i>Listrura camposi</i>	(V.II, 347)	<i>Napeogenes cyrianassa xanthone</i>	(V.II, 611)
<i>Listrura nematopteryx</i>	(V.II, 243)	<i>Narcissia trigonaria</i>	(V.I, 419)
<i>Listrura tetraradiata</i>	(V.II, 245)	<i>Narope guilhermei</i>	(V.I, 189)
<i>Lonchophylla bokermanni</i>	(V.II, 246)	<i>Natica micra</i>	(V.I, 420)
<i>Lonchophylla dekeyseri</i>	(V.II, 714)	<i>Negaprion brevirostris</i>	(V.I, 257)
<i>Luidia clathrata</i>	(V.II, 715)	<i>Nematocharax venustus</i>	(V.II, 22)
<i>Luidia ludwigi</i>	(V.I, 178)	<i>Nematolebias whitei</i>	(V.II, 85)
<i>Luidia senegalensis</i>	(V.I, 179)	<i>Nemosia rourei</i>	(V.II, 140)
<i>Macrobrachium carcinus</i>	(V.I, 181)	<i>Neomorphus geoffroyi dulcis</i>	(V.II, 625)
<i>Magnastigma julia</i>	(V.I, 277)	<i>Nirodia belphegor</i>	(V.II, 486)
<i>Maratecoara formosa</i>	(V.I, 401)	<i>Nothura minor</i>	(V.I, 445)
<i>Maxcheres iporangae</i>	(V.II, 137)	<i>Numenius borealis</i>	(V.II, 385)
<i>Mazama nana</i>	(V.I, 339)	<i>Ochropyge ruficauda</i>	(V.II, 450)
<i>Mecistogaster pronoti</i>	(V.II, 822)	<i>Odontophorus capueira plumbeicollis</i>	(V.I, 395)
<i>Megalebias wolterstorffi</i>	(V.I, 460)	<i>Odontophrynus moratoi</i>	(V.II, 440)
<i>Megalobulimus cardosoi</i>	(V.II, 139)	<i>Olafia roscius iphimedia</i>	(V.II, 311)
<i>Megalobulimus grandis</i>	(V.I, 470)	<i>Oncifelis colocolo</i>	(V.II, 791)
<i>Megalobulimus lopesi</i>	(V.I, 471)	<i>Oncosclera jewelli</i>	(V.I, 233)
<i>Megalobulimus parafragilior</i>	(V.I, 472)	<i>Oreaster reticulatus</i>	(V.I, 191)
<i>Megalobulimus proclivis</i>	(V.I, 473)	<i>Orobassolis ornamentalis</i>	(V.I, 421)
<i>Megaptera novaeangliae</i>	(V.I, 474)	<i>Oryzoborus maximiliani</i>	(V.II, 538)
<i>Megasoma actaeon janus</i>	(V.II, 810)	<i>Ossubtus xinguense</i>	(V.II, 87)
<i>Megasoma gyas gyas</i>	(V.I, 363)	<i>Pachylopeleus strinatii</i>	(V.I, 337)
<i>Megasoma gyas rumbucheri</i>	(V.I, 364)	<i>Paititia neglecta</i>	(V.I, 422)
<i>Melanophryniscus dorsalis</i>	(V.I, 366)	<i>Pampasatyrys gyrtone</i>	(V.I, 423)
<i>Melanophryniscus macrogranulosus</i>	(V.II, 296)	<i>Panara ovifera</i>	(V.I, 446)
<i>Melinaea mnasiae thera</i>	(V.II, 297)	<i>Panthera onca</i>	(V.II, 793)
<i>Melipona capixaba</i>	(V.I, 418)	<i>Paracentrotus gaimardi</i>	(V.I, 253)
<i>Mergus octosetaceus</i>	(V.I, 381)	<i>Parapoynx restingalis</i>	(V.I, 442)
<i>Merulaxis stresemanni</i>	(V.II, 420)	<i>Paratelmatobius lutzii</i>	(V.II, 312)
<i>Metania kiliani</i>	(V.II, 592)	<i>Parelbella polyzona</i>	(V.I, 396)
<i>Microcambeva barbata</i>	(V.I, 249)	<i>Parides ascanius</i>	(V.I, 433)
<i>Millepora alaicornis</i>	(V.II, 247)	<i>Parides bunichus chamissonia</i>	(V.I, 434)
<i>Mimagoniates lateralis</i>	(V.I, 262)	<i>Parides burchellanus</i>	(V.I, 435)
<i>Mimagoniates rheocharis</i>	(V.II, 77)	<i>Parides lysander mattogrossensis</i>	(V.I, 436)
<i>Mimagoniates sylvicola</i>	(V.II, 79)	<i>Parides panthonus castilhoi</i>	(V.I, 437)

<i>Penelope jacucaca</i>	(V.II, 434)	<i>Priodontes maximus</i>	(V.II, 707)
<i>Penelope ochrogaster</i>	(V.II, 435)	<i>Pristis pectinata</i>	(V.II, 31)
<i>Penelope superciliaris alagoensis</i>	(V.II, 437)	<i>Pristis perotteti</i>	(V.II, 33)
<i>Percnon gibbesii</i>	(V.I, 275)	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	(V.II, 400)
<i>Peridontodesmella alba</i>	(V.I, 343)	<i>Procellaria conspicillata</i>	(V.II, 402)
<i>Peripatus acacioi</i>	(V.I, 467)	<i>Procnias averano averano</i>	(V.II, 515)
<i>Perissophlebiodes flinti</i>	(V.I, 379)	<i>Prognathodes obliquus</i>	(V.II, 178)
<i>Perrhybris flava</i>	(V.I, 441)	<i>Pseudocercyonis glaucope boenninghausi</i>	(V.I, 426)
<i>Pessonnia epistrophus nikolajewna</i>	(V.I, 424)	<i>Pseudochthonius strinatii</i>	(V.I, 340)
<i>Petalocochus myrakeenae</i>	(V.I, 258)	<i>Pseudocroniades machaon seabrai</i>	(V.I, 397)
<i>Petrocerus catiena</i>	(V.I, 447)	<i>Pseudoseisura lophotes</i>	(V.II, 573)
<i>Phaenomys ferrugineus</i>	(V.II, 836)	<i>Pseudotocinclus tietensis</i>	(V.II, 223)
<i>Phaethon aethereus</i>	(V.II, 414)	<i>Psophia viridis obscura</i>	(V.II, 441)
<i>Phaethon lepturus</i>	(V.II, 416)	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	(V.II, 404)
<i>Phaethornis margaretae</i>	(V.II, 491)	<i>Pterodroma incerta</i>	(V.II, 406)
<i>Phaethornis ochraceiventris camargoi</i>	(V.II, 493)	<i>Pteroglossus bitorquatus bitorquatus</i>	(V.II, 504)
<i>Phalloptychus eigenmanni</i>	(V.II, 104)	<i>Pteronura brasiliensis</i>	(V.II, 800)
<i>Phallotorynus fasciolatus</i>	(V.II, 106)	<i>Puffinus lherminieri</i>	(V.II, 408)
<i>Phallotorynus jucundus</i>	(V.II, 107)	<i>Puma concolor capricornensis</i>	(V.II, 795)
<i>Philydor novaesi</i>	(V.II, 572)	<i>Puma concolor greeni</i>	(V.II, 798)
<i>Phlegopsis nigromaculata paraensis</i>	(V.II, 612)	<i>Pyriglena atra</i>	(V.II, 613)
<i>Phoneutria bahiensis</i>	(V.I, 331)	<i>Pyriglena leuconota pernambucensis</i>	(V.II, 615)
<i>Phrynomedusa fimbriata</i>	(V.II, 303)	<i>Pyrrhura anaca</i>	(V.II, 475)
<i>Phrynops hoguei</i>	(V.II, 355)	<i>Pyrrhura cruentata</i>	(V.II, 477)
<i>Phyllogorgia dilatata</i>	(V.I, 168)	<i>Pyrrhura lepida coeruleascens</i>	(V.II, 479)
<i>Phyllomedusa ayeaye</i>	(V.II, 304)	<i>Pyrrhura lepida lepida</i>	(V.II, 480)
<i>Phyllomys brasiliensis</i>	(V.II, 826)	<i>Pyrrhura leucotis</i>	(V.II, 481)
<i>Phyllomys thomasi</i>	(V.II, 828)	<i>Pyrrhura pfrimeri</i>	(V.II, 483)
<i>Phyllomys unicolor</i>	(V.II, 830)	<i>Racekiela sheilae</i>	(V.I, 246)
<i>Phylloscartes beckeri</i>	(V.II, 634)	<i>Rachoviscus crassiceps</i>	(V.II, 89)
<i>Phylloscartes ceciliae</i>	(V.II, 636)	<i>Rachoviscus graciliceps</i>	(V.II, 90)
<i>Phylloscartes kronei</i>	(V.II, 637)	<i>Rectartemon depressus</i>	(V.I, 476)
<i>Phylloscartes roquettei</i>	(V.II, 639)	<i>Rhagomys rufescens</i>	(V.II, 838)
<i>Physalaemus soaresi</i>	(V.II, 314)	<i>Rhamdia jequitinhonha</i>	(V.II, 206)
<i>Physeter macrocephalus</i>	(V.II, 812)	<i>Rhamdiopsis microcephala</i>	(V.II, 208)
<i>Piculus chrysochloros polyzonus</i>	(V.II, 500)	<i>Rhincodon typus</i>	(V.II, 30)
<i>Picumnus exilis pernambucensis</i>	(V.II, 501)	<i>Rhinobatos horkelii</i>	(V.II, 35)
<i>Picumnus limae</i>	(V.II, 502)	<i>Rhinocricus padbergi</i>	(V.I, 346)
<i>Pimelodella kronei</i>	(V.II, 230)	<i>Rhinodrilus alatus</i>	(V.I, 464)
<i>Pipile jacutinga</i>	(V.II, 438)	<i>Rhinodrilus fafner</i>	(V.I, 465)
<i>Piprites pileatus</i>	(V.II, 590)	<i>Rhopornis ardesiaca</i>	(V.II, 616)
<i>Placosoma cipoense</i>	(V.II, 336)	<i>Saguinus bicolor</i>	(V.II, 750)
<i>Platyrrhinus mystaceus niveigularis</i>	(V.II, 641)	<i>Saimiri vanzolinii</i>	(V.II, 758)
<i>Platyrrhinus recifinus</i>	(V.II, 717)	<i>Sartor tucuruense</i>	(V.II, 44)
<i>Plaumanniella novateutoniae</i>	(V.I, 355)	<i>Scada karschina delicata</i>	(V.I, 427)
<i>Plesiolebias xavantei</i>	(V.II, 141)	<i>Scarus guacamaia</i>	(V.II, 195)
<i>Pogonopoma parahybae</i>	(V.II, 222)	<i>Schematiza aneurica</i>	(V.I, 359)
<i>Polygrapha suprema</i>	(V.I, 425)	<i>Schiffornis turdinus intermedius</i>	(V.II, 591)
<i>Polystictus pectoralis pectoralis</i>	(V.II, 642)	<i>Schizogenius ocellatus</i>	(V.I, 352)
<i>Pontoporia blainvillei</i>	(V.II, 814)	<i>Scinax alcatraz</i>	(V.II, 305)
<i>Popelaria langsdorffi langsdorffi</i>	(V.II, 494)	<i>Sclerurus caudacutus caliginus</i>	(V.II, 575)
<i>Porzana spiloptera</i>	(V.II, 443)	<i>Sclerurus caudacutus umbretta</i>	(V.II, 576)
<i>Potamobatrachus trispinosus</i>	(V.II, 40)	<i>Sclerurus scansor cearensis</i>	(V.II, 577)
<i>Potamolithus troglolobius</i>	(V.I, 255)	<i>Scytalopus iraiensis</i>	(V.II, 594)
<i>Praevigomphus proprius</i>	(V.I, 456)	<i>Simopelta minima</i>	(V.I, 390)

<i>Simpsonichthys alternatus</i>	(V.II, 142)	<i>Tangara cyanocephala corallina</i>	(V.II, 552)
<i>Simpsonichthys auratus</i>	(V.II, 144)	<i>Tangara fastuosa</i>	(V.II, 554)
<i>Simpsonichthys boitonei</i>	(V.II, 145)	<i>Taoniscus nanus</i>	(V.II, 387)
<i>Simpsonichthys bokermanni</i>	(V.II, 147)	<i>Tatia boemia</i>	(V.II, 199)
<i>Simpsonichthys constanciae</i>	(V.II, 148)	<i>Taunaya bifasciata</i>	(V.II, 210)
<i>Simpsonichthys flammeus</i>	(V.II, 149)	<i>Teleocichla cinderella</i>	(V.II, 186)
<i>Simpsonichthys fulminantis</i>	(V.II, 151)	<i>Terenura sicki</i>	(V.II, 620)
<i>Simpsonichthys ghisolfi</i>	(V.II, 152)	<i>Thalassarche chlororhynchus</i>	(V.II, 396)
<i>Simpsonichthys hellneri</i>	(V.II, 153)	<i>Thalassarche melanophris</i>	(V.II, 398)
<i>Simpsonichthys izecksohni</i>	(V.II, 154)	<i>Thalasseus maximus</i>	(V.II, 448)
<i>Simpsonichthys magnificus</i>	(V.II, 156)	<i>Thalaurania watertonii</i>	(V.II, 495)
<i>Simpsonichthys marginatus</i>	(V.II, 157)	<i>Thamnophilus aethiops distans</i>	(V.II, 621)
<i>Simpsonichthys multiradiatus</i>	(V.II, 158)	<i>Thamnophilus caerulescens cearensis</i>	(V.II, 622)
<i>Simpsonichthys myersi</i>	(V.II, 160)	<i>Thamnophilus caerulescens pernambucensis</i>	(V.II, 624)
<i>Simpsonichthys notatus</i>	(V.II, 161)	<i>Thoropa lutzi</i>	(V.II, 315)
<i>Simpsonichthys parallelus</i>	(V.II, 162)	<i>Thoropa petropolitana</i>	(V.II, 317)
<i>Simpsonichthys perpendicularis</i>	(V.II, 164)	<i>Thripophaga macroura</i>	(V.II, 582)
<i>Simpsonichthys rosaceus</i>	(V.II, 165)	<i>Tigrisoma fasciatum</i>	(V.II, 418)
<i>Simpsonichthys rufus</i>	(V.II, 166)	<i>Tijuca condita</i>	(V.II, 517)
<i>Simpsonichthys santanae</i>	(V.II, 167)	<i>Tithorea harmonia caissara</i>	(V.I, 428)
<i>Simpsonichthys similis</i>	(V.II, 168)	<i>Tolypeutes tricinctus</i>	(V.II, 709)
<i>Simpsonichthys stellatus</i>	(V.II, 170)	<i>Tomigerus (Biotocus) turbinatus</i>	(V.I, 468)
<i>Simpsonichthys trilineatus</i>	(V.II, 171)	<i>Tomigerus (Digerus) gibberulus</i>	(V.I, 469)
<i>Simpsonichthys zonatus</i>	(V.II, 172)	<i>Touit melanonota</i>	(V.II, 485)
<i>Spaeleoleptes spaeleus</i>	(V.I, 338)	<i>Trichechus inunguis</i>	(V.II, 816)
<i>Spectrolebias semiocellatus</i>	(V.II, 173)	<i>Trichechus manatus</i>	(V.II, 818)
<i>Speothos venaticus</i>	(V.II, 783)	<i>Trichogenes longipinnis</i>	(V.II, 249)
<i>Spintherobolus ankoseion</i>	(V.II, 92)	<i>Trichomycterus castroi</i>	(V.II, 250)
<i>Spintherobolus brocuae</i>	(V.II, 94)	<i>Trichomycterus itacarambiensis</i>	(V.II, 252)
<i>Spintherobolus leptoura</i>	(V.II, 95)	<i>Trichomycterus paolence</i>	(V.II, 253)
<i>Spintherobolus papilliferus</i>	(V.II, 96)	<i>Trogolaphysa aelleni</i>	(V.I, 376)
<i>Sporophila cinnamomea</i>	(V.II, 540)	<i>Trogolaphysa hauseri</i>	(V.I, 377)
<i>Sporophila falcistrostris</i>	(V.II, 542)	<i>Turmada camposa</i>	(V.I, 398)
<i>Sporophila frontalis</i>	(V.II, 544)	<i>Uruguay corallioides</i>	(V.I, 247)
<i>Sporophila melanogaster</i>	(V.II, 546)	<i>Vireo gracilirostris</i>	(V.II, 643)
<i>Sporophila nigrorufa</i>	(V.II, 548)	<i>Wilfredomys oenax</i>	(V.II, 840)
<i>Sporophila palustris</i>	(V.II, 549)	<i>Willeya loya</i>	(V.I, 254)
<i>Squatina guggenheim</i>	(V.II, 37)	<i>Xanthopsar flavus</i>	(V.II, 555)
<i>Squatina occulta</i>	(V.II, 39)	<i>Xenandra heliodes dibapha</i>	(V.I, 448)
<i>Stegastes sanctipauli</i>	(V.II, 193)	<i>Xenops minutus alagoanus</i>	(V.II, 583)
<i>Stegodyphus manus</i>	(V.I, 332)	<i>Xiphocolaptes falcistrostris</i>	(V.II, 529)
<i>Steindachneridion amblyura</i>	(V.II, 232)	<i>Xipholena atropurpurea</i>	(V.II, 518)
<i>Steindachneridion doceana</i>	(V.II, 234)	<i>Xiphorhynchus fuscus atlanticus</i>	(V.II, 530)
<i>Steindachneridion parahybae</i>	(V.II, 236)	<i>Xylocopa (Diaxylocopa) truxali</i>	(V.I, 383)
<i>Steindachneridion scripta</i>	(V.II, 239)	<i>Yporangiella stygius</i>	(V.I, 344)
<i>Sternarchorhynchus britskii</i>	(V.II, 175)	<i>Zonia zonia diabo</i>	(V.I, 399)
<i>Sterrastrolepis brasiliensis</i>	(V.I, 235)		
<i>Stygichthys typhlops</i>	(V.II, 98)		
<i>Stymphalornis acutirostris</i>	(V.II, 618)		
<i>Synallaxis cinerea</i>	(V.II, 578)		
<i>Synallaxis infuscata</i>	(V.II, 580)		
<i>Synallaxis simoni</i>	(V.II, 581)		
<i>Synaptula secreta</i>	(V.I, 259)		
<i>Taczanowskia trilobata</i>	(V.I, 325)		
<i>Tangara cyanocephala cearensis</i>	(V.II, 551)		

Índice Remissivo (Por Grupo)

GRUPO	NOME CIENTÍFICO	
Anfíbios	<i>Adelophryne baturitensis</i>	(V.II, 307)
Anfíbios	<i>Adelophryne maranguapensis</i>	(V.II, 308)
Anfíbios	<i>Holoaden bradei</i>	(V.II, 310)
Anfíbios	<i>Hyla cymbalum</i>	(V.II, 299)
Anfíbios	<i>Hyla izecksohni</i>	(V.II, 300)
Anfíbios	<i>Hylomantis granulosa</i>	(V.II, 302)
Anfíbios	<i>Melanophryniscus dorsalis</i>	(V.II, 296)
Anfíbios	<i>Melanophryniscus macrogranulosus</i>	(V.II, 297)
Anfíbios	<i>Odontophrynus moratoi</i>	(V.II, 311)
Anfíbios	<i>Paratelmatobius lutzii</i>	(V.II, 312)
Anfíbios	<i>Phrynomedusa fimbriata</i>	(V.II, 303)
Anfíbios	<i>Phyllomedusa ayeaye</i>	(V.II, 304)
Anfíbios	<i>Physalaemus soaresi</i>	(V.II, 314)
Anfíbios	<i>Scinax alcatraz</i>	(V.II, 305)
Anfíbios	<i>Thoropa lutzi</i>	(V.II, 315)
Anfíbios	<i>Thoropa petropolitana</i>	(V.II, 317)
Aves	<i>Acrobatornis fonsecai</i>	(V.II, 560)
Aves	<i>Alectrurus tricolor</i>	(V.II, 626)
Aves	<i>Amazona brasiliensis</i>	(V.II, 456)
Aves	<i>Amazona pretrei</i>	(V.II, 458)
Aves	<i>Amazona rhodocorytha</i>	(V.II, 460)
Aves	<i>Amazona vinacea</i>	(V.II, 462)
Aves	<i>Anodorhynchus glaucus</i>	(V.II, 465)
Aves	<i>Anodorhynchus hyacinthinus</i>	(V.II, 467)
Aves	<i>Anodorhynchus leari</i>	(V.II, 469)
Aves	<i>Anthus nattereri</i>	(V.II, 585)
Aves	<i>Antilophia bokermanni</i>	(V.II, 588)
Aves	<i>Asthenes baeri</i>	(V.II, 562)
Aves	<i>Automolus leucophthalmus lammi</i>	(V.II, 564)
Aves	<i>Biatas nigropectus</i>	(V.II, 596)
Aves	<i>Calyptura cristata</i>	(V.II, 508)
Aves	<i>Caprimulgus candicans</i>	(V.II, 488)
Aves	<i>Carduelis yarrellii</i>	(V.II, 559)
Aves	<i>Carpornis melanocephalus</i>	(V.II, 510)
Aves	<i>Caryothraustes canadensis frontalis</i>	(V.II, 532)
Aves	<i>Celeus torquatus tinnunculus</i>	(V.II, 497)
Aves	<i>Cercomacra ferdinandi</i>	(V.II, 597)
Aves	<i>Cercomacra laeta sabinoi</i>	(V.II, 599)
Aves	<i>Cichlopsis leucogenys leucogenys</i>	(V.II, 586)

Aves	<i>Circus cinereus</i>	(V.II, 422)	Aves	<i>Leucopternis lacernulata</i>	(V.II, 426)
Aves	<i>Claravis godefrida</i>	(V.II, 452)	Aves	<i>Limnortyx rectirostris</i>	(V.II, 570)
Aves	<i>Columbina cyanopis</i>	(V.II, 453)	Aves	<i>Mergus octosetaceus</i>	(V.II, 420)
Aves	<i>Conopophaga lineata cearae</i>	(V.II, 505)	Aves	<i>Merulaxis stresemanni</i>	(V.II, 592)
Aves	<i>Conopophaga melanops nigrifrons</i>	(V.II, 507)	Aves	<i>Mitu mitu</i>	(V.II, 432)
Aves	<i>Coryphaspiza melanotis</i>	(V.II, 533)	Aves	<i>Momotus momota marcgraviana</i>	(V.II, 455)
Aves	<i>Coryphistera alaudina</i>	(V.II, 565)	Aves	<i>Myrmeciza ruficauda</i>	(V.II, 607)
Aves	<i>Cotinga maculata</i>	(V.II, 512)	Aves	<i>Myrmotherula minor</i>	(V.II, 608)
Aves	<i>Crax blumenbachii</i>	(V.II, 428)	Aves	<i>Myrmotherula snowi</i>	(V.II, 610)
Aves	<i>Crax fasciolata pinima</i>	(V.II, 430)	Aves	<i>Myrmotherula urosticta</i>	(V.II, 611)
Aves	<i>Crypturellus noctivagus noctivagus</i>	(V.II, 384)	Aves	<i>Nemosia rourei</i>	(V.II, 625)
Aves	<i>Culicivora caudacuta</i>	(V.II, 628)	Aves	<i>Neomorphus geoffroyi dulcis</i>	(V.II, 486)
Aves	<i>Curaeus forbesi</i>	(V.II, 535)	Aves	<i>Nothura minor</i>	(V.II, 385)
Aves	<i>Cyanopsitta spixii</i>	(V.II, 471)	Aves	<i>Numenius borealis</i>	(V.II, 450)
Aves	<i>Dendrexetastes rufigula paraensis</i>	(V.II, 520)	Aves	<i>Odontophorus capueira plumbeicollis</i>	(V.II, 440)
Aves	<i>Dendrocincla fuliginosa taunayi</i>	(V.II, 521)	Aves	<i>Oryzoborus maximiliani</i>	(V.II, 538)
Aves	<i>Dendrocincla fuliginosa trumai</i>	(V.II, 522)	Aves	<i>Penelope jacucaca</i>	(V.II, 434)
Aves	<i>Dendrocincla merula badia</i>	(V.II, 523)	Aves	<i>Penelope ochrogaster</i>	(V.II, 435)
Aves	<i>Dendrocolaptes certhia medius</i>	(V.II, 524)	Aves	<i>Penelope superciliaris alagoensis</i>	(V.II, 437)
Aves	<i>Diomedea dabbenena</i>	(V.II, 388)	Aves	<i>Phaethon aethereus</i>	(V.II, 414)
Aves	<i>Diomedea epomophora</i>	(V.II, 390)	Aves	<i>Phaethon lepturus</i>	(V.II, 416)
Aves	<i>Diomedea exulans</i>	(V.II, 391)	Aves	<i>Phaethornis margarettae</i>	(V.II, 491)
Aves	<i>Diomedea sanfordi</i>	(V.II, 394)	Aves	<i>Phaethornis ochraceiventris camargoi</i>	(V.II, 493)
Aves	<i>Drymornis bridgesii</i>	(V.II, 526)	Aves	<i>Philydor novaesi</i>	(V.II, 572)
Aves	<i>Dryocopus galeatus</i>	(V.II, 498)	Aves	<i>Phlegopsis nigromaculata paraensis</i>	(V.II, 612)
Aves	<i>Elaenia ridleyana</i>	(V.II, 630)	Aves	<i>Phylloscartes beckeri</i>	(V.II, 634)
Aves	<i>Formicivora erythronotos</i>	(V.II, 600)	Aves	<i>Phylloscartes ceciliae</i>	(V.II, 636)
Aves	<i>Formicivora littoralis</i>	(V.II, 602)	Aves	<i>Phylloscartes kronei</i>	(V.II, 637)
Aves	<i>Fregata ariel</i>	(V.II, 410)	Aves	<i>Phylloscartes roquettei</i>	(V.II, 639)
Aves	<i>Fregata minor</i>	(V.II, 412)	Aves	<i>Piculus chrysochloros polyzonus</i>	(V.II, 500)
Aves	<i>Geobates poecilopterus</i>	(V.II, 567)	Aves	<i>Picumnus exilis pernambucensis</i>	(V.II, 501)
Aves	<i>Glaucis dohrnii</i>	(V.II, 490)	Aves	<i>Picumnus limae</i>	(V.II, 502)
Aves	<i>Grallaria varia intercedens</i>	(V.II, 557)	Aves	<i>Pipile jacutinga</i>	(V.II, 438)
Aves	<i>Guaruba guarouba</i>	(V.II, 473)	Aves	<i>Piprites pileatus</i>	(V.II, 590)
Aves	<i>Gubernatrix cristata</i>	(V.II, 536)	Aves	<i>Platyrrinchus mystaceus niveigularis</i>	(V.II, 641)
Aves	<i>Harpyhaliaetus coronatus</i>	(V.II, 424)	Aves	<i>Polystictus pectoralis pectoralis</i>	(V.II, 642)
Aves	<i>Hemitriccus kaempferi</i>	(V.II, 631)	Aves	<i>Popelaria langsdorffi langsdorffi</i>	(V.II, 494)
Aves	<i>Hemitriccus mirandae</i>	(V.II, 633)	Aves	<i>Porzana spiloptera</i>	(V.II, 443)
Aves	<i>Herpsilochmus pectoralis</i>	(V.II, 604)	Aves	<i>Procellaria aequinoctialis</i>	(V.II, 400)
Aves	<i>Herpsilochmus pileatus</i>	(V.II, 605)	Aves	<i>Procellaria conspicillata</i>	(V.II, 402)
Aves	<i>Iodopleura pipra leucopygia</i>	(V.II, 514)	Aves	<i>Procnias averano averano</i>	(V.II, 515)
Aves	<i>Larus atlanticus</i>	(V.II, 445)	Aves	<i>Pseudoseisura lophotes</i>	(V.II, 573)
Aves	<i>Lepidocolaptes wagleri</i>	(V.II, 528)	Aves	<i>Psophia viridis obscura</i>	(V.II, 441)
Aves	<i>Leptasthenura platensis</i>	(V.II, 568)	Aves	<i>Pterodroma arminjoniana</i>	(V.II, 404)

Aves	<i>Pterodroma incerta</i>	(V.II, 406)
Aves	<i>Pteroglossus bitorquatus bitorquatus</i>	(V.II, 504)
Aves	<i>Puffinus lherminieri</i>	(V.II, 408)
Aves	<i>Pyriglena atra</i>	(V.II, 613)
Aves	<i>Pyriglena leuconota pernambucensis</i>	(V.II, 615)
Aves	<i>Pyrrhura anaca</i>	(V.II, 475)
Aves	<i>Pyrrhura cruentata</i>	(V.II, 477)
Aves	<i>Pyrrhura lepida coerulescens</i>	(V.II, 479)
Aves	<i>Pyrrhura lepida lepida</i>	(V.II, 480)
Aves	<i>Pyrrhura leucotis</i>	(V.II, 481)
Aves	<i>Pyrrhura pfrimeri</i>	(V.II, 483)
Aves	<i>Rhopornis ardesiaca</i>	(V.II, 616)
Aves	<i>Schiffornis turdinus intermedius</i>	(V.II, 591)
Aves	<i>Sclerurus caudacutus caliginus</i>	(V.II, 575)
Aves	<i>Sclerurus caudacutus umbretta</i>	(V.II, 576)
Aves	<i>Sclerurus scansor cearensis</i>	(V.II, 577)
Aves	<i>Scytalopus iraiensis</i>	(V.II, 594)
Aves	<i>Sporophila cinnamomea</i>	(V.II, 540)
Aves	<i>Sporophila falcistrostris</i>	(V.II, 542)
Aves	<i>Sporophila frontalis</i>	(V.II, 544)
Aves	<i>Sporophila melanogaster</i>	(V.II, 546)
Aves	<i>Sporophila nigrorufa</i>	(V.II, 548)
Aves	<i>Sporophila palustris</i>	(V.II, 549)
Aves	<i>Stymphalornis acutirostris</i>	(V.II, 618)
Aves	<i>Synallaxis cinerea</i>	(V.II, 578)
Aves	<i>Synallaxis infuscata</i>	(V.II, 580)
Aves	<i>Synallaxis simoni</i>	(V.II, 581)
Aves	<i>Tangara cyanocephala cearensis</i>	(V.II, 551)
Aves	<i>Tangara cyanocephala corallina</i>	(V.II, 552)
Aves	<i>Tangara fastuosa</i>	(V.II, 554)
Aves	<i>Taoniscus nanus</i>	(V.II, 387)
Aves	<i>Terenura sicki</i>	(V.II, 620)
Aves	<i>Thalassarche chlororhynchos</i>	(V.II, 396)
Aves	<i>Thalassarche melanophris</i>	(V.II, 398)
Aves	<i>Thalasseus maximus</i>	(V.II, 448)
Aves	<i>Thalurania watertonii</i>	(V.II, 495)
Aves	<i>Thamnophilus aethiops distans</i>	(V.II, 621)
Aves	<i>Thamnophilus caerulescens cearensis</i>	(V.II, 622)
Aves	<i>Thamnophilus caerulescens pernambucensis</i>	(V.II, 582)
Aves	<i>Thripophaga macroura</i>	(V.II, 418)
Aves	<i>Tigrisoma fasciatum</i>	(V.II, 517)
Aves	<i>Tijuca condita</i>	(V.II, 485)
Aves	<i>Touit melanonota</i>	(V.II, 643)

Aves	<i>Vireo gracilirostris</i>	(V.II, 555)
Aves	<i>Xanthopsar flavus</i>	(V.II, 583)
Aves	<i>Xenops minutus alagoanus</i>	(V.II, 529)
Aves	<i>Xiphocolaptes falcirostris</i>	(V.II, 518)
Aves	<i>Xipholena atropurpurea</i>	(V.II, 530)
Aves	<i>Xiphorhynchus fuscus atlanticus</i>	(V.I, 265)
Invertebrados Aquáticos	<i>Aegla cavernicola</i>	(V.I, 267)
Invertebrados Aquáticos	<i>Aegla leptochela</i>	(V.I, 268)
Invertebrados Aquáticos	<i>Aegla microphthalma</i>	(V.I, 236)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anheteromeyenia ornata</i>	(V.I, 208)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites elongatus</i>	(V.I, 210)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites ensiformis</i>	(V.I, 212)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites ferrarisi</i>	(V.I, 214)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites iheringi</i>	(V.I, 215)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites soleniformes</i>	(V.I, 217)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites tenebricosus</i>	(V.I, 218)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites trapesialis</i>	(V.I, 220)
Invertebrados Aquáticos	<i>Anodontites trapezeus</i>	(V.I, 186)
Invertebrados Aquáticos	<i>Asterina stellifera</i>	(V.I, 174)
Invertebrados Aquáticos	<i>Astropecten brasiliensis</i>	(V.I, 175)
Invertebrados Aquáticos	<i>Astropecten cingulatus</i>	(V.I, 177)
Invertebrados Aquáticos	<i>Astropecten marginatus</i>	(V.I, 270)
Invertebrados Aquáticos	<i>Atya gabonensis</i>	(V.I, 272)
Invertebrados Aquáticos	<i>Atya scabra</i>	(V.I, 221)
Invertebrados Aquáticos	<i>Bartlettia stefanensis</i>	(V.I, 250)
Invertebrados Aquáticos	<i>Cassidulus mitis</i>	(V.I, 192)
Invertebrados Aquáticos	<i>Castalia undosa</i>	(V.I, 169)
Invertebrados Aquáticos	<i>Ceriantheomorphe brasiliensis</i>	(V.I, 171)
Invertebrados Aquáticos	<i>Cerianthus brasiliensis</i>	(V.I, 166)
Invertebrados Aquáticos	<i>Condylactis gigantea</i>	(V.I, 238)
Invertebrados Aquáticos	<i>Corvoheteromeyenia australis</i>	(V.I, 239)
Invertebrados Aquáticos	<i>Corvoheteromeyenia heterosclera</i>	(V.I, 241)
Invertebrados Aquáticos	<i>Corvospongilla volkmeri</i>	(V.I, 172)
Invertebrados Aquáticos	<i>Coscinasterias tenuispina</i>	(V.I, 283)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diopatra cuprea</i>	(V.I, 194)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon caipira</i>	(V.I, 195)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon dunkerianus</i>	(V.I, 197)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon expansus</i>	(V.I, 198)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon fontainianus</i>	(V.I, 200)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon greeffeanus</i>	(V.I, 201)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon iheringi</i>	(V.I, 203)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon koseritzi</i>	(V.I, 204)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon martensi</i>	(V.I, 206)
Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon pfeifferi</i>	(V.I, 207)

Invertebrados Aquáticos	<i>Diplodon rotundus</i>	(VI, 182)
Invertebrados Aquáticos	<i>Echinaster (Othilia) brasiliensis</i>	(VI, 183)
Invertebrados Aquáticos	<i>Echinaster (Othilia) echinophorus</i>	(VI, 185)
Invertebrados Aquáticos	<i>Echinaster (Othilia) guyanensis</i>	(VI, 251)
Invertebrados Aquáticos	<i>Euclidaris tribuloides</i>	(VI, 282)
Invertebrados Aquáticos	<i>Eunice sebastiani</i>	(VI, 280)
Invertebrados Aquáticos	<i>Eurythoe complanata</i>	(VI, 223)
Invertebrados Aquáticos	<i>Fossula fossiculifera</i>	(VI, 274)
Invertebrados Aquáticos	<i>Gecarcinus lagostoma</i>	(VI, 242)
Invertebrados Aquáticos	<i>Heteromeyenia insignis</i>	(VI, 244)
Invertebrados Aquáticos	<i>Houssayella iguazuensis</i>	(VI, 264)
Invertebrados Aquáticos	<i>Hyaella caeca</i>	(VI, 260)
Invertebrados Aquáticos	<i>Isostichopus badionotus</i>	(VI, 224)
Invertebrados Aquáticos	<i>Leila blainvilliana</i>	(VI, 226)
Invertebrados Aquáticos	<i>Leila esula</i>	(VI, 188)
Invertebrados Aquáticos	<i>Linckia guildingi</i>	(VI, 178)
Invertebrados Aquáticos	<i>Luidia clathrata</i>	(VI, 179)
Invertebrados Aquáticos	<i>Luidia ludwigi</i>	(VI, 181)
Invertebrados Aquáticos	<i>Luidia senegalensis</i>	(VI, 277)
Invertebrados Aquáticos	<i>Macrobrachium carcinus</i>	(VI, 249)
Invertebrados Aquáticos	<i>Metania kiliani</i>	(VI, 262)
Invertebrados Aquáticos	<i>Millepora alcicornis</i>	(VI, 279)
Invertebrados Aquáticos	<i>Minyocerus angustus</i>	(VI, 227)
Invertebrados Aquáticos	<i>Monocondylaea paraguayana</i>	(VI, 229)
Invertebrados Aquáticos	<i>Mycetopoda legumen</i>	(VI, 231)
Invertebrados Aquáticos	<i>Mycetopoda siliquosa</i>	(VI, 189)
Invertebrados Aquáticos	<i>Narcissia trigonaria</i>	(VI, 257)
Invertebrados Aquáticos	<i>Natica micra</i>	(VI, 233)
Invertebrados Aquáticos	<i>Oncosclera jewelli</i>	(VI, 191)
Invertebrados Aquáticos	<i>Oreaster reticulatus</i>	(VI, 253)
Invertebrados Aquáticos	<i>Paracentrotus gaimardi</i>	(VI, 275)
Invertebrados Aquáticos	<i>Percnon gibbesii</i>	(VI, 258)
Invertebrados Aquáticos	<i>Petalconchus myrakeenae</i>	(VI, 168)
Invertebrados Aquáticos	<i>Phyllogorgia dilatata</i>	(VI, 255)
Invertebrados Aquáticos	<i>Potamolithus troglobius</i>	(VI, 246)
Invertebrados Aquáticos	<i>Racekiela sheilae</i>	(VI, 235)
Invertebrados Aquáticos	<i>Sterrastrolepis brasiliensis</i>	(VI, 259)
Invertebrados Aquáticos	<i>Synaptula secreta</i>	(VI, 247)
Invertebrados Aquáticos	<i>Uruguaya corallioides</i>	(VI, 254)
Invertebrados Aquáticos	<i>Willeya loya</i>	(VI, 452)
Invertebrados Terrestres	<i>Acanthagrion taxaensis</i>	(VI, 385)
Invertebrados Terrestres	<i>Acromyrmex diasi</i>	(VI, 402)
Invertebrados Terrestres	<i>Actinote quadra</i>	(VI, 403)
Invertebrados Terrestres	<i>Actinote zikani</i>	(VI, 451)

Invertebrados Terrestres	<i>Aeshna eduardoi</i>	(VI, 360)
Invertebrados Terrestres	<i>Agacephala margaridae</i>	(VI, 333)
Invertebrados Terrestres	<i>Anapistula guyri</i>	(VI, 400)
Invertebrados Terrestres	<i>Arawacus aethesa</i>	(VI, 369)
Invertebrados Terrestres	<i>Arrhopalites amorimi</i>	(VI, 370)
Invertebrados Terrestres	<i>Arrhopalites gnaspinius</i>	(VI, 372)
Invertebrados Terrestres	<i>Arrhopalites lawrencei</i>	(VI, 373)
Invertebrados Terrestres	<i>Arrhopalites papaveroi</i>	(VI, 375)
Invertebrados Terrestres	<i>Arrhopalites wallacei</i>	(VI, 386)
Invertebrados Terrestres	<i>Atta robusta</i>	(VI, 404)
Invertebrados Terrestres	<i>Caenoptychia bouletti</i>	(VI, 405)
Invertebrados Terrestres	<i>Callicore hydarnis</i>	(VI, 324)
Invertebrados Terrestres	<i>Charinus troglobius</i>	(VI, 438)
Invertebrados Terrestres	<i>Charonias theano theano</i>	(VI, 347)
Invertebrados Terrestres	<i>Coarazuphium bezerra</i>	(VI, 348)
Invertebrados Terrestres	<i>Coarazuphium cessaima</i>	(VI, 349)
Invertebrados Terrestres	<i>Coarazuphium pains</i>	(VI, 351)
Invertebrados Terrestres	<i>Coarazuphium tessai</i>	(VI, 391)
Invertebrados Terrestres	<i>Dasyophthalma delanira</i>	(VI, 406)
Invertebrados Terrestres	<i>Dasyophthalma geraensis</i>	(VI, 407)
Invertebrados Terrestres	<i>Dasyophthalma vertebralis</i>	(VI, 408)
Invertebrados Terrestres	<i>Dichotomius schiffleri</i>	(VI, 367)
Invertebrados Terrestres	<i>Dinoponera lucida</i>	(VI, 388)
Invertebrados Terrestres	<i>Dirphia monticola</i>	(VI, 449)
Invertebrados Terrestres	<i>Doryphora reticulata</i>	(VI, 356)
Invertebrados Terrestres	<i>Doxocopa zalmunna</i>	(VI, 409)
Invertebrados Terrestres	<i>Drephalys miersi</i>	(VI, 392)
Invertebrados Terrestres	<i>Drephalys mourei</i>	(VI, 393)
Invertebrados Terrestres	<i>Dynastes hercules paschoali</i>	(VI, 361)
Invertebrados Terrestres	<i>Ensiforma caerulea</i>	(VI, 357)
Invertebrados Terrestres	<i>Episcada vitrea</i>	(VI, 411)
Invertebrados Terrestres	<i>Eresia erysice erysice</i>	(VI, 412)
Invertebrados Terrestres	<i>Eucorna sanarita</i>	(VI, 443)
Invertebrados Terrestres	<i>Eurytides iphitas</i>	(VI, 429)
Invertebrados Terrestres	<i>Euselasia eberti</i>	(VI, 444)
Invertebrados Terrestres	<i>Exomalopsis (Phanomalopsis) atlantica</i>	(VI, 380)
Invertebrados Terrestres	<i>Fimoscolex sporadochaetus</i>	(VI, 462)
Invertebrados Terrestres	<i>Giupponia chagasi</i>	(VI, 335)
Invertebrados Terrestres	<i>Gonyostomus henseli</i>	(VI, 477)
Invertebrados Terrestres	<i>Gonyostomus insularis</i>	(VI, 478)
Invertebrados Terrestres	<i>Grasseia menelaus eberti</i>	(VI, 413)
Invertebrados Terrestres	<i>Heliconius nattereri</i>	(VI, 414)
Invertebrados Terrestres	<i>Heraclides himeros baia</i>	(VI, 430)
Invertebrados Terrestres	<i>Heraclides himeros himeros</i>	(VI, 431)

Invertebrados Terrestres	<i>Hesperocharis emeris emeris</i>	(VI, 439)
Invertebrados Terrestres	<i>Heteragrion obsoletum</i>	(VI, 458)
Invertebrados Terrestres	<i>Heteragrion petiense</i>	(VI, 459)
Invertebrados Terrestres	<i>Hyaliris flammetta</i>	(VI, 415)
Invertebrados Terrestres	<i>Hyaliris leptalina</i>	(VI, 416)
Invertebrados Terrestres	<i>Hypocephalus armatus</i>	(VI, 354)
Invertebrados Terrestres	<i>Hypoleria fallens</i>	(VI, 417)
Invertebrados Terrestres	<i>Ianduba caxixe</i>	(VI, 326)
Invertebrados Terrestres	<i>Ianduba patua</i>	(VI, 327)
Invertebrados Terrestres	<i>Ianduba paubrasil</i>	(VI, 328)
Invertebrados Terrestres	<i>Ianduba vatapa</i>	(VI, 329)
Invertebrados Terrestres	<i>Iandumoema uai</i>	(VI, 336)
Invertebrados Terrestres	<i>Leodesmus yporangae</i>	(VI, 342)
Invertebrados Terrestres	<i>Leptagrion acutum</i>	(VI, 453)
Invertebrados Terrestres	<i>Magnastigma julia</i>	(VI, 401)
Invertebrados Terrestres	<i>Maxchernes iporangae</i>	(VI, 339)
Invertebrados Terrestres	<i>Mecistogaster pronoti</i>	(VI, 460)
Invertebrados Terrestres	<i>Megalobulimus cardosoi</i>	(VI, 470)
Invertebrados Terrestres	<i>Megalobulimus grandis</i>	(VI, 471)
Invertebrados Terrestres	<i>Megalobulimus lopesi</i>	(VI, 472)
Invertebrados Terrestres	<i>Megalobulimus parafragilior</i>	(VI, 473)
Invertebrados Terrestres	<i>Megalobulimus proclivis</i>	(VI, 474)
Invertebrados Terrestres	<i>Megasoma actaeon janus</i>	(VI, 363)
Invertebrados Terrestres	<i>Megasoma gyas gyas</i>	(VI, 364)
Invertebrados Terrestres	<i>Megasoma gyas rumbucheri</i>	(VI, 366)
Invertebrados Terrestres	<i>Melinaea mnasias thera</i>	(VI, 418)
Invertebrados Terrestres	<i>Melipona capixaba</i>	(VI, 381)
Invertebrados Terrestres	<i>Mimoides lysithous harrisianus</i>	(VI, 432)
Invertebrados Terrestres	<i>Minagrion mecistogastrum</i>	(VI, 455)
Invertebrados Terrestres	<i>Mirinaba curytibana</i>	(VI, 479)
Invertebrados Terrestres	<i>Moschoneura methymna</i>	(VI, 440)
Invertebrados Terrestres	<i>Napeogenes cyrianassa xanthone</i>	(VI, 419)
Invertebrados Terrestres	<i>Narope guilhermei</i>	(VI, 420)
Invertebrados Terrestres	<i>Nirodia belphegor</i>	(VI, 445)
Invertebrados Terrestres	<i>Ochropyge ruficauda</i>	(VI, 395)
Invertebrados Terrestres	<i>Olafia roscius iphimedia</i>	(VI, 421)
Invertebrados Terrestres	<i>Orobassolis ornamentalis</i>	(VI, 337)
Invertebrados Terrestres	<i>Pachylospeleus strinatii</i>	(VI, 422)
Invertebrados Terrestres	<i>Paititia neglecta</i>	(VI, 423)
Invertebrados Terrestres	<i>Pampasatyirus gyrtone</i>	(VI, 446)
Invertebrados Terrestres	<i>Panara ovifera</i>	(VI, 442)
Invertebrados Terrestres	<i>Parapoynx restingalis</i>	(VI, 396)
Invertebrados Terrestres	<i>Parelbella polyzona</i>	(VI, 433)
Invertebrados Terrestres	<i>Parides ascanius</i>	(VI, 434)

Invertebrados Terrestres	<i>Parides bunichus chamissonia</i>	(VI, 435)
Invertebrados Terrestres	<i>Parides burchellanus</i>	(VI, 436)
Invertebrados Terrestres	<i>Parides lysander mattogrossensis</i>	(VI, 437)
Invertebrados Terrestres	<i>Parides panthonus castilhoi</i>	(VI, 343)
Invertebrados Terrestres	<i>Peridontodesmella alba</i>	(VI, 467)
Invertebrados Terrestres	<i>Peripatus acacioi</i>	(VI, 379)
Invertebrados Terrestres	<i>Perissophlebiodes flinti</i>	(VI, 441)
Invertebrados Terrestres	<i>Perrhybris flava</i>	(VI, 424)
Invertebrados Terrestres	<i>Pessonia epistrophus nikolajewna</i>	(VI, 447)
Invertebrados Terrestres	<i>Petrocerus catiena</i>	(VI, 331)
Invertebrados Terrestres	<i>Phoneutria bahiensis</i>	(VI, 355)
Invertebrados Terrestres	<i>Plaumanniella novateutoniae</i>	(VI, 425)
Invertebrados Terrestres	<i>Polygrapha suprema</i>	(VI, 456)
Invertebrados Terrestres	<i>Praeviogomphus proprius</i>	(VI, 426)
Invertebrados Terrestres	<i>Pseudocercyonis glaucope boenninghausi</i>	(VI, 340)
Invertebrados Terrestres	<i>Pseudochthonius strinatii</i>	(VI, 397)
Invertebrados Terrestres	<i>Pseudocroniades machaon seabrai</i>	(VI, 476)
Invertebrados Terrestres	<i>Rectartemon depressus</i>	(VI, 346)
Invertebrados Terrestres	<i>Rhinocricus padbergi</i>	(VI, 464)
Invertebrados Terrestres	<i>Rhinodrilus alatus</i>	(VI, 465)
Invertebrados Terrestres	<i>Rhinodrilus fajner</i>	(VI, 427)
Invertebrados Terrestres	<i>Scada karschina delicata</i>	(VI, 359)
Invertebrados Terrestres	<i>Schematiza aneurica</i>	(VI, 352)
Invertebrados Terrestres	<i>Schizogenius ocellatus</i>	(VI, 390)
Invertebrados Terrestres	<i>Simopelta minima</i>	(VI, 338)
Invertebrados Terrestres	<i>Spaeleoleptes spaeleus</i>	(VI, 332)
Invertebrados Terrestres	<i>Stegodyphus manaus</i>	(VI, 325)
Invertebrados Terrestres	<i>Taczanowskia trilobata</i>	(VI, 428)
Invertebrados Terrestres	<i>Tithorea harmonia caissara</i>	(VI, 468)
Invertebrados Terrestres	<i>Tomigerus (Biotocus) turbinatus</i>	(VI, 469)
Invertebrados Terrestres	<i>Tomigerus (Digerus) gibberulus</i>	(VI, 376)
Invertebrados Terrestres	<i>Trogolaphysa aelleni</i>	(VI, 377)
Invertebrados Terrestres	<i>Trogolaphysa hauseri</i>	(VI, 398)
Invertebrados Terrestres	<i>Turmada camposa</i>	(VI, 448)
Invertebrados Terrestres	<i>Xenandra heliodes dibapha</i>	(VI, 383)
Invertebrados Terrestres	<i>Xylocopa (Diaxylocopa) truxali</i>	(VI, 344)
Invertebrados Terrestres	<i>Yporangiella stygius</i>	(VI, 399)
Invertebrados Terrestres	<i>Zonia zonia diabo</i>	(VII, 722)
Mamíferos	<i>Alouatta belzebul ululata</i>	(VII, 724)
Mamíferos	<i>Alouatta guariba guariba</i>	(VII, 726)
Mamíferos	<i>Ateles belzebuth</i>	(VII, 728)
Mamíferos	<i>Ateles marginatus</i>	(VII, 804)
Mamíferos	<i>Balaenoptera borealis</i>	(VII, 806)
Mamíferos	<i>Balaenoptera musculus</i>	(VII, 808)

Mamíferos	<i>Balaenoptera physalus</i>	(V.II, 820)	Mamíferos	<i>Phaenomys ferrugineus</i>	(V.II, 826)
Mamíferos	<i>Blastocerus dichotomus</i>	(V.II, 730)	Mamíferos	<i>Phyllomys brasiliensis</i>	(V.II, 828)
Mamíferos	<i>Brachyteles arachnoides</i>	(V.II, 733)	Mamíferos	<i>Phyllomys thomasi</i>	(V.II, 830)
Mamíferos	<i>Brachyteles hypoxanthus</i>	(V.II, 704)	Mamíferos	<i>Phyllomys unicolor</i>	(V.II, 812)
Mamíferos	<i>Bradypus torquatus</i>	(V.II, 760)	Mamíferos	<i>Physeter macrocephalus</i>	(V.II, 717)
Mamíferos	<i>Cacajao calvus calvus</i>	(V.II, 762)	Mamíferos	<i>Platyrrhinus recifinus</i>	(V.II, 814)
Mamíferos	<i>Cacajao calvus novaesi</i>	(V.II, 764)	Mamíferos	<i>Pontoporia blainvillei</i>	(V.II, 707)
Mamíferos	<i>Cacajao calvus rubicundus</i>	(V.II, 766)	Mamíferos	<i>Priodontes maximus</i>	(V.II, 800)
Mamíferos	<i>Callicebus barbarabrownae</i>	(V.II, 769)	Mamíferos	<i>Pteronura brasiliensis</i>	(V.II, 795)
Mamíferos	<i>Callicebus coimbrai</i>	(V.II, 772)	Mamíferos	<i>Puna concolor capricornensis</i>	(V.II, 798)
Mamíferos	<i>Callicebus melanochir</i>	(V.II, 774)	Mamíferos	<i>Puna concolor greeni</i>	(V.II, 838)
Mamíferos	<i>Callicebus personatus</i>	(V.II, 823)	Mamíferos	<i>Rhagomys rufescens</i>	(V.II, 750)
Mamíferos	<i>Callistomys pictus</i>	(V.II, 735)	Mamíferos	<i>Saguinus bicolor</i>	(V.II, 758)
Mamíferos	<i>Callithrix aurita</i>	(V.II, 738)	Mamíferos	<i>Saimiri vanzolinii</i>	(V.II, 783)
Mamíferos	<i>Callithrix flaviceps</i>	(V.II, 703)	Mamíferos	<i>Speothos venaticus</i>	(V.II, 709)
Mamíferos	<i>Caluromysiops irrupta</i>	(V.II, 825)	Mamíferos	<i>Tolypeutes tricinctus</i>	(V.II, 816)
Mamíferos	<i>Carterodon sulcidens</i>	(V.II, 752)	Mamíferos	<i>Trichechus inunguis</i>	(V.II, 818)
Mamíferos	<i>Cebus kaapori</i>	(V.II, 754)	Mamíferos	<i>Trichechus manatus</i>	(V.II, 840)
Mamíferos	<i>Cebus robustus</i>	(V.II, 756)	Mamíferos	<i>Wilfredomys oenax</i>	(V.II, 225)
Mamíferos	<i>Cebus xanthosternos</i>	(V.II, 832)	Peixes	<i>Aguarunichthys tocantinsensis</i>	(V.II, 212)
Mamíferos	<i>Chaetomys subspinosus</i>	(V.II, 776)	Peixes	<i>Ancistrus formoso</i>	(V.II, 197)
Mamíferos	<i>Chiropotes satanas</i>	(V.II, 778)	Peixes	<i>Anthias salmopunctatus</i>	(V.II, 45)
Mamíferos	<i>Chiropotes utahicki</i>	(V.II, 780)	Peixes	<i>Astyanax gymnogynis</i>	(V.II, 109)
Mamíferos	<i>Chrysocyon brachyurus</i>	(V.II, 841)	Peixes	<i>Austrolebias adloffii</i>	(V.II, 110)
Mamíferos	<i>Ctenomys flamarioni</i>	(V.II, 802)	Peixes	<i>Austrolebias affinis</i>	(V.II, 111)
Mamíferos	<i>Eubalaena australis</i>	(V.II, 834)	Peixes	<i>Austrolebias alexandri</i>	(V.II, 112)
Mamíferos	<i>Juscelinomys candango</i>	(V.II, 835)	Peixes	<i>Austrolebias carvalhoi</i>	(V.II, 113)
Mamíferos	<i>Kunsia fronto</i>	(V.II, 719)	Peixes	<i>Austrolebias charrua</i>	(V.II, 115)
Mamíferos	<i>Lasiurus ebenus</i>	(V.II, 740)	Peixes	<i>Austrolebias cyaneus</i>	(V.II, 116)
Mamíferos	<i>Leontopithecus caissara</i>	(V.II, 742)	Peixes	<i>Austrolebias ibicuiensis</i>	(V.II, 117)
Mamíferos	<i>Leontopithecus chrysomelas</i>	(V.II, 744)	Peixes	<i>Austrolebias luteoflammulatus</i>	(V.II, 118)
Mamíferos	<i>Leontopithecus chrysopygus</i>	(V.II, 747)	Peixes	<i>Austrolebias minuano</i>	(V.II, 119)
Mamíferos	<i>Leontopithecus rosalia</i>	(V.II, 785)	Peixes	<i>Austrolebias nigrofasciatus</i>	(V.II, 121)
Mamíferos	<i>Leopardus pardalis mitis</i>	(V.II, 787)	Peixes	<i>Austrolebias periodicus</i>	(V.II, 191)
Mamíferos	<i>Leopardus tigrinus</i>	(V.II, 789)	Peixes	<i>Bodianus insularis</i>	(V.II, 47)
Mamíferos	<i>Leopardus wiedii</i>	(V.II, 714)	Peixes	<i>Brycon devillei</i>	(V.II, 48)
Mamíferos	<i>Lonchophylla bokermanni</i>	(V.II, 715)	Peixes	<i>Brycon insignis</i>	(V.II, 50)
Mamíferos	<i>Lonchophylla dekeyseri</i>	(V.II, 822)	Peixes	<i>Brycon nattereri</i>	(V.II, 52)
Mamíferos	<i>Mazama nana</i>	(V.II, 810)	Peixes	<i>Brycon opalinus</i>	(V.II, 54)
Mamíferos	<i>Megaptera novaeangliae</i>	(V.II, 721)	Peixes	<i>Brycon orbignyianus</i>	(V.II, 57)
Mamíferos	<i>Myotis ruber</i>	(V.II, 711)	Peixes	<i>Brycon vermelha</i>	(V.II, 58)
Mamíferos	<i>Myrmecophaga tridactyla</i>	(V.II, 791)	Peixes	<i>Bryconamericus lambari</i>	(V.II, 122)
Mamíferos	<i>Oncifelis colocolo</i>	(V.II, 793)	Peixes	<i>Campellolebias brucei</i>	(V.II, 123)
Mamíferos	<i>Panthera onca</i>	(V.II, 836)	Peixes	<i>Campellolebias chrysolineatus</i>	(V.II, 124)

Peixes	<i>Campellolebias dorsimaculatus</i>	(V.II, 26)	Peixes	<i>Leptolebias marmoratus</i>	(V.II, 133)
Peixes	<i>Cetorhinus maximus</i>	(V.II, 100)	Peixes	<i>Leptolebias minimus</i>	(V.II, 135)
Peixes	<i>Characidium grajahuensis</i>	(V.II, 101)	Peixes	<i>Leptolebias opalescens</i>	(V.II, 136)
Peixes	<i>Characidium lagosantensis</i>	(V.II, 103)	Peixes	<i>Leptolebias splendens</i>	(V.II, 75)
Peixes	<i>Characidium vestigipinne</i>	(V.II, 204)	Peixes	<i>Lignobrycon myersi</i>	(V.II, 243)
Peixes	<i>Chasmocranus brachynema</i>	(V.II, 226)	Peixes	<i>Listrura camposi</i>	(V.II, 245)
Peixes	<i>Conorhynchos conirostris</i>	(V.II, 60)	Peixes	<i>Listrura nematopteryx</i>	(V.II, 246)
Peixes	<i>Coptobrycon bilineatus</i>	(V.II, 200)	Peixes	<i>Listrura tetradactyla</i>	(V.II, 137)
Peixes	<i>Corydoras macropterus</i>	(V.II, 180)	Peixes	<i>Maratecoara formosa</i>	(V.II, 139)
Peixes	<i>Crenicichla cyclostoma</i>	(V.II, 181)	Peixes	<i>Megalebias wolterstorffi</i>	(V.II, 247)
Peixes	<i>Crenicichla jegui</i>	(V.II, 183)	Peixes	<i>Microcambeva barbata</i>	(V.II, 77)
Peixes	<i>Crenicichla jupiaiensis</i>	(V.II, 126)	Peixes	<i>Mimagoniates lateralis</i>	(V.II, 79)
Peixes	<i>Cynolebias griseus</i>	(V.II, 213)	Peixes	<i>Mimagoniates rheocharis</i>	(V.II, 80)
Peixes	<i>Delturus parahybae</i>	(V.II, 176)	Peixes	<i>Mimagoniates sylvicola</i>	(V.II, 25)
Peixes	<i>Eigenmannia vicentespelaea</i>	(V.II, 188)	Peixes	<i>Mustelus schmitti</i>	(V.II, 82)
Peixes	<i>Elacatinus figaro</i>	(V.II, 23)	Peixes	<i>Mylesinus paucisquamatus</i>	(V.II, 83)
Peixes	<i>Galeorhinus galeus</i>	(V.II, 28)	Peixes	<i>Myleus tiete</i>	(V.II, 22)
Peixes	<i>Ginglymostoma cirratum</i>	(V.II, 62)	Peixes	<i>Negaprion brevirostris</i>	(V.II, 85)
Peixes	<i>Glandulocauda melanogenys</i>	(V.II, 63)	Peixes	<i>Nematocharax venustus</i>	(V.II, 140)
Peixes	<i>Glandulocauda melanopleura</i>	(V.II, 190)	Peixes	<i>Nematolebias whitei</i>	(V.II, 87)
Peixes	<i>Gramma brasiliensis</i>	(V.II, 184)	Peixes	<i>Ossubtus xinguense</i>	(V.II, 104)
Peixes	<i>Gymnogeophagus setequedas</i>	(V.II, 215)	Peixes	<i>Phalloptychus eigenmanni</i>	(V.II, 106)
Peixes	<i>Harttia rhombocephala</i>	(V.II, 65)	Peixes	<i>Phallotorynus fasciolatus</i>	(V.II, 107)
Peixes	<i>Hasemania maxillaris</i>	(V.II, 67)	Peixes	<i>Phallotorynus jucundus</i>	(V.II, 230)
Peixes	<i>Hasemania melanura</i>	(V.II, 216)	Peixes	<i>Pimelodella kroni</i>	(V.II, 141)
Peixes	<i>Hemiancistrus chlorostictus</i>	(V.II, 217)	Peixes	<i>Plesiolebias xavantei</i>	(V.II, 222)
Peixes	<i>Hemipsilichthys garbei</i>	(V.II, 219)	Peixes	<i>Pogonopoma parahybae</i>	(V.II, 40)
Peixes	<i>Hemipsilichthys mutuca</i>	(V.II, 68)	Peixes	<i>Potamobatrachus trispinosus</i>	(V.II, 31)
Peixes	<i>Henochilus wheatlandii</i>	(V.II, 228)	Peixes	<i>Pristis pectinata</i>	(V.II, 33)
Peixes	<i>Heptaterus multiradiatus</i>	(V.II, 241)	Peixes	<i>Pristis perotteti</i>	(V.II, 178)
Peixes	<i>Homodiaetus graciosa</i>	(V.II, 242)	Peixes	<i>Prognathodes obliquus</i>	(V.II, 223)
Peixes	<i>Homodiaetus passarelii</i>	(V.II, 220)	Peixes	<i>Pseudotocinclus tietensis</i>	(V.II, 89)
Peixes	<i>Hypancistrus zebra</i>	(V.II, 71)	Peixes	<i>Rachoviscus crassiceps</i>	(V.II, 90)
Peixes	<i>Hyphessobrycon duragenys</i>	(V.II, 72)	Peixes	<i>Rachoviscus graciliceps</i>	(V.II, 206)
Peixes	<i>Hyphessobrycon flammeus</i>	(V.II, 74)	Peixes	<i>Rhamdia jequitinhonha</i>	(V.II, 208)
Peixes	<i>Hyphessobrycon taurocephalus</i>	(V.II, 20)	Peixes	<i>Rhamdiopsis microcephala</i>	(V.II, 30)
Peixes	<i>Isogomphodon oxyrinchus</i>	(V.II, 203)	Peixes	<i>Rhincodon typus</i>	(V.II, 35)
Peixes	<i>Kalyptodoras bahiensis</i>	(V.II, 42)	Peixes	<i>Rhinobatos horkelii</i>	(V.II, 44)
Peixes	<i>Leporinus thayeri</i>	(V.II, 202)	Peixes	<i>Sartor tucuruense</i>	(V.II, 195)
Peixes	<i>Lepthoplosternum tordilho</i>	(V.II, 127)	Peixes	<i>Scarus guacamaia</i>	(V.II, 142)
Peixes	<i>Leptolebias citrinipinnis</i>	(V.II, 128)	Peixes	<i>Simpsonichthys alternatus</i>	(V.II, 144)
Peixes	<i>Leptolebias cruzi</i>	(V.II, 130)	Peixes	<i>Simpsonichthys auratus</i>	(V.II, 145)
Peixes	<i>Leptolebias fractifasciatus</i>	(V.II, 131)	Peixes	<i>Simpsonichthys boitonei</i>	(V.II, 147)
Peixes	<i>Leptolebias leitaoi</i>	(V.II, 132)	Peixes	<i>Simpsonichthys bokermanni</i>	(V.II, 148)

Peixes	<i>Simpsonichthys constanciae</i>	(V.II, 149)	Répteis	<i>Caretta caretta</i>	(V.II, 357)
Peixes	<i>Simpsonichthys flammeus</i>	(V.II, 151)	Répteis	<i>Chelonia mydas</i>	(V.II, 359)
Peixes	<i>Simpsonichthys fulminantis</i>	(V.II, 152)	Répteis	<i>Cnemidophorus abaetensis</i>	(V.II, 339)
Peixes	<i>Simpsonichthys ghisolfi</i>	(V.II, 153)	Répteis	<i>Cnemidophorus littoralis</i>	(V.II, 340)
Peixes	<i>Simpsonichthys hellneri</i>	(V.II, 154)	Répteis	<i>Cnemidophorus nativo</i>	(V.II, 342)
Peixes	<i>Simpsonichthys izecksohni</i>	(V.II, 156)	Répteis	<i>Cnemidophorus vacariensis</i>	(V.II, 344)
Peixes	<i>Simpsonichthys magnificus</i>	(V.II, 157)	Répteis	<i>Corallus cropanii</i>	(V.II, 349)
Peixes	<i>Simpsonichthys marginatus</i>	(V.II, 158)	Répteis	<i>Dermochelys coriacea</i>	(V.II, 366)
Peixes	<i>Simpsonichthys multiradiatus</i>	(V.II, 160)	Répteis	<i>Dipsas albifrons cavalheiroi</i>	(V.II, 350)
Peixes	<i>Simpsonichthys myersi</i>	(V.II, 161)	Répteis	<i>Eretmochelys imbricata</i>	(V.II, 362)
Peixes	<i>Simpsonichthys notatus</i>	(V.II, 162)	Répteis	<i>Heterodactylus lundii</i>	(V.II, 335)
Peixes	<i>Simpsonichthys parallelus</i>	(V.II, 164)	Répteis	<i>Lepidochelys olivacea</i>	(V.II, 364)
Peixes	<i>Simpsonichthys perpendicularis</i>	(V.II, 165)	Répteis	<i>Liolaemus lutzae</i>	(V.II, 345)
Peixes	<i>Simpsonichthys rosaceus</i>	(V.II, 166)	Répteis	<i>Liolaemus occipitalis</i>	(V.II, 347)
Peixes	<i>Simpsonichthys rufus</i>	(V.II, 167)	Répteis	<i>Phrynops hogeni</i>	(V.II, 355)
Peixes	<i>Simpsonichthys santanae</i>	(V.II, 168)	Répteis	<i>Placosoma cipoense</i>	(V.II, 336)
Peixes	<i>Simpsonichthys similis</i>	(V.II, 170)			
Peixes	<i>Simpsonichthys stellatus</i>	(V.II, 171)			
Peixes	<i>Simpsonichthys trilineatus</i>	(V.II, 172)			
Peixes	<i>Simpsonichthys zonatus</i>	(V.II, 173)			
Peixes	<i>Spectrolebias semiocellatus</i>	(V.II, 92)			
Peixes	<i>Spintherobolus ankoseion</i>	(V.II, 94)			
Peixes	<i>Spintherobolus broccae</i>	(V.II, 95)			
Peixes	<i>Spintherobolus leptoura</i>	(V.II, 96)			
Peixes	<i>Spintherobolus papilliferus</i>	(V.II, 37)			
Peixes	<i>Squatina guggenheim</i>	(V.II, 39)			
Peixes	<i>Squatina occulta</i>	(V.II, 193)			
Peixes	<i>Stegastes sanctipauli</i>	(V.II, 232)			
Peixes	<i>Steindachneridion amblyura</i>	(V.II, 234)			
Peixes	<i>Steindachneridion doceana</i>	(V.II, 236)			
Peixes	<i>Steindachneridion parahybae</i>	(V.II, 239)			
Peixes	<i>Steindachneridion scripta</i>	(V.II, 175)			
Peixes	<i>Sternarchorhynchus britskii</i>	(V.II, 98)			
Peixes	<i>Stylichthys typhlops</i>	(V.II, 199)			
Peixes	<i>Tatia boemia</i>	(V.II, 210)			
Peixes	<i>Taunaya bifasciata</i>	(V.II, 186)			
Peixes	<i>Teleocichla cinderella</i>	(V.II, 249)			
Peixes	<i>Trichogenes longipinnis</i>	(V.II, 250)			
Peixes	<i>Trichomycterus castroi</i>	(V.II, 252)			
Peixes	<i>Trichomycterus itacarambiensis</i>	(V.II, 253)			
Peixes	<i>Trichomycterus paolence</i>	(V.II, 337)			
Répteis	<i>Anisolepis undulatus</i>	(V.II, 351)			
Répteis	<i>Bothrops alcatraz</i>	(V.II, 352)			
Répteis	<i>Bothrops insularis</i>	(V.II, 354)			
Répteis	<i>Bothrops pirajai</i>				

Este livro foi impresso pela Gráfica e Editora Rona Ltda, para a Fundação Biodiversitas. Sendo capa no papel Cartão Supremo 250g e miolo em couchê fosco 80g. Tiragem de 2000 exemplares. Belo Horizonte, julho de 2008.